23613

SÉRIE PUIGGARI-BARRETO

Quarto Livro

DE

LEITURA

PELOS PROFESSORES

Arnaldo de Oliveira Barreto

e Romão Puiggari

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO. — Rua do Ouvidor, 166

BELLO HORIZONTE
Rua da Bahia

S. PAULO
65, Rua de S. Bento, 65

1909

SA
38-8
45

Biblioteca Nacional de Maestros

A
6 - 10
35

00001442

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca Nacional de Maestros

QUARTO LIVRO

de

LEITURA

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca Nacional de Maestros

SÉRIE PUIGGARI-BARRETO

23603

O. R.

C. N. de E.

QUARTO LIVRO

de

LEITURA

pelos professores

Arnaldo de Oliveira BARRETO

e Romão PUIGGARI

BIBLIOTECA NACIONAL DE MAESTROS

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO. — Rua do Ouvidor, 166

BELLO HORIZONTE
Rua da Bahia

S. PAULO
65, Rua de S. Bento, 65

1909

114 x 176

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca Nacional de Maestros

Como preito

de

immensa saudade

pelo inesquecivel amigo e companheiro

Romão PUIGGARI

Cujo formoso coração semeou ainda fecundas virtudes nas paginas deste livro

off. ded. e consagra.

ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO.

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca Nacional de Maestros

AOS SNRS. PROFESSORES

Nosso modesto trabalho, conforme já o declarámos nos livros anteriores, é mais didactico que literario; por isso não citamos parcialmente as fontes de onde respigámos muitos dos assumptos que vão entremeiados ás producções originaes. Entretanto, a probidade manda que declaremos que, para a feitura deste volume, nos aproveitámos dos trabalhos de Mantegazza, Edmundo de Amicis, Oreste Boni, Julio Ribeiro e outros autores cujo nome nos não lembra agora.

Para as palavras do nosso illustre collega, Ramon Roca Dordal, insertas no fim deste volume, chamamos a melhor attenção dos illustres professores paulistas, que acaso adoptem, em suas aulas, esta modesta série de livros de leitura.

Os autores

Biblioteca Nacional de Maestros

Biblioteca Nacional de Maestros

UMA CARTA

Naquella manhã, ao saltar da cama, Paulo avistou, sobre a commoda de canella preta, um enveloppe fechado, alli posto, ao que parecia, de proposito para chamar sua attenção.

Por curiosidade approximou-se para lêr o endereço, e verificou, com certa admiração, que continha o seu nome.

Quem lhe teria escripto?

Attentando melhor na letra, nella reconheceu a calligraphia de seu pai.

Sobresaltou-o logo uma vaga inquietação.

Havia dous mezes que, por indesculpavel indolencia, andava a descurar os estudos; e as notas baixas do seu boletim mensal já tinham attrahido a attenção do Dr. Silva Ramos, que o interpellára mesmo a respeito.

Biblioteca Nacional de Maestros

Gaguejára, então, para justificar-se, umas desculpas absurdas, timidamente, com voz mal firme, como si a mão da consciencia lhe estringisse, indignada, a garganta, para evitar em tempo a covarde mentira que lhe ia a fugir pela boca.

Não obstante, e julgando-se acreditado de seu pai, que se calára, na intenção talvez de deixal-o arrepender-se e espontaneamente corrigir-se, Paulo, passado o susto, reentregou-se á mesma vida madraça de antanho, sem tentar a menor reacção contra a preguiça que o empolgava!

Mas, sentia sempre suspensa no ar a ameaça do castigo, e, por isso qualquer cousa, um olhar, uma palavra dita sem segunda intenção, o acaso de não avistar o pai durante um dia, tudo o impressionava, tudo o sobresaltava, temendo lhe estalasse emfim o raio sobre a cabeça!

Conteria aquelle enveloppe, emfim, a reprimenda esperada, mas tão temida? perguntava-se Paulo, segurando-o na mão indecisa por abril-o.

Contivesse-a ou não, era de seu dever inteirar-se do que lhe escrevia o pai. Era uma ordem implicita, a que tinha de obedecer.

Biblioteca Nacional de Maestros

Firme nesta idéa, rasgou resolutamente o enveloppe, tirou a carta, que abriu nervosamente, e leu : « Meu querido filho. »

Subita commoção, porém, lhe empanou de lagrimas os olhos, emquanto do coração lhe ascendia aos labios, numa onda de ternura, esta irreprimivel exclamação: — Meu bom pai!

Chamar-lhe querido, a elle que, alli, numa revolta intima da consciencia se reconhecia e se confessava culpado; a elle, que lhe tinha talvez ferido brutalmente o coração, desviando-se como um criminoso vulgar do caminho direito que elle lhe indicára... Ah! generosidade tamanha não a merecia, porque ella lhe escaldava a alma como chumbo fundido e lhe fazia vêr mais negra a negrura de sua culpa...

Pena é que o pai não estivesse alli presente. Queria achegar-se-lhe de cabeça baixa, e confessar-lhe, corajosa e francamente, toda a sua vilania, e pedir que o castigasse rudemente, sinão com palavras, ao menos com a frieza de seu carinho ou com o desprezo do seu olhar...

Querido filho, elle!... Não, pobre pai, mil vezes não! Fizeste bem em me escrever para reprehender-me, e em não quereres assistir ao rubor da minha vergonha, digna filha do

Biblioteca Nacional de Maestros

meu procedimento; e si esta carta é a mensageira fiel da tua indignação, hei de lel-a até o fim, procurando em cada dura phrase tua o látego que me castigue e me magôe!...

E limpando os olhos, Paulo continuou a leitura interrompida:

« Meu querido filho. »

Esta manhã, antes de ausentar-me para ir buscar tua mãe e teus irmãos ao Rio de Janeiro, entrei no teu quarto para te dar o abraço da despedida.

Dormias profundamente, e tão tranquillo era o teu somno que me penalisou o ter de acordar-te.

Não o fiz, pois; mas fiquei longos instantes a contemplar-te, e tão alheiado de mim, que o meu pensamento me fugiu das cousas presentes...

Vi-te crescido, robusto, sadio, mas, por tua desgraça, incapaz do minimo esforço para venceres as fraquezas da tua alma; sem energia para fugires aos falsos encantos da ociosidade, soccorrendo-te de futeis pretextos, de mentirosas evasivas para justificares a tua desidia, e a falta de cumprimento dos deveres,

Biblioteca Nacional de Maestros

um homem, em summa, sem acção responsavel, vivendo como um ser passivo, levado ao capricho dos interesses dos outros, qual uma folha, desgarrada, ao capricho do vento!

E ao imaginar-te assim, meu filho, que doloroso foi o estringir do meu coração!

Ah! Paulo, em ti, francamente, ainda não consegui descobrir a minima parcella dessa poderosa força humana, que se chama energia moral!

Tens-te mostrado sempre fraco, sempre pusilanime, e si o és por indole, tambem o és por fraqueza, como o demonstraste ainda ha pouco ao teu proprio pai, quando te inquiriu da causa das tuas notas baixas no boletim mensal!

Não basta ser instruido, meu filho, nem basta ser honesto; e pouco vale para a satisfação moral o possuir immensas riquezas, si quem as possue não tem a indispensavel fortaleza de animo, essa mais poderosa arma para as luctas todas da vida, e para todas as conquistas sociaes.

E tu não a tens, affirmo-te ainda uma vez. Dahi a minha quasi certeza do teu naufragio quando attingires a edade em que terás de viver pelo teu esforço proprio.

Biblioteca Nacional de Maestros

Sem vontade, o homem jámais consegue elevar-se na escala social até as primeiras fileiras, isto é, até as fileiras daquelles que tudo conquistam pela firmeza de sua acção.

A ascenção aos primeiros postos da sociedade, como aos degráus superiores de uma escada — é sempre o resultado de um acto da vontade.

E o homem que não a tem bem energica, será, meu filho, nos embates da existencia, como um polichinello que se movimenta a bel-frazer, ou como a peteca que vai e vem, nos brincos infantís, sob o impulso apenas da força ou do capricho que lhe imprimem os jogadores.

E has de ser polichinello ou peteca toda a tua vida, meu filho, si, desde já, não cuidares sériamente de dominar a tua indolencia e a covardia de animo para o estudo!

Lembra-te, e que isto nunca te esqueça, pois vem da sabedoria popular : « regato que, de principio, erra o caminho, não é quando se lhe engrossa a torrente com as cheias que póde tornar ao leito, » ou mais da tua comprehensão : menino que adquire maus habitos, não será na edade adulta, quando os habitos o dominarem, que conseguirá destrui-los!

Biblioteca Nacional de Maestros

Ah! Paulo, bem inutil é o homem que cresce sem energia e sem força de vontade! É inutil para si proprio; inutil para a sua familia; inutil para a sua Patria; inutil, em summa, para a sociedade em que vive, á qual, aliás, deve gratidão e amor, pois que todas as commodidades, todo o conforto, toda a civilisação, que ella lhe dá, foram creados pelo trabalho e pela dedicação de milhões e milhões de batalhadores, dos quaes tambem muitos milhões succumbiram nessa gloriosa faina, mas que si pudessem, um dia, erguer-se dos seus tumulos de heróes, seria para lançar um olhar de asco e desprezo a todos aquelles que lhes não seguiram o exemplo e se recusaram a continuar a obra de Amor e de Perfeição que elles nos legaram.

Dizes, meu filho, ás vezes, cheio de orgulho, que és brazileiro!

Brazileiro, tu! Não, ainda não o és, sinão porque accidentalmente nasceste em territorio do Brazil! Para que o digas com verdade, e o sejas com justiça, preciso é que trabalhes, e que desse trabalho, não só tu, mas os teus amigos, os teus visinhos, a tua cidade, o teu Estado, o Brazil, em summa, lhe colham os beneficos fructos.

Biblioteca Nacional de Maestros

Um Tiradentes, que sacrificou sua vida para nos elevar á dignidade de cidadãos; um José Bonifacio, que construiu a Patria Brazileira; um Osorio, que a defendeu heroicamente nos campos de batalha; um Rio-Branco, que a augmentou e a elevou nos prélios da Paz, do Direito e da Justiça — esses sim, e tambem todos os que trabalharam e que trabalham ainda para enriquecel-a, para eleval-a, para tornal-a a primeira das nações da America, é que são brazileiros e pódem dizer que o são, com orgulho e com verdade.

Tu, porém... ainda não; e sobretudo agora que tanto insenso queimas em honra da Preguiça!

Queres ser brazileiro? Essa é a mais nobre e suprema aspiração da tua alma?

Trabalha, pois, estudando, educando-te e aformoseando o teu coração com as mais bellas qualidades da Virtude.

E, sobretudo, procura adquirir essa energia moral, que te accione a alma como a mais poderosa das forças para vencer a todas as difficuldades que te depare a vida.

Teu pai. »

Biblioteca Nacional de Maestros

REFLEXÕES

Terminada a leitura, Paulo sentou-se pensativo em uma cadeirinha baixa, de vime, collocada ao lado da ampla janella de seu quarto.

Seu pai deveria ter certamente razão em tudo quanto lhe escrevera porque elle sempre aconselhava em nome da experiencia, que é a melhor mestra da vida.

Mas, que fazer, como proceder, afinal, para dominar a indolencia horrivel que o tornava tão covarde para o trabalho?

Lembrou-se de um gracejo de seu professor quando, de uma vez que elle não fizera uma copia em casa, o obrigára a fazel-a na escola, á hora do recreio, dizendo-lhe que veneno de cobra se cura com injecções de veneno de cobra, como querendo talvez signi-

Biblioteca Nacional de Maestros

ficar, com essa phrase, que é fazendo escrever que se corrige a indisposição de certos alumnos para os exercicios da escripta.

Assim, da mesma sorte, seria por meio do exercicio da vontade que conseguiria educar a sua vontade.

Como, porém, levar a effeito tal educação?

Lembrou-se de tio José, do velho marinheiro, cujo saber e experiencia lhe poderiam suggerir os meios maïs seguros para a realização do seu fito.

Sim, consultal-o-ia.

E decidido a pedir-lhe os sabios conselhos, Paulo vestiu-se ás pressas, e dirigiu-se para a sala de jantar.

Tio José, como todo o velho que deseja prolongar a existencia, cheia de saúde e alegria, tinha o habito de levantar-se muito de madrugada, dar um passeio a pé por entre as arvores do pomar, para ingerir, como elle dizia, a sua dóse de oxygenio, e voltar á sala de jantar, para lêr, sentado numa cadeira de balanço, as noticias das gazetas do dia.

Quando Paulo penetrou na sala, elle já alli se achava effectivamente, e, ao sentir-lhe os passos, levantou do jornal os olhos, que fitou no sobrinho, dizendo-lhe em tom alegre :

Biblioteca Nacional de Maestros

— Ora, muitos bons dias, senhor, dorminhoco! Mas, agora reparo: que cara de poucos amigos é a tua hoje, rapaz!

Paulo approximou-se, deu-lhe os bons dias, e narrou-lhe o que lhe succedia, pedindo-lhe que o aconselhasse e o dirigisse na tentativa que ia fazer de educar a sua vontade e energia.

— Homem, disse o tio José, prazenteiro, o primeiro passo para esse caminho é... chegares até aqui para me dar um abraço!

E attrahindo Paulo ao seu largo peito, abraçou-o carinhosamente.

— Muito bem, meu filho, accrescentou; uma vez que *queres* educar-te, é como si já dissesses que estás educado, porque o querer é poder. Agora, o segundo passo é... aquelle.

Dizendo isto, apontava para a creada que vinha entrando na sala, com uma bandeja, onde fumegavam duas chicaras de café, cujo agradavel aroma se espalhava subtil por todo o ambiente.

— Dous homens só se entendem, meu Paulo, e se combinam, depois de uns tres goles daquella preciosa bebida. Por isso, vamos primeiro a ella.

— Aqui está tambem uma carta para o

Biblioteca Nacional de Maestros

senhor, disse a creada a tio José, estendendo-lhe um enveloppe fechado.

— Dá-m'a cá; mas só a lerei depois do café.

Exercicios de memoria.

Estatua do Marquez do Herval.
(Rio de Janeiro).

Biblioteca Nacional de Maestros

UM VELHO AMIGO

O capitão José, depois de passar os o'hos pela carta, lendo-a baixo para si, exclamou alegre :

— Uma coincidencia perfeitamente feliz, Paulo, um bellissimo acaso, o de me vir ás mãos a carta deste rapaz, no instante em que me pedes um conselho de tanta ponderação!

Paulo olhou admirado para tio José.

— Desejas que eu me explique? Ah! isto são contos largos! Pois o autor desta missiva eu conheci-o justamente com as disposições de espirito em que hoje estás. Aconselhei-o, então, fazendo-lhe comprehender que a felicidade de um homem depende só de si mesmo, isto é, da sua coragem e amor pelo trabalho; do modo correcto e honesto como se dirija na sociedade; da sua tenacidade; da sua força de

Biblioteca Nacional de Maestros

vontade. E elle ouviu-me e procurou praticar o plano de vida que eu lhe tracei, e o resultado é elle quem aqui o diz, foi o mais brilhante, possivel. Bem haja a sua inspiração, e que continue a ser feliz! Vou lêr-te a carta. Ouve-a com toda a attenção, e oxalá possas compenetrar-te do quanto pódem alcançar aquelles que, seguindo os bons conselhos como norma de sua vida, por elles se dirigem sem desanimos e sem acobardar-se com as difficuldades que se lhes deparem.

E leu :

« Meu generoso amigo.

« Queira receber, antes de tudo, com um saudoso abraço, os meus mais amistosos cumprimentos.

« Talvez o Capitão José não mais se lembre de quem ora lh'os envia. Não importa, porém. Prestou-lhe um desses beneficios que uma vida inteira de affectuosa gratidão não bastaria para resgatar, e o dever de quem os recebeu, agora que vive feliz e prospero, era o de vir recordar-lh'os e agradecel-os. Sim, sr. Capitão José, meu querido amigo, aquelle rapazinho pobre e desesperançado que um dia lhe bateu á porta

Biblioteca Nacional de Maestros

para pedir a esmola dos conselhos da sua lucida experiencia, — é hoje, como pura obra sua, rico e feliz, e dono da mais fertil e linda propriedade agricola desta redondeza. Perdoe-lhe a immodestia, sim? Cada autor tem a mania de julgar perfeita a sua obra. Não lhe regosijará o coração ver tambem a sua, que sou eu? Embora não sahisse ella muito perfeita, não por falta de engenho do autor, mas pela má qualidade da materia prima, todavia é sempre digna de se vêr...

« Ora, para certificar-se disto, basta apenas uma viagem de poucas horas, e não quererá o Capitão emprehendel-a?

« Creia que si o fizer, causará a mim e á Helena que, respeitosa, lhe beija as mãos, a mais sincera alegria.

« Podemos esperal-o, não é verdade? Contando, pois, com a sua vinda, e antecipando o abraço da sincera amizade, envio-lhe, com os protestos da profunda gratidão, os meus votos de saúde e felicidade pessoal.

« *Jorge de Oliveira.* »

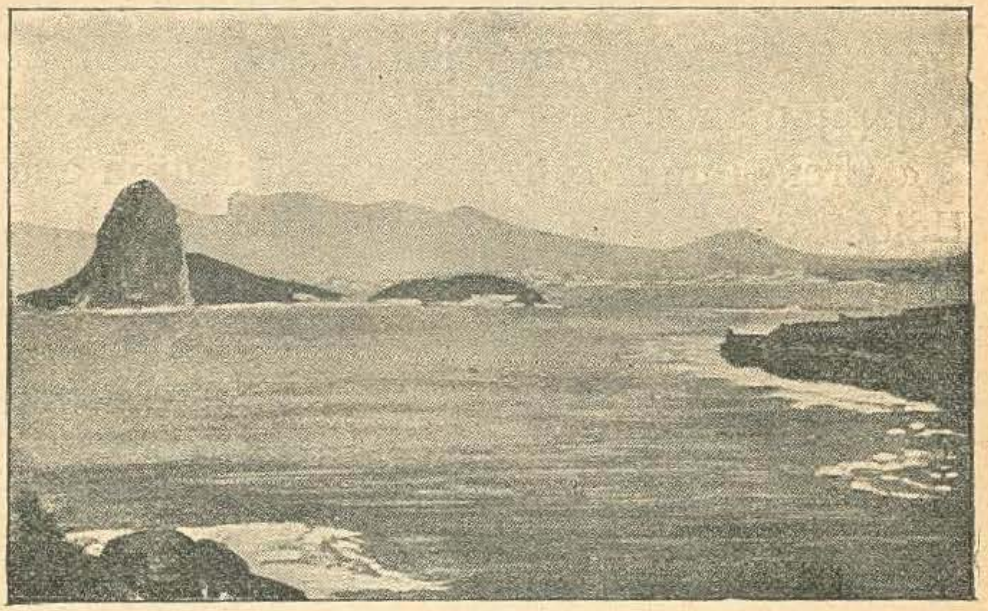
— Quem é esse Jorge, tio José?

— Tu logo o saberás, porque pretendo ir

Biblioteca Nacional de Maestros

á fazenda delle em Junho, por occasião das férias escolares, e levar-te em minha companhia. E ao observal-o, e ao estudal-o em seus gestos, acções e palavras, terás talvez, si o *quizeres*, a lição mais fecunda que ainda possas aprender para educar o teu espirito e o teu coração.

Exercicios de memoria.



Bahia de Guanabára.

Biblioteca Nacional de Maestros

CONSELHOS

— Já observaste, Paulo, uma dessas fontinhas, que surgem do solo tão cristallinas e puras? perguntou depois tio José, indo até a mesa depor a chicaravasia de café.

E tornando á sua cadeira de balanço, continuou :

— Pois, meu rapaz, com um dedinho de reflexão, quem sabe si dahi poderás deduzir alguma cousa que te aproveite, imitando-a. Que é que te parece acontecer-lhe ao surgir á superficie do solo? Desapparecerá ella, alli mesmo? Estacionará infinitamente?

Não, não é verdade? Ella tem, como se diz, uma tarefa a preencher na natureza, uma missão a cumprir, como nós, os homens, tambem temos a nossa tarefa e a nossa missão a realisar na sociedade em que vivemos.

Biblioteca Nacional de Maestros

A fontinha, como sabes, logo que se avoluma, vai caminhando, caminhando, e armazenando energias em todo o seu percurso, até transformar-se nessa poderosa força que as necessidades da vida humana sóem aproveitar em tantas applicações uteis á sua riqueza e bem-estar.

É isso tambem que te compete a ti fazer: armazenar, pouco a pouco, em tua alma, exactissimamente como faz o fiozito d'agua a que te comparo agora, em tua edade, a somma de energias que te bastem para te tornares, não o homem que teu pai prognostica, mas um individuo de caracter firme, cheio de acção e fortaleza para as luctas da vida!

A fontinha, estacionada, supponha-se, no logar do seu nascimento, seria, por fragil, uma cousa inutil para preencher uma qualquer funcção.

A criança, por seu turno, tornada homem com a energia, a razão, e o saber de um infante, tambem seria, entre os demais homens, um ente quasi inaproveitado para as luctas rudes e tempestuosas da vida... seria, como bem disse teu pai, um polichinello que

Biblioteca Nacional de Maestros

se movimenta ao capricho da vontade extranha...

Mas, continuemos a seguir a fontinha...

Nascida tão fragil, exactamente como tu, e tão delicada que qualquer a poderia aniquillar, vai-se, entretanto, avolumando pouco a pouco, reunindo gota daqui, gota dalli. Cresce: e, como a creancinha que ensaia os primeiros passos, começa a deslisar devagarinho, persistentemente, ora detendo-se ante um obstaculo, ora torneando-o, ora fugindo por debaixo das folhas seccas, espalhadas no solo, e a que nem força tem ainda para carregar.

Pouco adiante, encorpora-se a outros fios d'agua. Uma simples gota de orvalho que se lhe misture, eis uma nova força que o alimenta. Nada despreza, nada desperdiça para o augmento da sua energia. Parece ter uma intelligencia! Fortificada assim, mais além já consegue rolar os seixos que lhe esbarram o caminho. Si ás vezes é forçada a parar um instante, estaciona sim, mas para accumular novas energias, para incorporar ao seu seio, ia dizer á sua alma, uma força mais poderosa, que logo após manifesta, despenhando-se murmurante de cima das pedras, como

Biblioteca Nacional de Maestros

cantando um hymno de victoria na alegria refulgente da sua espuma!

Dahi para diante nada mais a póde deter: nem montanhas, nem carcavões, nem rochedos, que ella tornêa, transpõe, perfura e rúe!

Forte agora como um Hercules, mas ao mesmo tempo magnanima como um genio do bem, vai-se por esse mundo em fóra, fecundando campos para as seáras do homem; movendo moinhos para o preparo do seu pão; rasgando estradas liquidas para a passagem dos navios do seu commercio, espalhando, em uma palavra, a abundancia, a riqueza, a alegria, o conforto, e o que é mais, estreitando, no esplendor de toda a sua acção, os laços sagrados da fraternidade humana!

Admiravel, não é verdade, Paulo, como aquella misera fontinha consegue produzir tanta cousa!

Mas, porque?

Porque não esmoreceu, não desanimou, não desfalleceu nunca.

Imagina-tu, agora, uma fontinha, como essa que acabo de descrever-te; imagina que, exactamente como ella, tu pódes armazenar

Biblioteca Nacional de Maestros

em tua alma a mesma somma de energias; que, como ella, tambem poderás, quando responsavel pelas tuas acções, produzir uma egual sementeira de beneficios, que te façam respeitado, admirado e amado dos teus semelhantes.

Como serás, então, feliz, Paulo?

E, para isso, não vejo que haja difficuldades.

Quer velando ou dormindo, trabalhando ou vadiando, chorando ou rindo, o tempo passa do mesmo modo, e si a aspiração de todos nós é cada dia ser mais felizes e mais perfeitos do que no dia anterior, o meio para attingirmos a esse objectivo, é não passar desapproveitado um só segundo, enriquecendo o nosso espirito e o nosso coração com tudo quanto seja possivel de o fazer.

« Nada é o tempo a olhos de nescios, porque o não vêem; em juizo de prudentes, que o entendem, é, porém, tudo, porque é a vida e a alma de todas as cousas e o elemento dos elementos, e o destruidor e o fazedor universal; elle, só, desconta e paga tudo. Do tempo é a occasião; da occasião é a fortuna. Penda até abaixo a balança da guerra com o pezo do ferro, ouro e heroicidade; si, na outra

Biblioteca Nacional de Maestros

extrema se lançou vontade e engenho, ondeará ; si á vontade e engenho se ajuntar a leveza do tempo, essa leveza romperá o equilibrio e esse nada levará pelos ares a tudo, vencido e espantado. »

Queres saber, agora, quem escreveu estes magnificos conceitos, Paulo ?

Foi um cego quasi de nascença, mas um cego que, em vez de pedir esmolas, desculpando-se com a sua desgraça, estudou, trabalhou e escreveu cousas tão elevadas, a ponto de ser, com justa razão, denominado o Principe da litteratura portugueza.

Esse cego foi *Antonio Feliciano de Castilho*.

Estuda, pois, Paulo, e applica-te com coragem e tenazmente, porque a primeira difficuldade vencida, será como o primeiro obstaculo transposto pela fontinha.

Que o trabalho te não esmoreça nunca, e procura cada dia fortalecer-te de mais animo. Pensa na vergonha e no remorso que te pungirão a alma no dia em que, quando já homem, te sentires incapaz de ser util a quem quer que appelle para ti, só porque em um momento de covardia da tua infancia nada tentaste aprender, nada tentaste fazer para tornar forte a tua alma e polido o teu espirito.

Biblioteca Nacional de Maestros

Quando não souberes uma cousa, pergunta; quando, nas paginas dos teus livros, encontrares uma palavra, um assumpto, que não comprehendas, não seja essa pequenissima difficuldade que te faça cruzar os braços inactivos : vence-a pelo teu esforço proprio, e si este não bastar, recorre ao auxilio extranho, que ninguem t'o recusará, mórmente vendo que desejas aprender e ser bom.

Esmaga de uma vez a tua indolencia, impondo ao teu espirito e ao teu corpo os mais rudes deveres, as penas mais duras, que, com o habito, corpo e espirito hão de obedecer para o futuro, todas as tuas exigencias e todas as tuas imposições.

Não ha nada que a intelligencia não apprenda. Si a de outros aprende, porque não o ha de aprender a nossa tambem? Depende isso apenas do nosso *querer*.

Pensa bem nisto, e no immenso júbilo que nós todos sentiremos, eu, teu pai, tua mãe, ao te vermos forte no trabalho, no trabalho que tanto honra e ennobrece, e que é uma lei moral a que ninguem, ninguem absolutamente, póde eximir-se.

Biblioteca Nacional de Maestros

21 DE ABRIL

Eram quasi duas horas da tarde quando a sineta da escola deu o costumado signal, avisando para que todas as classes subissem ao salão de honra.

Ia realisar-se a primeira sessão civica do anno.

A de 20 de abril, vespera da data que rememora a conspiração mineira, era em homenagem a Tiradentes, o seu grande martyr.

Os alumnos do 4.º anno, inclusive Paulo, Zuzú, Alvaro, Fabiano, Donato, e outros nossos conhecidos, foram os ultimos que lá chegaram.

O grande salão, artisticamente enfeitado de flores e bandeiras, já estava quasi cheio, apresentando um imponente aspecto.

Havia, pairando no ar, um quê de solenne

Biblioteca Nacional de Maestros

e adoravel, ao mesmo tempo, que infundia a todos uma profunda impressão.

Paulo, — agitado ainda pelas emoções fortes daquella manhã, em que seu pai e tio José, cada um a seu modo, lhe tinham limpado do coração as hervas más que lá estavam a crescer, — mostrava-se um pouço pallido.

Não se sentia triste, porém; ao contrario, a sua vontade era rir, falar, transmittir aos outros os seus pensamentos, numa voz forte, ruidosa, expansiva...

Empolgava-o fortemente aquella scena de cem creanças, alli reunidas, num silencio quasi religioso, á espera do inicio do programma, em frente ao busto em gesso de Tiradentes, collocado sobre a mesa circumdada de mestres, como a dominal-os na recordação dolorosa do seu martyrio...

Lembrou-se das palavras de seu pai : Tiradentes, sim, é que poderia com justiça e orgulho dizer-se brazileiro !

Uma réstea de sol, larga, cahindo do alto da janella, punha, naquella occasião, um como resplandor de luz sobre a cabeça de alguns alumnos !

Aquelle beijo de luz, assim dourado e

Biblioteca Nacional de Maestros

alegre, affigurava-se-lhe ao espirito, numa associação supersticiosa de idéas, como a bençam que d'além tumulo mandasse o grande conspirador pela liberdade brazileira, approvando aquella assembléa de creanças, congregadas alli pelo mesmo sentimento de patriotismo e de respeito pelos actos altruisticos dos seus antepassados!

Sobreposto superiormente á mesa, onde estavam o director e os professores, e pendente da parede, emergia, circumdado de bandeiras nacionaes, o retrato do Dr. Cezario Motta, a sorrir da moldura dourada para todas as creanças, como elle fazia, no tempo que era secretario do Interior, ao visitar as escolas!

Bom Cezario Motta! Fazia um anno quasi que o haviam levado a enterrar.

Paulo recordava-se muito bem das homenagens que todo um povo lhe tinha prestado! Que dia aquelle!...

E alçando de novo o olhar para o retrato, e comparando-o com a imagem que conservava de lembrança, de si para si dizia:

— É elle exactamente; é aquelle o seu mesmo sorriso sympathico; era assim mesmo

Biblioteca Nacional de Maestros

a sua barba espessa, entremeada de fios brancos...

— Zuzú! chamava o Director naquelle instante.

Paulo, chamado á realidade, voltou-se para o lado onde se levantára o seu colleguinha.

Zuzú, sorrindo, meio enleiado, já se encaminhava para o estrado, atravessando de esguelha, difficultosamente, a longa fila de cadeiras...

Chegando ao estrado, onde subiu, voltou-se para o auditorio, fez uma graciosa mesura, e começou a recitar pausadamente, numa dicção clara e pura, a que mais encanto dava o timbre avelludado de sua voz, a poesia intitulada :

A morte de Tiradentes

A forca estava armada ao grande brazileiro.
Naquelle bello dia, o Rio de Janeiro
garrido se vestiu de pompas e fulgores.
A punição tremenda aos *reis* conspiradores,
que ousaram com audacia amar a liberdade,
seria consumada; e toda a crueldade
devia refulgir em festas grandiosas,
numa ovação enorme ás hostes victoriosas.

Biblioteca Nacional de Maestros

Só assim o vice-rei convenceria o povo,
que quando se levanta ardente um paiz novo,
a força e a prepotencia o sabem abater.

Nas praças, nos quarteis, rompendo a madrugada
soaram os clarins. Tocava-se a alvorada.
Sahiam da caserna em pelotões enormes,
ufanos, varonis, com bellos uniformes,
da tropa portugueza a flor dos seus soldados.
Os mais bellos corceis, de gala ajaezados,
batiam com vigor as pedras das calçadas;
dos guapos officiaes fulgiam as espadas.

Nas ruas, nos balcões, as damas mais formosas
de sedas recamando as fórmas primorosas,
com gestos juvenis, sorriam de prazer.

E o povo inconsciente, o povo que não pensa,
não via, no explendor daquella pompa immensa,
sua liberdade ao jugo se abater.

Chegou á Lampadosa, ao som de hymnos marciaes,
o funebre cortejo.
Acclamações geraes,
rompiam com furor da tropa portugueza.

Notava-se no povo um sopro de tristeza.

O martyr succumbiu.
Rufaram os tambores;
soaram os clarins. Os gritos, os clamores
da grossa multidão, ficaram abafados
no energico fragor dos rufos prolongados.

Biblioteca Nacional de Maestros

— Bravo! bravo! exclamou o Director, quando Zuzú terminou, e attrahindo-o ao seu peito, deu-lhe um forte abraço, emquanto todos batiam palmas ruidosas e prolongadas.

Zuzú córou como um lacre, e sorrindo satisfeito, voltou para o seu logar.

Paulo é que não podia explicar o que sentia naquelle instante : seus olhos estavam humidos, e o coração lhe batia forte no peito, cheio de enthusiasmo e orgulho de si mesmo, da escola, do Zuzú, do Director, dos professores...

Ao cantarem logo depois, o hymno

Sou brazileiro!
Com orgulho o digo!
Na paz, na guerra, contra o inimigo,
Ao mundo inteiro
Com orgulho o digo :
Sou brazileiro!

a sua voz era talvez a mais vibrante !

Biblioteca Nacional de Maestros

LINHA DE CONDUCTA

— Queres saber, Paulo, o motivo por que tanto te commoveste hontem, ao ouvir o Zuzú recitar a *Morte de Tiradentes*?

Vou tentar explicar-t'o.

É que cada um de nós, em certas occasiões, por uma rapida visão do espirito, temos ás vezes grandes deslumbramentos provocados por emoções do coração.

O teu foi o quadro magestoso do que será o nosso querido Brazil, daqui a alguns annos, si todas as creanças, que ora estudam, bem cultivarem o espirito e o coração, de modo a produzirem todos os seus actos os applausos e a sympathia, que mereceu hontem o Zuzú.

Fantasiaste, numa prodigiosa successão de idéas, a cultura brilhante que terá a sociedade brazileira do futuro, si cada um dos seus

Biblioteca Nacional de Maestros

membros, pela actividade do seu trabalho, tornar-se um agente e um representante dessa cultura.

Olhas espantado para mim?!

Assim é, na verdade. Si de fio em fio, de cellula em cellula, os pequeninos animaes como o bicho da seda, as abelhas, as formigas, levam a termo obras maravilhosas, taes como um casulo, um cortiço, um formigueiro, que não fará um povo si cada um dos seus individuos, num paiz de tantas riquezas naturaes como é o Brazil, tomar por sua conta a nobre tarefa de produzir um beneficio, por pequeno que seja, na formação da sua grandeza material, intellectual e moral!

Uma Patria, Paulo, bem pódes comparal-a a um immenso edificio, onde cada um tem um trecho a construir. Quem foi Tiradentes? O operario da liberdade. Os Andradas? Operarios da nossa independencia? E Rio Branco, e outros, e outros? Todos foram e são operarios que, com o esforço da sua intelligencia e com os actos da sua coragem e os productos do seu trabalho, se esforçaram e se esforçam ainda para augmentar a civilisação e a felicidade do Brazil, felicidade e civilisação que

Biblioteca Nacional de Maestros

herdámos e que hoje para nossa felicidade desfructamos.

É por isso que se diz, com razão, que os vivos são governados pelos mortos, porque elles ainda dirigem, do silencio do tumulo, os actos destes, pela feição que imprimiram á sociedade em que vivemos. E si nós, no dia da Commemoração dos Mortos, vamos ao Campo Santo depositar flores sobre os tumulos de nossos pais e dos homens que tantos beneficios nos legaram, não é um simples sentimento de saudade que para lá nos conduz, mas sim um impulso mais elevado, mais generoso, mais nobre — o impulso da gratidão!

Nessa gratidão nos alentamos e nos inspiramos para levar avante a obra que elles deixaram imperfeita!

Os operarios desse brilhante Brazil que entreviste, ao ouvir o Zuzú, são justamente as creanças de hoje; és tu, Paulo; são os teus condiscipulos; são todos os alumnos de todas as escolas do Brazil, brilhante phalange que, si tiver no coração o santo amor da Patria, fará deste incomparavel torrão a séde universal do Saber, da Riqueza, da Caridade, da Justiça!

Biblioteca Nacional de Maestros

Para essa santa tarefa, meu filho, é que deves ir-te preparando, desde já, em vez de desperdiçares tantas horas em cousas futeis.

E attende bem a isto : no mesmo instante em que as deixas correr assim desaproveitadas, milhares de outras creanças da tua edade, talvez mais pobres hoje do que tu, talvez com menos saúde do que tu, e que amanhã vão concorrer comtigo na conquista do pão e das posições sociaes, entregam-se a um trabalho fecundo, fortificando-se previdentemente para essa lucta.

E tu? Que será de ti, meu filho?

Ainda é tempo de reagir, porém; e reage, Paulo, assim o exigem a tua propria felicidade e a alheia.

Sonhaste uma sociedade futura, mais brilhante que a actual : prepara-te para ella, com coragem, com vigor, porque nella terás um importante papel a desempenhar; e praza aos céus, que um dia, ao gozares o bem-estar que ella te deparar, possas em consciencia exclamar com justo orgulho : isto é fructo tambem do meu esforço!

Biblioteca Nacional de Maestros

UM RAPAZ CORAJOSO

O Albino é um rapagão de 14 annos, alto, robusto, córado, e cujo olhar assume ás vezes uma expressão tão carinhosa, que a gente, sem o sentir, lhe fica querendo bem.

Entrou neste anno para a escola, sendo matriculado no 4° anno.

É filho de um portuguez já velho, mas muito alegre e jovial, estabelecido com uma fabrica de luvas ao largo do Rosario.

Este foi hoje á escola, a chamado do Director. Ao passar pelo Albino, que estava perto de uma janella e de costas para o corredor, distrahido a conversar com alguns collegas, deu-lhe um piparote na orelha esquerda.

O Albino, julgando fosse algum collega o autor da brincadeira, voltou-se bruscamente, exclamando : Bruto!

Biblioteca Nacional de Maestros

— E tu um brutinho, porque delle és filho!

Ao dar com o pai, desculpou-se logo muito envergonhado, beijando-lhe respeitosamente uma das mãos.

O velho encaminhou-se depois para o gabinete do Director.

Havia quinze dias que o Albino estava faltando ás aulas, e quando comparecia, não dava tão bem as lições como dantes.

Tornára-se, como Paulo, um máu alumno.

O professor deu parte disto ao Director, que, desejando chamar ao aprisco mais aquella ovelha tresmalhada, escreveu um bilhete ao sr. Santos, solicitando uma conferencia.

Era para esse fim que o alegre velhinho fôra á escola.

Assim que penetrou no gabinete, onde já se achava o Director, este lhe-foi logo dizendo :

— Mandei-o chamar, sr. Santos, para conversarmos a respeito do Albino.

E expoz a sua queixa, dizendo que estava descontente com elle; que, além da pouca assiduidade, lhe faltava estimulo e vontade para o estudo; que vivia sempre distrahido, alheiado completamente das obrigações escolares.

Biblioteca Nacional de Maestros

— Tornou-se positivamente um máu alumno; concluiu.

O sr. Santos sorria, entretanto, mas notava-se na sua physionomia, antes satisfação e orgulho do que constrangimento.

— Tem razão, tem razão, sr. Director, falou elle, afinal; o Albino effectivamente anda bem mudado nestes ultimos tempos. Eu e sua mãe já o haviamos notado, e a principio ficámos bem apprehensivos; mas estou hoje completamente tranquillo a seu respeito, e posso affirmar-vos, meu senhor, com todo o affecto e todo o orgulho de um coracão de pai: a causa que motiva essa irregularidade do viver do Albino, só lhe é digna e nobre. O sentimento que agora revelou é desses que um coracão de pai póde apenas agradecer com as lagrimas de ternura e reconhecimento que hontem gotejaram sobre estas barbas brancas, e que eu desejarei chorar sempre abundantes até o fim da minha vida...

— Tranquillizam-me as suas palavras, sr. Santos; então...

— Então, o caso do Albino só merece louvores; pois não ha premio que possa recompensar a dedicação de um filho como elle é,

Biblioteca Nacional de Maestros

que, pouco se importando com a saúde, com as commodidades e diversões proprias da edade, se atirou corajosamente ao trabalho, para que na casa de seus pais não lhes diminuisse, o pão, nem sua irmã se visse forçada a abandonar os estudos, por falta de recursos.

Actos desses, senhor Director, como agradecer sinão chorando, e beijando tanto e tanto o filho altruista até imprimir-lhe no rosto, si fosse possivel, um signal que o fizesse reconhecido de todos como um coração puro, um coração cheio das mais bellas virtudes?

O Director mal disfarçava a sua commoção.

O bom velhinho narrou então que, correndo lhe mal os negocios e minguando-lhe os recursos, o Albino, para o ajudar, se empregára occultamente como auxiliar de revisor, de cujo trabalho regressava muito tarde de noute, estudando depois até de madrugada, para não desconsiderar-se perante o mestre. A principio, devido á sua constituição robusta, tudo supportou, mas aquella vida havia de cançar, afinal.

A sua pallidez, e o amortecimento dos olhos, podia crel-o o Director, eram devidos

Biblioteca Nacional de Maestros

á falta de repouso, e não ao reflexo de sentimentos condemnaveis. Que tudo isso elle e sua mulher tambem só na vespera haviam sabido, mas que desculpasse ao rapaz...

— Desculpal-o! atalhou o Director commovido; mas não é caso disso, sr. Santos; elogios é que merece o Albino, esse corajoso menino, esse bellissimo exemplo de amor filial.

Nesse instante, justamente, abria-se a porta do gabinete, e pela fresta apparecia a cabeça do Albino.

— Meu pai já foi?

— Vem cá, meu filho! chamou o Director.

E levantando-se, foi ao encontro do Albino e o apertou ao peito, dizendo :

— Este abraço, tu bem o mereces, Albino, pelo teu generoso proceder cheio da mais nobre dedicação. Procede sempre assim que serás muito feliz, meu filho.

Biblioteca Nacional de Maestros

FORÇA E CORAGEM

— Nobre rapaz, hein, tio José! exclamou Donato, depois de narrar o bello acto de abnegação do Albino.

— Nobre, sim, confirmou o marinheiro. E tu não o invejas, Paulo? Pois eu, com franqueza o confesso, sinto-lhe muita admiração e tambem um orgulho extraordinario por descobrir, em uma creança brazileira, sentimentos tão elevados! Mas, a dedicação não deve limitar-se apenas aos nossos progenitores : deve ser mais ampla, e, por assim dizer, constituir a essencia da nossa alma, porque o altruismo de cada um de nós precisa de enlaçar, como em um immenso abraço de caricia, a todos os nossos similhantes, que digo eu? a todos os seres que nos rodeiam — homens, animaes, vegetaes. Só assim o mundo

Biblioteca Nacional de Maestros

se tornará um Paraiso! A proposito de altruismo, eu lhes farei ler uma pagina bellissima da vida do almirante Tamandaré! Todos os brazileiros deveriam ser assim! Sabedoria humana, meus filhos, não significa possuir um homem grande cabedal de conhecimentos scientificos e literarios; mas sim, utilisar o que sabe, e o que aprendeu, na perfeição da sua alma, para dedical-a ao bem da humanidade. De que servem aos nossos semelhantes os conhecimentos profundos de qualquer individuo, si lhe falta ao coração o altruismo, a justiça, e a probidade, isto é, os élos mais fortes que sóem unir os homens e conserval-os ligados uns aos outros num verdadeiro amplexo moral, de onde resulta a felicidade da familia, da patria, da humanidade?

Ha pessoas ignorantes que são mais *sabias* que muita gente que se jacta de sabichona! Ah! riem-se? Já lhes vou dar a prova...

Dizendo isto, tio José levantou-se, foi á estante, de onde tirou um jornal, em cuja primeira pagina se via impressa uma poesia, e voltou ao seu logar.

— Para que vocês bem comprehendam a sublimidade da scena, é preciso que eu lhes explique quem é o Ursus de que aqui se fala.

Biblioteca Nacional de Maestros

Ursus é o nome de um lygio, escravisado em tempo de guerra pelos romanos. Elle tinha sido condemnado a morrer em espectaculo publico, ou crucificado, ou luctando com animaes ferozes. Quizeram, porém, que a sua agonia fosse maior, e para isso procuraram golpeal-o no coração, amarrando, aos chifres de um auroque, a sua rainha, que tambem estava prisioneira... O que se seguiu, a poesia o dirá!

E tio José leu :

O lygio Ursus entrou na arena illuminada...

Com grande custo ergueu a palpebra, offuscada
pelos jorros de luz,
e procurou a cruz
que lhe seria leito ao derradeiro alento...

Não viu nenhuma cruz!...
Então, que soffrimento
lhe reservára Nero?!
As féras? Os punhaes?

O seu olhar azul descobre os augustaes
e o Cesar, na tribuna...
A turba, nas bancadas,
julgando divisar, nos olhos do gigante,

reflexos de terror, ou algo de humilhante,
explode em gargalhadas!

Biblioteca Nacional de Maestros

* * *

Ao rebuscar na arena o que lhe cause a morte,
Ursus, — indifferente áquella vaia forte —
vê astros a luzir p'las frestas do velario...

Ajoelha-se então, e ora ao martyr do Calvario!

Uma tristeza altiva empallece-lhe o rosto,
mas recalca no seio a agrura do desgosto!

* * *

Emtanto, a multidão, como montanha que arde,
estrondêa e crepita, — aos gritos de — Covarde!
irrompe tempestuosa... « Aquelle que matou
« Cróton, o luctador que Roma laureou,
« não ha de, não, morrer como um simples cordeiro!
« Levanta! Á espada ou lança, has de luctar primeiro! »

* * *

Nesse interim, porém, em frente aos augustaes,
retinem toda a arena estridulos metaes...
E, rapido, na liça, auroque monstruoso
irrompe, fulvo o olhar, ardente e furioso...

Sobre as hastes da féra, atada e sem sentidos,
em completa nudez, etherea, alabastrina,
via-se a bella Lygia, angelica e divina!...

Ursus olhou tambem...
Ao vêr sua princeza
exposta, alli, á turba, exanime, indefeza,

Biblioteca Nacional de Maestros

deixa explodir do peito um urro de animal...
Recúa, treme, e num arranco colossal,
arroja-se de um salto, um salto de panthéra,
e cinge pelo cóllo a truculenta féra!

Sentindo o choque bruto,
o touro, o pello hirsuto
irrita horrivelmente, e os membros de granito
crava feroz na areia!
O lygio o imita: arqueia
o bronzeo dorso e enteza os musculos potentes
Cada um dos combatentes
procura accionar as forças formidaveis!

Combate colossal! Fortes, inabalaveis,
Parecem de granito!...

* * *

Sustendo a gargalhada,
a turba, agora, espera,
attonita, atterrada,
ou ver morrer o homem, ou vêr cahir a féra

Ursus curva-se mais...

Chilon e Tigellino, e Cesar, e as vestaes
erguem-se na tribuna, inconscientemente!

Ursus redobra o esforço. E quasi incontinente
as veias do gigante
parecem rebentar em sangue palpitante!

Biblioteca Nacional de Maestros

Começa-se a notar que o touro é combalido...
Ursus o cinge mais... De repente, um gemido,
que faz estremecer a multidão romana,
espalha-se na arena...
E deante aquella scena
Chilon fica assombrado! o imperador absorto!...

Do forte lygio aos pés o touro tomba morto!

Exercicios de memoria.

A partida de Pedro Alvares Cabral.

Biblioteca Nacional de Maestros

A FESTA DAS ARVORES

Festa das arvores! Festa das arvores! eis a exclamação enthusiastica, que, num grito de verdadeira alegria, desde alguns dias, mais de cem labios proferiam, com o coração a palpitar.

Oito dias antes, na commemoração civica a Tiradentes, aproveitando acharem-se reunidos no salão de honra todos os alumnos, o Director lhes annunciára solennemente que o Governo, para corrigir a selvagem devastação das nossas mattas, tinha determinado que, ao menos uma vez por anno, os alumnos de todas as escolas sahissem festivamente para plantar arvores nas praças publicas e nos arrabaldes nús de vegetação.

A primeira dessas festas deveria realisar-se no dia 30 de Abril.

Biblioteca Nacional de Maestros

Todos exultaram de alegria, e desde então contavam-se os dias para a realisação da bella solennidade.

Tinha elle emfim chegado.

Desde 9 horas que de todos os lados se encaminhavam para o grupo escolar dezenas de creanças, garridamente vestidas, tendo pregada ao peito uma pequenina bandeira nacional, como para significar que o trabalho que iam realisar era em honra á Patria extremecida.

Quasi ás 11 horas o prestito infantil já estava formado no pateo de recreio. Meninos e meninas, collocados par a par, empunhavam minusculos instrumentòs de trabalho. Uns seguravam regadores; outros, enxadas; muitos, cavadeiras, pás, e feixes de mudas de plantas de diversas especies, notando-se no semblante de todos um sorriso de sincera alegria.

Logo que chegou a banda de musica, que foi collocada no couce do prestito, começou este a desfilar pelo largo portão, ao som de uma marcha alegre.

Já no vasto parque, onde ia realisar-se o plantio, o povo se agglomerava, num borborinho de festa, aguardando ancioso a chegada das creanças.

Biblioteca Nacional de Maestros

Das janellas de todos os edificios que o circundavam, emergiam milhares de cabeças curiosas, num palpitar de plumas, de fitas e de flores. Da propria cadêa, alli tambem situada, adivinhavam-se os olhares dos presos, atravez das grades das janellas tristonhas.

De repente, o povo estacionado no parque, como impellido por um só movimento, voltou-se para uma das ruas que davam entrada na praça. Algumas pessoas correram para esse lado. Por ahi vinha chegando o prestito, ao som da musica.

Era quasi meio dia.

Além, na collina mais elevada, fronteira á cadêa, em perfeito destaque no meio do profundo azul do céu, abria um cruzeiro os braços silenciosos, como numa promessa de esperança!

Do outro lado, sob os raios dourados do sol, tambem como uma affirmação do Bem e da Virtude, elevava-se o tecto avermelhado do grupo escolar. Dir-se-ia que, curioso, espiava, por cima da casaria baixa, a festa de seus filhos, daquelles que diariamente vitalizavam seu seio enorme com canticos de amor e de patriotismo!

Biblioteca Nacional de Maestros

Entrou, afinal, no parque, o lindo cortejo.

Girandolas de foguetes, a espoucar alegremente no ar, quasi não deixavam ouvir o hymno nacional tocado por tres bandas de musica, postadas em coretos chinezes.

Instantes depois, os alumnos, dispersando, plantavam as mudas que traziam, numa alegria ruidosa e communicativa que fazia sorrir aos moços e chorar aos velhos!

E nesse tom festivo, nessa agitação adoravel, passada meia hora, havia-se lançado ao solo o germen de uma grande riqueza, ao mesmo tempo que a alma infantil se enriquecia com o elevado sentimento de amor e respeito ás arvores.

Biblioteca Nacional de Maestros

AMOR ÁS ARVORES

Paulo e Donato, quando chegaram a casa, tiveram de descrever minuciosamente a tio José toda a festa, e de repetir o bello hymno com que ella terminára.

O hymno era assim :

Cavêmos a terra, plantêmos nossa arvore,
que amiga bondosa ella aqui nos será!
Um dia, ao voltarmos pedindo-lhe abrigo,
ou flôres, ou fructos, ou sombras dará!

O céu generoso nos regue esta planta;
o sol de Dezembro lhe dê seu calor;
a terra, que é boa, lhe firme as raizes;
e tenham as folhas frescura e verdor!

Plantêmos nossa arvore, que a arvore amiga
seus ramos frondosos aqui abrirá.
Um dia, ao voltarmos em busca de flores,
com as flores, bons fructos e sombras dará!

Biblioteca Nacional de Maestros

Depois que recitaram, tio José, commovidissimo, exclamou :

— Felizes são vocês, meus filhos, cuja escola ensina a plantar arvores, e a respeital-as e a amal-as!

Em outro tempo, continuou, quando eu era da idade de vocês, não nos ensinavam nada disso. Aprendiamos tão sómente a ler, a escrever e a contar, e isso mesmo imperfeitamente, e sob a acção da férula de cinco furos, a que chamavamos *Santa Luzia*, a qual, como uma eterna ameaça ás nossas pobres mãozinhas, vivia sempre pendurada a um batente da sala de aula, ao alcance da mão do mestre!

Nem hymnos, nem gymnastica, nem excursões ao ar livre, nem plantio de arvores, nada, nada que nos alegrasse o espirito ou enobrecesse o nosso coração! Era syllabario e mais syllabario, debuxo e mais debuxo, taboada e mais taboada! Deus era um tyranno que castigava a torto e a direito : si faltavamos um dia á escola, si brigavamos com um collega, si não estudavamos por acaso as nossas lições, eram só promessas de punição por meio da *Santa Luzia* ou de Deus!

Tinhamos aversão á escola, aborrecimento

Biblioteca Nacional de Maestros

ao mestre, horror ao estudo, e medo a Deus!

Tio José calou-se um instante, olhando distrahidamente para os meninos, como a reviver na memoria todo aquelle sombrio tempo da sua infancia escolar.

Depois, voltando á realidade presente, soltou um profundo suspiro, e repetiu a sua primeira exclamação :

— Felizes, sim, muito felizes são vocês, creanças de hoje! Veiu Caetano de Campos, depois Cezario Motta, Bernardino de Campos e uma pleiade dedicada de professores, moços todos de coração gentil e bondoso, e transformou-se tudo isso! A escola é hoje um ninho de amor e de alegria, porque só o saber plantar uma arvore, com o nobre intuito com que se faz, é já um grande prazer! E esse prazer em breve se transformará em amor ao solo, o que quer dizer amor á Patria, principalmente si a curiosidade infantil quizer observar o que irá passar-se com a arvore que se lançou ao solo!

Verá dilatarem-se-lhes na primavera as gemmulas, formarem-se-lhes as primeiras folhas, e depois desabrocharem-se-lhes as perfumosas flores. Milhares de insectos acorrerão então a pousar nas pétalas coloridas e a

Biblioteca Nacional de Maestros

sugar-lhes dos nectarios o saboroso mel, e a fecundar-lhes os ovarios para dourados fructos!

No estio, bandos e bandos de passarinhos, em uma immigração canora, virão debicar a doce polpa dos fructos!

E cada arvore se tornará um centro de vida, cheio de cantos, de ruflar de azas, de movimento, de zumbidos...

Ah! as arvores e os passarinhos! Quem os não ha de amar?

Umas são o emblema da caridade! Outros, o symbolo da alegria!

Da arvore o homem se utilisa sempre, seja para construir o berço que o embala na infancia, seja para fazer o esquife que o conduz na morte, ao tumulo!

A essencia de suas flores, o succo da sua fructa, as fibras do seu lenho, a seiva das suas cellulas, isto é, o seu corpo todo e toda a sua alma, todo o seu sangue e toda a carne do seu ser, tudo, tudo, o homem vai nella haurir para os seus gosos e suas penas!

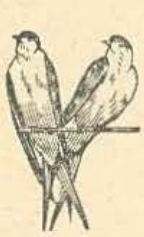
Ai! derrubar e matar uma arvore é o mesmo que prostrar e tirar a vida ao nosso mais prodigo e generoso amigo!

E dos passarinhos, que poderei eu dizer,

Biblioteca Nacional de Maestros

que já o não saibam vocês? Que outro elogio merecerão esses trefegos auxiliares das nossas colheitas, da nossa riqueza, da nossa fartura, a não ser que, si não fossem elles, que devoram incansavelmente todos os insectos damninhos, quanta fome não teria talvez de passar o homem?!

Felizes, sim, meus filhos, são vocês, creanças de hoje, cuja escola lhes instilla n'alma toda essa gratidão, toda essa fraternidade com os outros seres, fraternidade que é o inicio dessa outra maior e mais sublime que prenderá um dia, em um só abraço, os membros de toda a sociedade humana, e que se chama fraternidade universal!



Biblioteca Nacional de Maestros

IDYLIO

A. F. de Castilho

Por um verão de Abril, suave e ameno,
Menalca e a bella Daphne, e seus tres filhos,
estavam-se a folgar ante a cabana.

Por entre as parras de sonoro alpendre,
a mansa lua cheia se enlevava
espreitando esta rustica familia.

Menalca era já velho.
... Em juncos molles estendido,
tem da esposa, no candido regaço,
— como em ninho amoroso — a branca fronte.

Pelas feições transpira-lhe bondade.

O mystico luar o divinisa.

Daphne o contempla muda, e os niveos dedos
de afagar umas cans sentem vaidade.

Biblioteca Nacional de Maestros

Elle, a querida mão colhe entre as suas,
beijada a achega ao rosto, os fracos olhos,
derrama pelos céus alumiados,
e fitando-os na lua :

— « Olhae, meus filhos,
olhae — disse elle — como brilha a lua!
Que suavidade e paz não còa ao largo
o astro das noutes! como attrae, da terra,
nosso espirito humilde, a pensamentos
de outro mundo melhor, mansão de deuses!
Que esp'ranças, de saudades misturadas,
não traz a pura noute ás almas puras!
Dias que em vão suspiro, amenos dias
da minha mocidade!... agora jazo
como arvore, das folhas despedida,
que mais não florirá, porque o machado
já lhe abriu marca para se ir ao fogo.

. . . . . .

« Ouvi, meus filhos :
o cantar diz co'a noute, agrada á lua.
Contentai á vossa mãe : cantai louvores
deste suave Abril!
Nunca, em meus versos,
deixei de o celebrar quando era moço.
Os pastores, de outr'ora, Abril sagraram
a Venus, graciosa mãe de tudo.
Vêde-a naquella estrella estar sorrindo :
as glorias do seu mez são glorias della.

Alexis, principia, eu te acompanho
co'a tua mesma frauta; os sons da frauta
dão como vida ás solidões da noute.
Seja a toada a que inventei — quão ledo! —

Biblioteca Nacional de Maestros

no dia em que nasceste, e a nossos olhos
se doirou de alegria esta cabana.
Bem a sabes; começa, e Pan te ajúde...

Amai sempre as arvores.

ALEXIS :

O visinho Milão, que hoje é tão rico,
não tinha mais que uma arvore; e de terra,
só quanto aquella sombra lhe cobria!
— « Corta-a, Milão, diziam-lhe os pastores;
alegras teu campinho, e terás lenha
para aquecer a choça um meio inverno. »

— Eu? — respondia o triste — eu pôr machado
na boa de minha arvore?! Primeiro
me falte lume alheio o inverno todo,
que eu mate a que a meu pae já dava séstas;
a que de meu avô me foi mandada,
(que a não poz para si); e a que nos braços
me embalou tanta vez, sendo eu menino.
Os deuses a existencia lhe dilatem,
que, assim, lhe quero eu muito; e o meu campinho
produza o que podér, que eu sou contente. »

Sorriam-se os pastores.
O carvalho
cada vez mais as sombras estendia,
e Milão de anno em anno ia a mais pobre.

Lembrou-lhe um dia, e bem, que uma videira,
plantada a par com o tronco, o enfeitaria,
e os cachos, pendurados pela cópa,
lhe dariam tambem sua vindíma.

Biblioteca Nacional de Maestros

E eis que, ao abrir a cóva, acha um thesouro!
Desde então ficou rico, e diz-me sempre
que os deuses immortaes lh'o hão dado em premio,
por amar as suas arvores.

É elle
quem m'as ensina a amar; são delle os versos
com que ao bosque de Pan cantei louvores!

Amai rempre os passarinhos

TYTIRO :

Deuses, tocai o peito de Myrtillo,
por que não saia máu, quando fôr grande!

Hoje, entrando na matta, o vi lá dentro
andar armando aos passaros.
— Que pena,
disse em mim, não ser passaro um momento!
não poder ir correndo o bosque aos pios,
e dizendo em cada arvore : Cautella,
meus irmãozinhos do ar! vejo inimigo!
não saiais! o inimigo anda no bosque! »

Paciencia; assim mesmo hei de acudir-lhes!
Vou-me por entre as moitas, rastejando,
até ao ouco e immenso castanheiro,
que abre em seu tronco uma portada de heras,

e se nomeia a casa de Silvano.

Trepo, e dentro me escondo.
Os meus vizinhos,
lá por cima, na cópa, papeavam,

Biblioteca Nacional de Maestros

(cuido que adivinhando o que eu fariad
Encosto a boca á fresta carcomida,
que está fronteira ao portico da entrada,
e clamo em rouca voz :

— « Pára, Myrtillo ! »

Parou, ergueu-se, e poz-se a olhar em roda.
Vendo tudo em socego, ás redes torna.

Com voz mais estrondosa e mais horrenda,
torno-lhe eu a bradar :

— « Myrtillo, pára ! »

Não esperou terceira.
Arroja tudo,
salta, vôa — oh ! que riso ! — Uns echos feios
lhe iam gritando após :

— « Myrtillo, pára!

Sumiu-se.
Á terra pulo ; espreito o matto ;
acho as rêdes ; as aves sólto ; os mortos
levo-os onde ôlho de ave os não descubra ;
encho-as de pedras ; na torrente as lanço ;
e corro a procural-o...

— « Oh! tu não sabes,
lhe digo, de que morte escapo agora!
Não te engano : era um deus, vi-o eu ; rangia
os dentes, bracejava uma alta fouce !
Vinha a sahir das sombras do arvoredo,
viu-me e gritou-me : — Pára!

Biblioteca Nacional de Maestros

Eu paro e choro...

— És tu que andas armando ás minhas aves?
« Pois eu vou dar-te o ensino... As tuas rêdes
já se lá vão por esse rio abaixo;
e agora has de ir tu, morto, á caça dellas!...
E então vem para mim, co'a foice aos lanços,
cortando pelo ar...

— Bom deus, perdôa,
lhe grito, a soluçar, co'as mãos erguidas;
eu sou Tytiro, o filho de Menalca;
as tuas aves amo, e temo os deuses...
Eu, rêdes! eu caçar!...

« Estou perdido!...
Disseste que eu... Myrtillo me interrompe.

— Não, Myrtillo, socega, eu não lh'o disse,
nem sabia que tu...
Falemos baixo,
que nos não ouça o deus : olha, este p'rigo
passou; mas outra vez não te aventures,
que eu bem sei como o vi, não te perdôa!
Deixa as pobres das aves innocentes
divertir-se e cantar : nada mais querem!
Não tens razão, não tens, de as perseguires.

Quanto ás rêdes, eu quero consolar-te :
Ouve, Myrtillo, aceita este cestinho
de canna entretecida em juncos verdes,
e este meu cajadinho em boa altura,
liso, airoso, e sem nós.

Biblioteca Nacional de Maestros

Assim dizendo,
enfiei-lhe no braço o meu cestinho,
de canna entretecida em juncos verdes,
e entreguei-lhe o cajado...
Então, Myrtillo
me abraçou, e, saltando de contente,
jurou-me nunca mais armar ás aves!

Exercicios de memoria.

A primeira Missa no Brazil (quadro de Victor Meirelles).

Biblioteca Nacional de Maestros

O MARQUEZ DE TAMANDARÉ

A 24 de Agosto de 1848, sahia do porto de Liverpool, em viagem de experincia, o vapor brazileiro *D. Affonso*, — recentemente construido, — sob o commando do capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa, mais tarde almirante Tamandaré.

Levava a seu bordo, entre outras pessoas, a Princeza D. Francisca e seu esposo, o Principe de Joinville; os duques de Aumale; o embaixador brazileiro juncto á côrte de Londres, e o chefe de esquadra, Greenfell.

Uma hora depois de penetrar no oceano, horroroso espectaculo se apresentou aos olhos attonitos dos passageiros e tripolantes do *D. Affonso*.

Alterosa galera, mareando a todo panno, ardia em chammas... Era a *Ocean Monarch*

Biblioteca Nacional de Maestros

embarcação de nacionalidade ingleza, que tinha fogo a bordo!

No seu convez distinguia-se grande numero de pessoas correndo espavoridas de um para outro lado; a maior parte refugiava-se no castello de prôa, no gurupés e, até, no pica-peixe.

A galera, com todo o panno largo, demorava a sete milhas a barlavento (oeste) do nosso navio. Pouco a pouco, porém, fôra virando, até alcançar a bolina, e pondo a prôa ao vento, fundeou.

Já ardia o velame do mastro grande e da gata, e as chammas, que subiam ao céu, envoltas em espesso e negro fumo, alastravam na coberta, envolvendo o apparelho e o massame, que, despenhando das alturas com fragor horrido, levantavam nuvens de fagulhas do brazeiro, ou immensas columnas d'agua nos flancos do navio.

O espectaculo constringia os corações!

Era desesperadora a situação daquella desgraçada gente : mais alguns momentos e o ogo destruiria os ultimos pontos de refugio, onde tantos infelizes aguardavam a mais tremenda das catastrophes.

Foi nesse instante que, numa supplica de

Biblioteca Nacional de Maestros

desespero e pena, a princeza de Joinville exclamou :

— Salve-os, commandante! Salve aquelles grandes infelizes!

E o commandante brazileiro, sem medir o perigo que corria o seu navio, cujos paioes estavam attestados de polvora e de munições de todo o genero, num impulso de admiravel altruismo, navegou a todo vapor para o logar do horrivel sinistro.

Quatro escaleres foram lançados ao mar. Do primeiro atirou-se ás ondas um marujo, levando, preso á cintura, o merlim de forte espia. Eil-o a nadar corajosamente, com força herculea, por entre a quantidade immensa de mastaréos, cabos, velas, e destroços que fluctuavam em torno do barco inflammado! Mas, a força da sua alma é invencivel! Dentro de pouco tempo, dando volta á espia nas amarras do *Ocean Monarch,* estabeleceu o cabo salvador de vai-vem.

Esse cabo foi como a ponte salvadora de cento e sessenta pessoas, que, por elle, se passaram para os escaleres brazileiros, com a soffreguidão de infelizes que se arrojam ao braço amigo que se estende para os amparar!

Dous dias depois, formada a guarnição do

Biblioteca Nacional de Maestros

D. Affonso, o commandante Marques Lisboa ordenava a leitura de um officio do embaixador brazileiro, communicando que o duque de Aumale déra 100 libras esterlinas para repartir pelos « bravos marinheiros que tão relevante serviço haviam prestado á humanidade... »

Terminada a leitura do officio, o futuro almirante Tamandaré tomou então a palavra, e em uma tocante allocução, recordou a misera situação daquelles naufragos infelizes, que se viam reduzidos á miseria, sem recursos nenhuns, sendo que muitos delles eram pobres creanças lançadas na orphandade pela descaridade das chammas, tendo de mendigar o pão para seu sustento...

Os marinheiros brazileiros quasi todos, com os olhos rasos do pranto da commoção, interrompendo então o commandante, exclamaram :

— *Cedemos! Cedemos!*

Os rudes, mas sempre bons corações dos nossos homens do mar cediam espontaneamente, ás victimas da galera, o ouro com que lhes quizera premiar a dedicação a liberalidade do principe de Aumale.

Biblioteca Nacional de Maestros

REGRESSO

Ao regressarem naquelle dia da escola, Paulo e Donato encontraram um telegramma do Dr. Silva Ramos communicando que, em companhia da familia, se embarcára no expresso que devia chegar a S. Paulo ás 7 horas da noute.

A noticia encheu-os de intensa alegria.

Fazia dous mezes que D. Julia partira para a Capital Federal, levando a Luizinha, não só para esperar o Victor, que, por doente, fôra forçado a interromper a viagem, como para fazer uso dos banhos de mar.

Dous mezes! Que longos tinham sido! Agora, que poucas horas faltavam para abraçar sua querida mãe, Paulo sentia augmentar-se-lhe a saudade, e do intimo do coração desejava que ellas se passassem o mais rapidamente possivel.

Biblioteca Nacional de Maestros

A sua imaginação, porém, não teve paciencia para esperar: correu, que digo? voou a encontrar-se com os viajantes em Guaratinguetá, em Taubaté, em Pindamonhangaba, em Jacarehy, andando de estação em estação, vendo-os, tornando a perdel-os de vista, até que um barulho na casa, um chamado de tio José, um gorgeio do canarinho tornavam a chamal-o á realidade!...

Fechava então os olhos, tapava-os com a mão, para mais concentrar-se, afim de recomeçar a interrompida viagem da imaginação...

Mas, esta, tantas vezes distrahida, perdera o rumo e negava-se a caminhar...

Poz-se então a reflectir.

— Quanta novidade não trará a Luizinha?! Virá com certeza contando cousas fabulosas de passeios pela bahia do Guanabara, pela Avenida Central, pela Avenida Beira-Mar; dirá que andou em lanchas, que foi a Niteroi, que subiu ao Corcovado, que jantou no Sumaré, que apanhou conchinhas na praia da Copacabana, — descrevendo tudo isso para me metter inveja! Ora, eu não terei inveja, porque tambem já vi tudo isso, e já passeei

Biblioteca Nacional de Maestros

em todos esses logares, — concluiu Paulo, com um leve sorriso de desdem.

Nova ordem de idéas, porém, perpassou-lhe pelo cerebro, confrangendo-lhe o coração.

Lembrou-se da carta que lhe deixára seu pai, ao partir. D. Julia já era sabedora com certeza do seu mau proceder quanto aos estudos...

— Não, pensou quasi alegre, mamãe não póde estar zangada commigo! Ella é tão boa! E demais, já recomecei a ser estudioso!

Ás 7 horas partiram para a estação.

Meia hora depois, bufando ruidosamente, como si estivesse cançado de correr muitas leguas seguidas, entrava na gare o comboio do Rio.

Paulo e Donato, furando por entre a multidão, correram para o vagão, de cuja janella, Luizinha, sorrindo contente, lhes dizia adeus com as duas mãos.

Paulo precipitou-se logo para onde estava sua mãe, conservando-se a ella abraçado largo tempo.

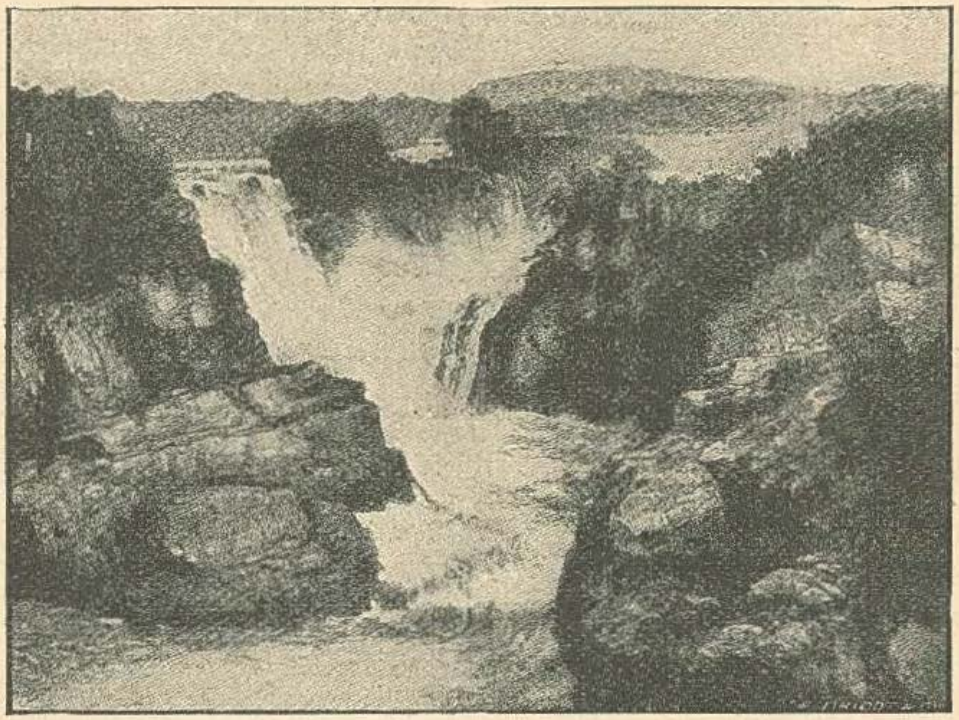
— Querida mamãe! Quanto tempo! exclamava.

Entretanto, o Dr. Silva Ramos e Victor,

Biblioteca Nacional de Maestros

depois de abraçarem Paulo, Donato, tio José e o Sargento Benedicto, mandavam conduzir as malas para o carro, que os esperava, e para o qual se dirigiram todos, indo Luizinha pela mão de Paulo e Donato.

Exercicios de memoria.



Cachoeira Paulo Affonso.

Biblioteca Nacional de Maestros

FASTOS DO BRAZIL

(3 DE MAIO)

TERRA DE SONHOS

EDUARDO MACHADO.

Da noite vai cahindo o lugubre sudario
sobre as vagas do mar...

Saudoso, solitario,
Cabral estende a vista além, pelo horisonte,
buscando adivinhar as linhas de algum monte,
as sombras de um rochedo, ou de uma ilhota ao menos.

Mas, elle nada vê...

O mar e o céu, serenos,
enchem-lhe todo o olhar : sómente mar e céu
tem deante de si, envolvidos no véu
de sombras da saudade...

Biblioteca Nacional de Maestros

A marinhagem rude
procura, na canção que o soffrimento illude,
o doce recordar da Patria tão distante,
tão bella e tão gentil!...

E a náu vai por deante
cortando o salso azul, tranquillo e magestoso!

. . . . . .

Desdobra-se o silencio, immenso e pavoroso,
da noite estrellejada e cheia de luar...
Tudo é socego... o céu é azul e é calmo o mar.

Cabral succumbe ao tédio e ao labutar do dia.
Entrega-se ao cansaço, e, baldo de energia,
pouco a pouco adormece, e, adormecendo, sonha...

. . . . . .

Avista, muito ao longe, uma terra risonha,
encantado paiz de fadas e de flores,
onde a natura é grande e as aves têm mil côres;
onde resplende o sol ardente, sem egual,
como si fôra um olhar satanico, infernal,
aberto no infinito para incendiar o mundo...
onde o valle é doçura; onde o abysmo é profundo;
onde ha rios caudaes e cachoeiras grandes,
e os montes são de altura a ultrapassar os Andes...
onde, cavando a terra... oh! se encontra thesouro
soberbo, colossal, que vale mais que o ouro;
onde o luar é meigo, e rósea a madrugada,
e o Cruzeiro do Sul, na abóboda celeste,
parece abençoar a patria dos eleitos.

Os róseos tons da aurora, esmaiados, desfeitos...
sumiram-se de vez.

Biblioteca Nacional de Maestros

O sol já transpuzera
os umbraes do oriente; e o mar, como uma féra,
levanta-se altaneiro em cólera de espuma...
Ha nelle um quê de extranho...
As ondas, uma a uma,
Quebram-se junto á náu...

Ouve-se um grito :
— Terra! Terra!

E Cabral, olhar attento e fito,
descobre, no horisonte, a terra que elle vira
na vespera, a sonhar...

Exercicios de memoria.

Descobrimento do Brazil — Cabral avistando o *Monte Paschoal*. (Quadro de Aurelio de Figueiredo).

Biblioteca Nacional de Maestros

O LIMOEIRO DE TIO JOSÉ

Ha poucos dias, Paulo, a tua escola sahiu festivamente a plantar arvores, num enthusiasmo digno de todos os elogios.

O vosso espirito de creanças, porém, não comprehende ainda muito bem, como não póde mesmo comprehender, o profundo alcance dessa solennidade. Mas, si de vez em quando tu dedicares alguns instantes a conversar com as plantas, em pouco tempo certificar-te-ás quão gentis e generosas ellas são para comnosco, e quão útil é o plantio das arvores.

Reservei para hoje uma dessas palestras com o meu querido limoeiro. Chama o Victor, o Donato e a Luizinha, e vamos todos passar uma meia hora instructiva, em visita á gloria indiscutivel do meu pomar.

Biblioteca Nacional de Maestros

Instantes depois estavam todos sentados á sombra do florido limoeiro.

Tio José começou :

Não estão a sentir todo um mundo de effluvios suaves e agradaveis? Pois é desta minha querida arvore!

Eu gosto deste limoeiro porque é uma arvore formosa, elegante, rica de vida e de aromas.

Cresceu lentamente, mas o seu viço é tenaz. As folhas são sempre verdes, renovando-se pouco a pouco sem temer os rigores do inverno ou do verão!

Vive sempre verde, como uma eterna esperança, rescendendo da raiz aos fructos.

Tudo nelle é perfume : a flôr, a folha, o fructo, cujo summo é o mais agradavel dos acidos do mundo vegetal!

O limão póde parecer uma cousa de luxo, por não ser de consumo indispensavel, e sob certos pontos de vista, assim é effectivamente; mas quem viajou por paizes quentes, e não gosou a delicia de sorver uma limonada, sabe, por experiencia propria, o prazer de que foi privado!

Eu amo o limoeiro, por outro motivo ainda : amo-o, porque é uma das raras plan-

Biblioteca Nacional de Maestros

tas que está sempre florida, como si vivesse continuamente alegre, num eterno sorriso, a offerecer ao homem os seus verdes ou maduros fructos! Não se exhaure nunca; ao contrario das outras arvores, que só florescem e fructificam uma vez por anno, elle é sempre moço e vive sempre vestido de gala! Arvore bemdita, que se assemelha aos poucos homens privilegiados, que só descançam por mudarem de fórma de trabalho! Quando concluem um labor, já nos ramos trazem centenas de fructos, conjunctamente com milharer de flores que prenunciam mais fructos futuros.

Ah! meus filhos, si no dia em que nasci, me perguntasse o Padre Eterno a que planta me quereria eu parecer, eu lhe responderia sem hesitar: — Padre, fazei-me semelhante ao limoeiro!

Infeliz do homem que não tem em sua alma mais do que uma flôr, que produz um unico fructo! Pobre do homem que só floresce na primavera e que só dá fructos no outono! Esse é uma metade, menos ainda, é uma pequenina fracção de homem!

As acções e as obras humanas são como os fructos de uma arvore!

Biblioteca Nacional de Maestros

Devem ser preparadas longamente, com amor e carinho, e com aquella mesma lenta preparação que, nos vegetaes, se chama cultivo, e, no homem, educação!

Do mesmo modo que uma semente germina e se transforma em uma planta capaz de produzir flores e fructos; do mesmo modo uma creança debil, inconsciente, e muda, deve transformar-se em um homem, capaz de trabalhar e de produzir para si e para os outros.

Tu, Paulo, tu principalmente, estás já na edade em que dentro de tua alma começam de desabrochar os primeiros botões, a que logo succederão olorosas flores, e confio que, mais tarde, saborosos fructos.

As flores são as promessas dos fructos, como os projectos são as esperanças das obras!

Não temas fazer muitos projectos.

É verdade que homens ha que vivem uma vida inteira a formular projectos : são como a dhalia e a hortensia, que apenas dão flores.

Mas, o homem intelligente, o homem completo deve tel-os sempre em quantidade, e dar a cada um delles a essencia do seu pensamento e o amor do seu coração!

Tambem, nas plantas, nem todas as flores

Biblioteca Nacional de Maestros

se transformam em fructos; e deste mesmo limoeiro eis ahi muitas e muitas espalhadas no chão, sem terem nada produzido nos ramos. Mas, ainda assim, fizeram já alguma cousa, porque já deram o perfume de suas petalas, o qual corresponde, na vida humana, á suave poesia da esperança!

Todo o projecto de trabalho futuro é como a flôr na planta; flôr por sua belleza e por suas promessas.

Deve nascer em uma hora de sol, e em outra hora de sol abrir e perfumar sua corolla, aos afagos do ar e da luz. E o ar e a luz, que douram os nossos projectos, são como a esperança de que á flôr succederá o fructo.

Não ha esperança, sem temor, assim como não ha flôr sem o natural sobresalto de que a corólla murche e feneça antes de tempo. A ancia agradavel da espera faz oscilarem as flôres na haste e os projectos na arvore da vida, emquanto o nosso olhar se praz consolado fitando-se nos fructos já sazonados!

Assim como o limoeiro, ainda que sempre fecundo, dá mais flôres na primavera, tambem nós, na primavera da vida, isto é, na nossa juventude, devemos ter mais projec-

Biblioteca Nacional de Maestros

tos, e taes que nos centupliquem a consciencia do nosso valor e do nosso poder. Mas, como o limoeiro, devemos continuar a produzir flores e fructos no estío da nossa virilidade e no outono da nossa decrepitude, e, ao morrer, devemos conservar ainda algumas flores!

Nós somos folhas e ramos, que se desprendem da grande arvore da Humanidade, e morrem. Mas a planta-mãe não morre, porque se vinculou profundamente no solo da vida universal, e eleva altaneira a sua folhagem ao céu, de onde desce a vida sobre a terra!...

— Mas, titio, exclamou o Victor, o senhor não parece um marinheiro, mas sim um poeta!

— E porque não havia de ser tambem poeta? A poesia não é privilegio de ninguem. Esses, que escrevem e publicam em rimas os seus sonhos e as suas esperanças, as suas tristezas e as suas alegrias, são os pontifices, os sacerdotes maximos da poesia, — balsamo tão salutar ao coração humano. Nós outros somos os seus modestos proselytos. Mas todos, ou cada um de nós tem muita poesia no coração. E si não tiver, deverá tel-a. Todo o homem precisa de ser

Biblioteca Nacional de Maestros

operario e poeta ao mesmo tempo : operario para grangear o pão quotidiano, e poeta para sorver na taça da vida o nectar do idealismo e do sentimento.

Exercicios de memoria.

O balão dirigivel de Santos Dumont.

Biblioteca Nacional de Maestros

BOA PEÇA

— Boa peça, sim senhor! exclamava o sargento Benedicto, dando uma gostosa risada, e entrando na sala de jantar.

— Que boa pilheria foi essa que lhe deu tanto no gôto, Sargento? perguntou Victor, que estava sentado na cadeira de balanço, a ler a poesia *A venda dos bois*, que elle muito apreciava.

— Pois você não ha de crêr, Victor? O demonio daquelle Carlos não acaba de pregar uma boa peça ao seu advogado? respondeu o Sargento dando nova gargalhada.

— Mas, que foi?

— Pois o Carlos, aquelle negrinho endemoninhado, ha cousa de uns tres mezes procurou o Dr. Sanches para defendel-o no jury de uma accusação que sobre elle pe-

Biblioteca Nacional de Maestros

sava. Dizia-se victima de perseguições, e que andava foragido com medo de ser preso. Que isso, porém, não podia continuar assim, pois que precisava de sua liberdade para poder ganhar a vida... E tanta cousa disse, que afinal commoveu o advogado.

— Mas, você está mesmo innocente, rapaz? perguntou-lhe este.

— Olhe, *seu* doutor, juro por esta cruz. E pondo o dedo indicador da mão direita sobre o da esquerda, fez uma cruz, que beijou.

— Bem; mas você já foi pronunciado pelo Juiz?

— Disseram-me que já, sim senhor.

— Então é preciso que vá entregar-se á prisão, afim de comparecer ao jury. Eu lá o defenderei. Mas, espere : tome estes cinco mil réis, e vá leval-os á repartição policial de objectos achados, e diga que você os achou na rua, mas como repugna á sua consciencia o ficar com dinheiro alheio, deseja que seja restituida a quem o perdeu. Entendeu?

— Sim, senhor.

— Exija, porém, um recibo, e traga-m'o aqui. Depois, você irá entregar-se á prisão.

— Sim, senhor.

Ora, o julgamento do Carlos foi hontem,

Biblioteca Nacional de Maestros

continuou o Sargento; o dr. Sanches, com a eloquencia que a convicção produz, defendeu-lhe a causa com todo o calor. Em sua opinião, o moleque era uma boa pessoa, accusado calumniosamente, e victima de algum inimigo occulto.

O réu, dizia elle, é um homem honradissimo, e contra toda a justiça se acha ante vós, sentado neste banquinho infamante dos verdadeiros criminosos. Ah! Como traduzir os soffrimentos por que passa neste instante o seu formoso coração! Quereis, senhores, que vos demonstre a sua innocencia? Podeis verifical-o por este documento, procedente de uma repartição policial, que prova que este homem, accusado de haver commettido um roubo, levou sua honradez, seu escrupulo de consciencia, ao ponto de entregar ás autoridades uma nota de cinco mil réis, que encontrou na rua. E consta, senhores, que quando elle isso fazia, estava a morrer de fome! Não é isto sublime! »

Sensação no auditorio.

Os proprios jurados contemplam com certa emoção o homem admiravel que estava sentado no banco dos réus.

Biblioteca Nacional de Maestros

O presidente do Tribunal perguntou então ao Dr. Sanches :

— V. Ex. possúe esse documento a que se refere?

— Eil-o aqui, exclama o advogado triumphante, entregando o recibo, que tirou da sua carteira.

Depois de lel-o e examinal-o, o Presidente declara :

— É a pura verdade ; o que ha apenas é um erro de cifra; o accusado achou na rua uma nota de dous mil réis e não de cinco, como affirma o illustre advogado da defeza.

O Dr. Sanches, aturdido e boquiaberto, balbuciou :

— Dous mil réis? Não, senhor Presidente; cinco mil réis é que foi!

— Delculpe-me V. Ex., mas aqui está declarado bem nitidamente : dous mil réis.

O Dr. Sanches acreditou que o mundo escurecera e lhe andava em torno, e guardou silencio, emquanto lançava um olhar — mas que olhar! ao homem honestissimo.

Não obstante, poude mais o dever profissional que a indignação, e fazendo um esforço exclamou :

— Pois sejam dous mil réis em vez de cinco !

Biblioteca Nacional de Maestros

É um engano meu, sem importancia! Mas, por isso, deixa de ser menos meritorio o seu acto?

O Carlos, entretanto, com um vago e innocente sorriso nos labios, permanecia sereno e imperturbavel.

O Tribunal absolveu-o por unanimidade, e o Dr. Sanches não teve a satisfação de ver condemnado o homem que zombou da sua bondade.

O Victor tambem achou graça na pilheria, mas achou que tanto o advogado, como o Carlos haviam procedido muito incorrectamente.

Biblioteca Nacional de Maestros

A VENDA DOS BOIS

GONÇALVES CRESPO.

O velho entrára triste :
... Ao pé, juncto do lar,
estava a companheira, absorta, a meditar...

— Mulher, a fé perdi; falei a toda a gente
e ninguem me valeu! »
E ella, com voz tremente :
— Dize-me, e o brazileiro?
— Esse foi o primeiro.
Bati, fui ter com elle á sala de jantar,
expliquei-lhe a que vinha... Entrou a gracejar :
« Com que então você quer livrar o seu rapaz?...
« Vizinho, tão mal faz!
« Deixe-me ir cada qual á sua sorte e ao seu destino!
« Seu filho é um mocetão valente e muito digno
« de servir o paiz...

E descascava um fructo...

Desatei a chorar...
— « Homem, não seja bruto!
« A farda não é morte...
E disse mais e mais

Biblioteca Nacional de Maestros

cousas de quem não sabe a dôr de uns tristes pais!
E emquanto o velho punha a vista lacrimosa
nos brazidos, a voz da mãe afflicta e anciosa,
perguntou :

— E o prior?
— Negou, negou tambem!

A angustiada mãe
retorcia o avental com mão febril, ardente.

No silencio da noute então, distinctamente,
um profundo mugido,
triste como um gemido,
longo e longo chorou no lugubre aposento...

Entreolharam-se os dous...
Nisto acóde á mulher um extranho pensamento :

— Temos ainda os bois!
Vendamol-os...
E ria... O entristecido olhar
do velho lavrador de lagrimas nublou-se.
E entrou a suspirar :
— Uns pobres animaes, a quem só mingua a fala
para serem christãos! Parece que me estala
no peito o coração... Vender os infelizes!...
Pois seja assim, mulher : farei o que tu dizes...

II

Vinha rompendo a aurora,
risonha, virginal, feliz como um noivado!
Das aves, á compita, o tremulo trinado

Biblioteca Nacional de Maestros

entre as balsas gorgeava. Era em descanço a nóra.
No emtanto, o lavrador, tremente e vacillante,
como um ladrão nocturno, ou como um namorado,
abriu, de par em par, as portas do curral.
Subito, nesse instante,
volveram para a entrada os bois o olhar leal,
bondoso, humano, franco.

Que festiva alegria
o frequente menear das caudas traduzia,
resvalando em seu forte e musculoso flanco!

O velho, antigamente,
tinha sempre, ao chegar, uma palavra amiga,
um dicto, uma cantiga,
a que sempre um mugido alegre respondia...
Mas, naquella manhã, silenciosamente,
fatal como o dever,
o velho foi buscar a um canto uma correia,
e lançou-a, a tremer,
dos anafados bois ás pontas recurvadas...

E sahiram os tres.
Nos concavos da aldeia,
choviam as canções das aves namoradas.

III

No caes, ha o moirejar das fabricas, ruidoso,
feroz e discordante :
Juncta-se á voz humana o arfar estrepitante
dos valentes pulmões das machinas inglezas.

Biblioteca Nacional de Maestros

Em novellos, ancioso,
golpham as chaminés o denso e escuro fumo,
que ascende e toma o rumo
do vasto e claro azul, vazio de tristezas...

Como um cetáceo ingente, encarvoado e feio,
um enorme vapor
de outros avulta em meio.
Em seu largo convez a marinhagem canta,
e, na faina febril, as ancoras levanta.

Naquella espessa nau, um velho, um lavrador,
entre a faina do caes, fita o dolente olhar...

É que alli dentro vão os bois, o seu amor...
E áquella magoa intensa
e inenarravel dor,
responde a descuidosa e gélida indifferença
dos Homens, e dos Céus e do profundo Mar.

Biblioteca Nacional de Maestros

REFLEXÕES

Quando é que o meu espirito havia de imaginar que, a proposito de um puro nada — um simples traço a lapis feito na parede da escola, teriamos de ouvir uma lição tão bella como a de hoje!

Ah! os mestres devem ter muita observação para poder assim, de improviso, de um facto que a nós passaria sempre despercebido, ministrar conselhos tão uteis.

Eu, de mim, aprendi hoje, além do mais, cousas que, em geral, se consideram insignificantes, mas que encerram verdadeiras lições de moral!

Que é, na verdade, um risco feito a lapis em uma parede?

Pois, esse facto, como soube hoje pela voz do mestre, é de muita ponderação.

Biblioteca Nacional de Maestros

O caso passou-se assim, continuou Paulo, palestrando com sua mãe; um alumno, quem quer que fosse, por espirito de maldade ou não, ao sahirmos hontem da aula, riscou a parede do corredor.

Só hoje é que isso foi notado.

Antes de começar a aula, o professor, dirigindo-se á classe, perguntou :

— Qual de vocês já viu uma lesma? Todos, com certeza; e creio que todos tambem já sentiram a mesma repugnancia que eu sinto cada vez que vejo esse nojento mollusco.

Pois bem, não é preciso que se aviste o animal, para saber-se por onde elle passa, não é verdade? É que após si vai deixando um traço, um risco carregado e largo, produzido por um liquido viscoso que elle exsuda do corpo.

Basta avistar-se esse risco pelos muros ou no chão, para que immediatamente se affirme, com toda a segurança :

— Por aqui andou uma lesma!

Meus filhos, eu me referi a esse facto, apenas para lembrar-lhes a que comparações está sujeita uma pessoa que ande a riscar paredes e a traçar nellas figuras e palavras inconvenientes.

Biblioteca Nacional de Maestros

Um homem sério, educado, ao avistar uma parede assim maculada, involuntariamente compara a alma do autor daquillo a uma lesma!

E quasi nunca erra nessa comparação.

Effectivamente, uma creança de bons sentimentos, que tenha a alma pura e nobre o coração, jámais commetterá taes grosserias.

Só o fazem aquellas que, perdôem-me a qualificação, possuem uma alma semelhante á da lesma, e a prova é que, como o horrivel animal, vai deixando a marca da sua passagem.

— E que fez o alumno que riscou a parede, ao ouvir as palavras do professor? perguntou Dª. Julia.

— O que qualquer um de nós faria tambem, mamãe; levantou-se e pediu-lhe muitas desculpas, dizendo que não fizera o risco propositalmente; que estava com o lapis na mão, e ao adeantar-se rapidamente para alcançar o seu companheiro de fila, inadvertidamente resvalou a sua ponta na parede.

— Ouviste bem o que disse o mestre, não, Paulo? Agora vê si queres que tambem te chamem alma de lesma...

— Isso nunca, mamãe.

Biblioteca Nacional de Maestros

O LIVRO

Temos tanta luz nos olhos
e n'alma tanta poeira!
A ignorancia é cegueira
que não empunha bordão;
— mendiga, que nada pede,
vagando na escuridade,
ao serviço da vontade
tem garras em vez de mão.

Deixai ao povo o seu trapo,
elle por mais não anceia;
mas, ao menos, dai-lhe a idéa
que lhe sirva de pharol;
desvendai todas as almas,
pois Deus, para esclarecel-as,
encheu a noite de estrellas,
e encheu o dia de sol.

Quem tem, como nós, as c'rôas
melhores da valentia,
não ha de colher um dia
as glorias do A-B-C?

Biblioteca Nacional de Maestros

Dóe-nos ouvir como o povo
diz, com jactancia illusoria,
que tem seu nome na historia,
quando elle a historia não lê.

Como ha de entender o povo
seus deveres, seus direitos,
si lhe não dais os preceitos
da carta do B-A, Bá?
O povo cego tacteia,
mas, si quereis que elle enxergue,
entregai-o a Guttemberg,
e o povo tudo verá.

Fazei brotar as escolas,
— como Deus semeia as fontes, —
entre os valles, sobre os montes;
haja um mestre em cada lar.
Seja a instrucção para o povo
como torrente abundante,
porque é sempre fecundante
a inundação desse mar.

O livro! Dai-no-lo, dai-no-lo,
inda que seja de esmola;
maior que o mercado, a escola
abramos á multidão.
Sabendo que a ignorancia
é a nossa maior desgraça,
dai-nos o livro de graça,
embora vendais o pão.

Biblioteca Nacional de Maestros

Vêde : os códigos e a biblia
ahi 'stão sem que o povo os veja.
A escola é a porta da igreja,
só a instrucção mostra Deus.
O homem que lê, medita,
a alma que pensa se eleva,
e lá, onde finda a treva,
é que começam os céus.

VICTORIANO PALHARES

Exercicios de memoria.

A escola no Hospicio dos Alienados do Rio de Janeiro
(Pavilhão Bourneville).

Biblioteca Nacional de Maestros

FASTOS DO BRAZIL

13 DE MAIO

Quando surgiu na aurora o luminoso raio,
que deu a liberdade a todos os escravos ;
quando, a treze de Maio,
brilhou o novo sol de seus matizes flavos,
um hymno audaz, viril,
rompeu da multidão, e musicas e flôres,
e vivas, e louvores,
cantavam sem cessar as glorias do Brazil.

No meio da floresta, ao lado do caminho,
que vai dar á cidade,
morava um pobre preto, um misero velhinho,
curvado ao peso atroz de sua longa edade.
Vivia triste alli, sem sombra de esperanças,
sósinho, sem amor, sem ter um peito amigo,
sem risos, sem creanças,
— um naufrago da sorte, um tropego mendigo

Biblioteca Nacional de Maestros

Quando surgiu na aurora o luminoso raio,
que deu a liberdade a todos os escravos,
o misero velhinho,
o pária da fortuna, o tropego mendigo,
sahiu de sua choça, abandonou o abrigo,
o tecto ennegrecido, e foi pelo caminho
da proxima cidade,
andando sem parar, andando na anciedade
de quem quer alcançar um fito desejado.
Chegou, chegou emfim, arfante e alquebrado.

No largo da matriz os arcos e as bandeiras
ao puro céu de anil fulgiam multicores,
e musica e flores
cantavam sem cessar as glorias brazileiras;
e o misero velhinho,
o pária da fortuna, o tropego mendigo,
sem risos, sem amor, sem ter um peito amigo,
o pobre abandonado á beira do caminho,
fazendo ingente esforço, alevantou-se heroico:
daquelle coração vencido pela idade,
senil, descrente, estoico,
partiu com emoção um viva á liberdade!

Biblioteca Nacional de Maestros

O CODIGO

— Não comprehendo bem :
eu sou o possuidor
de uma joia qualquer preciosa, de valor,
e roubam-m'a...
O gatuno encontra um joalheiro,
um judeu colossal, desses que, por dinheiro,
venderiam a honra a alguem... si ainda a tivessem...
Dá-lhe, quasi de graça, a joia.

Assim pudessem
ter aquelles ladrões, tacitamente socios,
novas occasiões para tão bons negocios!

Mas, dessa transacção alguem me dá noticia.
Vou, então, reclamar o auxilio da policia
contra aquella extorsão.
Ella, que não recua
ante o que é justo, faz que se me restitua
aquillo que era meu. Lança ao judeu as unhas,
esmiuça, esquadrinha, inquire testemunhas,
e, como quem explora um roubo, incorre em crime,
mette-os na Detenção. O codigo os condemna.
Nada mais natural.
Põe isto em evidencia,
que, perante a Justiça, ou perante a Consciencia,
o roubo não será jamais qualificado

Biblioteca Nacional de Maestros

propriedade legal sinão do espoliado,
que póde, a qualquer tempo, hável-o sob a mão.

A lei que declarou — cumplice do ladrão, —
aquelle que se fez participe do crime,
deu-lhe uma parte nelle; e, si ao ladrão opprime
a falta commettida, ao outro, em resultado,
toca a parte moral do facto condemnado,
que passa, ante a justiça, intacto e monstruoso,
das mãos de um criminoso ás de outro criminoso...

***

Ora, todo o africano escravo teve, outr'ora,
uma joia tambem — a liberdade — e fôra roubado
por um vil pirata, um salteador!

— Eis como o negro teve o primeiro *senhor!*

Depois, este o vendeu a um outro, como um cão;
este outro o revendeu nos lotes de um leilão,
sempre auferindo lucro aquelle que o comprava.
E como quem neste infame e vil commercio entrava
ia tomando gosto á excelsa ladroeira, —
caminhando de mão em mão, de feira em feira,
a seu actual senhor o negro emfim chegou...

No emtanto, a mesma lei que, ha pouco, condemnou
o comprador da joia, a mesma lei austéra,
faz-se cumplice agora, e já não é severa
para o homem que rouba a liberdade a um homem!

Tudo que o infeliz produz, outros consomem:
e aquelle, a quem se usurpa a actividade e a vida,
passa de possuidor a ser cousa possuida!

HYPPOLITO DA SILVA.

Biblioteca Nacional de Maestros

TRABALHO E VONTADE

— Paulo, quando ha pouco tempo, em virtude de uma merecida reprimenda de teu pai, tu me procuraste para me pedir conselhos sobre a tua futura norma de vida, na mesma occasião me veiu ás mãos, lambras-te? uma carta de um antigo protegido meu, convidando-me para passar alguns dias na sua fazenda.

Eu prometti ir e levar-te commigo.

Poucos dias faltam para essa viagem.

Antes, porém, de partirmos, desejo, Paulo, dizer-te alguma cousa sobre o poder da vontade, afim de que, ao observares Jorge e sua irmã Helena, possas fazel-o já de olhos bem abertos!

A primeira condição para um homem adquirir a vontade, é exercital-a.

Biblioteca Nacional de Maestros

A segunda, é fiar-se em si mesmo.

« Ajuda-te a ti mesmo, que a fortuna te ajudará », diz o adagio popular.

Effectivamente, o homem, á força de perseverança, póde, servindo-se embora dos meios mais limitados, triumphar dos maiores obstaculos.

Ajuda-te, pois, a ti mesmo : não aguardes as acções dos outros em teu proveito.

Onde ha uma vontade, ha tambem um caminho sempre facil de percorrer.

Trabalha, estuda, persevera, e, sobretudo, observa com interesse, com intelligencia, porque na experiencia e no soffrimento alheios é que ha todo um mundo de exemplos a aprender.

É o trabalho que produz todas as riquezas, e que dá os verdadeiros gosos da vida, e os verdadeiros titulos de nobreza.

Qual será o homem mais nobre? Julgarás talvez que é aquelle que herda grandes riquezas, nomes brilhantes, titulos sonoros?

Pois estarias errado, si o julgasses.

O mais nobre é o homem do trabalho; é aquelle que, na atmosphera ardente e suffocante das officinas, no meio do ruido ensurdecedor dos martellos, ou calcando nos cam-

Biblioteca Nacional de Maestros

pos, sob a canicula, a rabiça do arado, para retalhar o solo e fecundal-o, contribue para augmentar o bem-estar dos seus semelhantes; — é o que serve á causa da liberdade; é o que moureja pela felicidade humana; é o que inventa; é o que, no dorso dos navios, cortando alterosas vagas, affrontando terriveis tempestades, vai de mundo a mundo, no intercambio commercial, apertando, dess 'arte, os laços da fraternidade universal!

O poeta poz na boca de um operario estas palavras, dirigidas a um orgulhoso fidalgo, palavras que traduzem a consciencia que elle sentia de sua força e de seu valor :

Em cousas de grandeza,
Collega, dá-me a mão, tu vales o que eu valho!
A tua vem do Rei, e chama-se — Nobreza!
A minha vem do Povo, e chama-se — Trabalho!

Palavras essas de uma verdade profunda.

Todo o trabalho honra; todo o trabalho é, para o que o executa, um meio de aperfeiçoar-se moralmente, e um meio de enobrecer-se.

Quer grosseiro ou delicado; quer se tenha callejadas as mãos no rude mourejar das officinas ou se escreva um poema com penna de ouro — o trabalho, comtanto que a con-

Biblioteca Nacional de Maestros

BIBLIOTECA NACIONAL
DE MAESTROS

sciencia approve o que se executa, é respeitavel, é digno de sympathia e de admiração, porque é sempre uma fonte de puros gosos do coração, porque é sempre uma promessa de riqueza e de prosperidade!

Stephenson, o descobridor das locomotivas; Edison, o mais fecundo inventor das applicações praticas da electricidade; o Barão do Rio Branco, o integrador esforçado do nosso solo, e outros e outros, subiram das posições, algumas modestissimas, com que iniciaram a sua vida de homens validos, ás alturas da celebridade, a golpes de trabalho, e pela tenacidade que possuiam.

A vontade, Paulo, é o grande motor, o centro de toda a nossa actividade responsavel.

Queres dominar a indolencia que, de vez em quando, ainda de ti se apossa?

Procura adquirir uma vontade firme.

Queres possuir uma vontade firme?

Trabalha, lê, estuda, que o teu triumpho é certo.

Observa, pois, quando lá fores, o que fez Jorge, a poder de vontade; e que as suas victorias te sirvam de incentivo e de poderoso exemplo á tua actividade.

Biblioteca Nacional de Maestros

A REPREHENSÃO

A nossa classe não anda muito feliz este anno.

O outro dia foi a reprehensão a proposito do risco feito na parede. Hoje, o que se passou foi muito mais grave.

Ás 10 horas da manhã, quando nos achavamos no pateo de recreio, á espera do toque de entrada, ouvimos dizer que o Director estava magoadissimo, porque surprendera uma carta anonyma insultuosa, dirigida por um alumno a outro, e que nos ia passar uma severa reprimenda.

Isto nos impressionou a todos.

Quando entrámos para a sala de aula, estavamos corridos de vergonha : lá fóra e nas outras classes sabia-se o que nos ia acontecer.

Mas, não obstante o que se dizia, não

Biblioteca Nacional de Maestros

podiamos acreditar que houvesse entre os nossos collegas quem tivesse tido a coragem de praticar tão feia acção!

O professor fez a chamada. Não faltava ninguem. O criminoso, si é que existia, estava, portanto, presente.

Olhavamos uns para os outros, espantados, a vêr si descobriamos alguem com aspecto de culpado...

De repente ouviu-se girar a massaneta do trinco, e á porta surgiu o rosto um tanto pallido do Director.

Houve um pequeno murmurio de anciedade, mas succedeu-lhe logo o silencio, um silencio quasi absoluto.

Os nossos corações batiam oppressos, curiosos pela tremenda verdade, mas ao mesmo tempo com receio de sabel-a.

O Director foi sentar-se ao lado do mestre.

Todos os olhares se fitaram nelle. Pela severidade do rosto adivinhava-se-lhe uma profunda contrariedade.

Elle levantou os olhos que, por instantes, conservára abaixados, e aprumou-se na cadeira.

Apurámos os ouvidos para não perder nenhuma de suas palavras.

Biblioteca Nacional de Maestros

— Meus filhos, começou elle, com voz que mal se ouvia, e tremula de commoção; o povo, em sua profunda sabedoria, diz que não ha nada que possa encobrir a Verdade, porque ella é como o sol, a que uma nuvem póde obscurecer, mas nunca apagar. Deu-se entre alumnos desta classe um facto devéras lamentavel, e que veiu demonstrar que ha entre vocês um coração com tendencias bem censuraveis. Quiz castigar um delicto, que desmoralisa esta escola, e para conseguir saber quem o praticou, interroguei-os um a um; mas todos, sem excepção, tiveram a nobreza de não delatar um seu collega. Muito bem, meus filhos, e si o caso não tivesse a gravidade que eu lhe reconheço, essa prova de dignidade bastaria para que eu o deixasse ficar esquecido.

Mas, como Director, responsavel pela formação dos elevados sentimentos que devem impulsionar o coração dos meus alumnos, não posso deixar sem uma censura o autor do delicto.

Já sei quem o commetteu. Não lhe declino o nome, para o não envergonhar perante os seus amigos e collegas. Elle, que me está ouvindo, saiba, porém, que praticou uma

Biblioteca Nacional de Maestros

acção indigna e vil, porque o homem que se utilisa de uma carta anonyma para insultar a quem quer que seja, é peior do que um covarde, procede exactamente como o bandido que, occulto na curva de uma estrada, ataca traiçoeira e miseravelmente o incauto viandante!

Attenda bem : a creança que assim procede, não póde nunca crescer um homem honrado!

Com a experiencia da minha velhice eu aconselho a esse que se mostrou tão descaridoso : « lucte até vencer e aniquillar essa má herva que lhe está a crescer no coração ». Bem sei que é ainda uma creança; mas dia virá, estou certo, em que, ao lembrar-se da sua meninice, ha de córar desta acção. Trate, pois; de não mais pratical-a nunca.

O Director levantou-se e sahiu, sem, porém, demonstrar a quem se tinha dirigido.

Mas, nós que estavamos curiosos por descobrir quem se mostrára tão perverso, descobrimos logo o criminoso.

Fôra o Marcos Rodrigues.

Éra o unico que conservava os olhos baixos, e com o resto de uma pallidez que causava pena!

Biblioteca Nacional de Maestros

A PARTIDA

Chegára o dia aprazado para a viagem á fazenda Bella-Vista.

Dous dias antes, tio José, ao despachar as malas, telegraphára a Jorge, pedindo conducção para cinco pessoas, na estação de Sabaúna.

Com elle iriam o Paulo, o Victor, o Donato, e o sempre alegre Sargento Benedicto.

Ás 7 horas da manhã tomaram o trem para aquella estação.

Alli já os esperava um caboclo de nome Amador, com cinco animaes arreados para montaria, e tres burros com cangalhas, para conduzirem as malas.

— Então, iremos todos a cavallo? perguntou Paulo a tio José.

— Que remedio, meu caro; o caminho

Biblioteca Nacional de Maestros

dizem que é accidentado, e é preferivel percorrel-o a cavallo.

— Não tenha medo, nhô moço, disse o camarada; os animaes são muito mansinhos.

As malas foram depressa collocadas nos burros, e achando-se já todos montados, tio José ordenou a partida.

O caminho, de terra vermelha, subia até um espigão, que transpunha, e se estendia lá muito ao longe, como uma enorme serpente sinuosa, indo perder se em um capoeirão cerrado, que fechava o horisonte.

— É longe ! exclamou tio José, ao medir do alto do espigão a extensão do caminho.

— Isso ainda não é tudo! respondeu o Amador; do capoeirão p'ra lá, nós temos de caminhar quasi o dobro.

De lado a lado do caminho, avistavam-se pequenas lavouras de cereaes, nas proximidades de casinholas brancas, de cujas chaminés se desprendiam pennachos de fumaça!

Pomares de laranjeiras, limoeiros, mangueiras de um lado das modestas habitações, e de outro o terreiro muito limpo, limitado por cercas de guarantan, em cujo recinto cacarejavam dezenas de gallinhas, dando uma nota alegre á paisagem.

Biblioteca Nacional de Maestros

— Ora, eis allí Victor, a imagem da vida feliz. Alli não ha grandes desillusões, porque tambem não ha grandes ambições. Emquanto a mulher cuida dos affazeres do lar, o marido, em companhia dos filhos mais velhos, lá anda a semear a terra e a colher os fructos já sazonados da sua seára. O feijão, o arroz, o milho, a batata, a mandioca, de que fazem farinha e pão, a canna de assucar, de que fazem a rapadura e o melado, a gordura, a carne, os tecidos de suas roupas, fiados do algodão — tudo isso esses modestos lavradores produzem no pequenino mundo tão perfumado, que lhes é habitação. Para mim, nisso é que reside a felicidade humana! Imagina, Victor, continuou o Capitão José, que todo o solo ainda inculto do nosso Estado, ou antes, de todo o Brazil, fosse assim retalhado em pequenos lotes de terra e dados como premio a familias de agricultores, ou de quem quizesse sel-o, que paiz rico, povoado e feliz não seria o nosso!

Tio José foi interrompido pelo Sargento que, tendo feito camaradagem com o caboclo, ia meio derreado no bucephalo, e, por gracejo, para fazer rir, cantava com o seu grosso vozeirão :

Biblioteca Nacional de Maestros

Já vejo as altas palmeiras
Dos bosques da minha terra!
Eh! caboclo, cerra! cerra!
Té chegar no meu sertão!

Tenho saudades das noutes
Que só goza o sertanejo!
Ha bem tempo que não vejo
Desafio no serão!

Já sinto meu peito alegre,
Mais folgado nestes ares...
Tudo isto é sertanejo...
Eh! tropeiro, cerra! cerra!
Té chegar na minha terra,
Que eu só vivo no sertão!

O caboclo sorria, e, como obedecendo ao canto do Sargento, apressava os burros de carga.

Ia cahindo a tarde, quando, de um alto, avistaram a fazenda Bella Vista, cujo nome se justificava pela verdadeira belleza da perspectiva.

Meia hora depois, alegremente acolhidos, descançavam á mesa da ceia fumegante, depois das doze horas de viagem que tinhamos feito naquelle dia.

Biblioteca Nacional de Maestros

A PRIMEIRA VISITA

Não obstante acharem-se com o corpo dorido pela longa jornada da vespera, ás 6 horas da manhã Paulo, Donato e Victor já estavam levantados.

Aguçara-os a curiosidade de conhecer desde logo a linda propriedade de Jorge.

Não se importando com o frio, que fôra bem rigoroso nesse mez de Junho, sahiram os tres, bem agasalhados nos sobretudos, a dar um longo passeio pelas terras da fazenda.

Iam acompanhados de um caboclinho muito vivo e intelligente, filho do Amador, com o qual, nessa facil e rapida intimidade entre creanças, fizeram logo amizade, depois que terminaram a ceia na vespera.

Joca era o nome delle.

Donato, filho de fazendeiro, pediu-lhe que

Biblioteca Nacional de Maestros

lhes mostrasse a creação da Bella-Vista, a qual, segundo dissera tio José, era a mais linda possivel.

Joca levou-os em primeiro logar ao pasto, onde, naquella occasião, um camarada, de pé

Um camarada de pé sobre uma carroça...

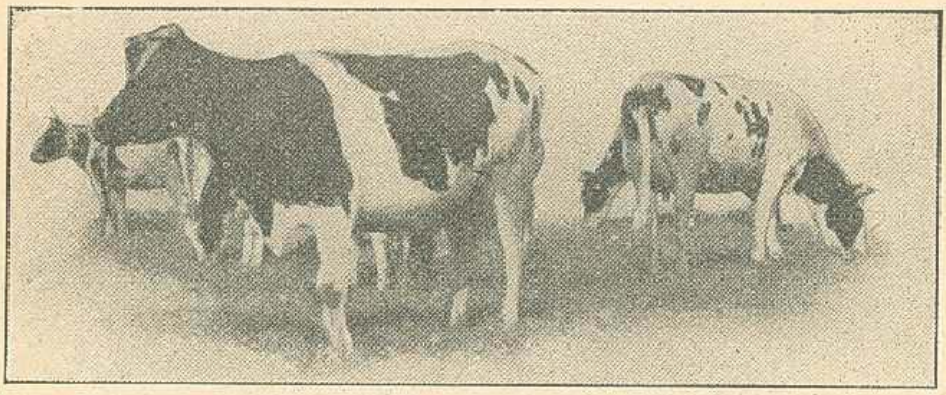
sobre uma carroça, dava aos porcos a primeira ração de alfafa, porque, na Bella-Vista, era com alfafa que se alimentavam os porcos.

Ficaram maravilhados ao ver aquellas dezenas de suinos, novos ainda, mas já fazendo prever a que peso attingiriam, depois de cevados em chiqueiros especiaes.

Biblioteca Nacional de Maestros

Dalli Joca os conduziu pelo pasto grande da fazenda, onde o gado vaccum costumava estacionar pela manhã, para lamber o sal que de tempos a tempos Jorge mandava espalhar.

Poucos exemplares alli estavam na occa-



Onde o gado vaccum costumava estacionar.

sião, mas esses eram do mais bello typo da ráça hollandeza.

— Onde é que estão os cavallos de sella? perguntou Paulo, que era mais apaixonado por esses animaes.

— Acompanhem-me, que eu já lh'os mostro.

E os quatro rapazinhos, dando uma grande volta, passaram por uma magnifica plantação de algodão, onde, naquelle instante, trabalhava uma familia de colonos pretos, composta de quatro pessoas.

Biblioteca Nacional de Maestros

Elles cumprimentaram delicadamente os meninos. Na fazenda Bella-Vista era um primor a educação e a cortezia de todos os seus habitadores.

De longe avistaram a cavalhada.

Paulo pediu para se approximarem, porque

Os quatro rapazinhos passaram por uma plantação onde trabalhava uma familia de colonos pretos.

elle queria vêr de perto os cavallos mais bonitos que havia na fazenda.

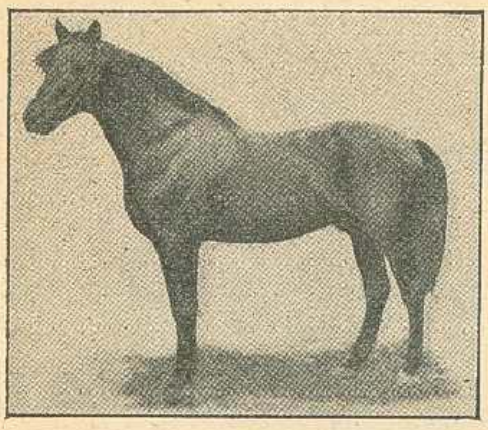
Joca, como um gentil *cicerone* que era, fez-lhe a vontade.

Pouco depois os tres hospedezinhos extasiavam-se ante dous bellissimos animaes, de montaria reservada de Jorge e Helena.

Cançados da longa caminhada, e com muita

Biblioteca Nacional de Maestros

fome, regressavam os quatro rapazinhos para a casa senhorial da fazenda, quando deu vontade ao Victor de beber um copo de leite quente.



O cavallo de Helena

O estábulo das vaccas não ficava muito distante.

Como eram muitas as vaccas para mungir, pois fazia-se na Bella-Vista muito queijo e manteiga, era bem possivel que lograssem alcançar ainda o perfumado leite das vaccas hollandezas.

O cavallo de Jorge.

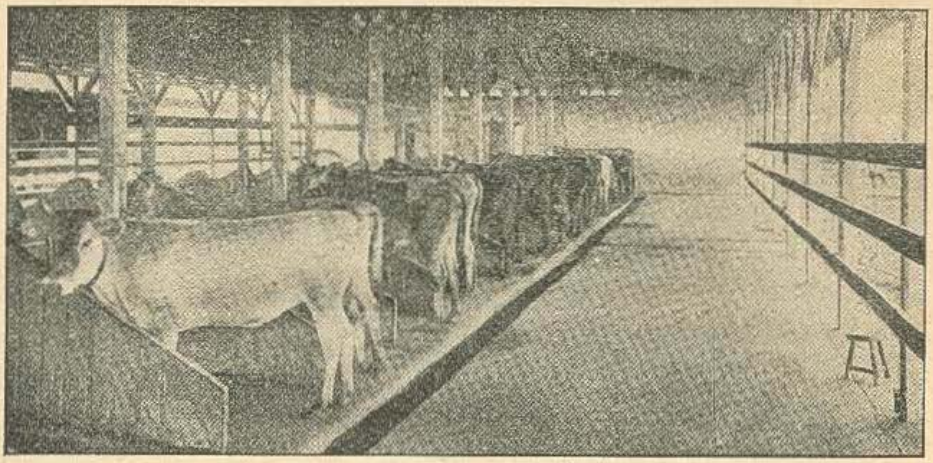
Joca levou-os, pois, para o estábulo.

Foram felizes.

Faltava ainda ordenhar a Formosa, assim chamada por ser a mais bella vacca da fazenda, e a melhor productora de leite,

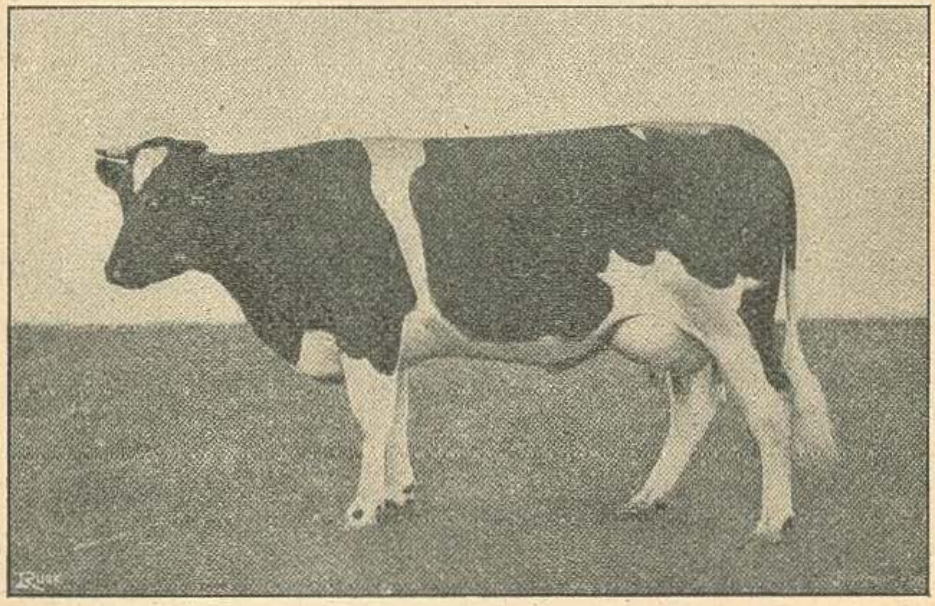
Biblioteca Nacional de Maestros

pois dava de 25 a 30 garrafas diariamente.



O estábulo

Saciado o seu appetite, regressaram, afinal, os quatro meninos para casa, alegres, satis-



A vacca Holmorsa

feitos moral e physicamente, com uma grande

Biblioteca Nacional de Maestros

admiração por aquelle moço de vinte e poucos annos, tão intelligente, tão cheio de força de vontade, tão trabalhador, que transformára

Os cães de Jorge.

um carrascal, que tal era a Bella-Vista, quando elle para lá foi, na mais linda e productora propriedade agricola.

Ao chegarem ao terreiro da casa, encontraram, Jorge que se distrahia com os seus magnificos cães dinamarquezes.

Biblioteca Nacional de Maestros

INTIMIDADE

Á hora do almoço, preparado pelas proprias mãos de Helena, com o auxilio de uma mocinha, filha de um fazendeiro visinho, estabelecera-se franca intimidade entre todos.

Pareciam amigos velhos.

Victor, Paulo e Donato tinham perdido o natural acanhamento do primeiro dia, e expandiam-se com toda a liberdade.

— Viram muita cousa nova e bonita, hein, rapazes! exclamou o Sargento.

— Não só muita cousa nova e bonita, disse Victor, como muito exemplo de trabalho, de intelligencia e de dedicação. É admiravel a sua propriedade, sr. Jorge! accrescentou, dirigindo-se ao amphitryão.

— Tanto, não, sr. Victor; mas tenho feito tudo quanto posso para tornal-a não só

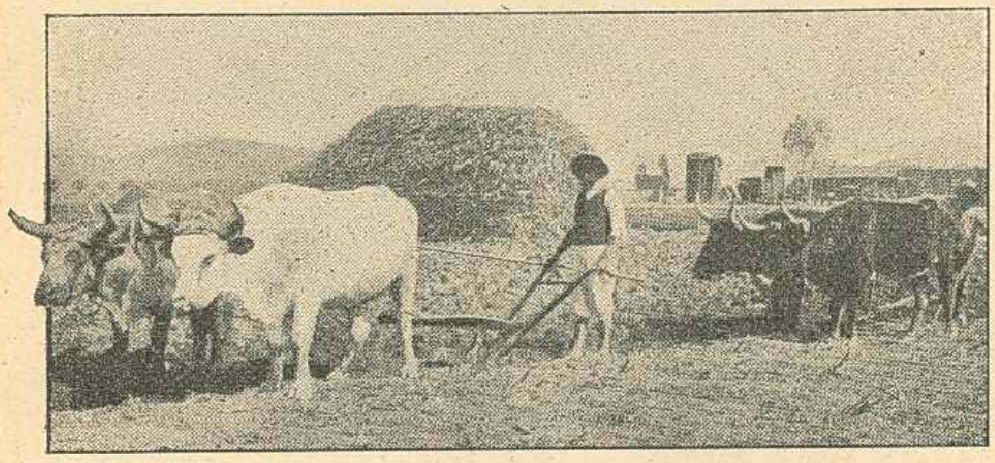
Biblioteca Nacional de Maestros

muito productiva, como tambem agradavel e formosa. Mas, o autor principal de tudo isso, não sou eu : é aqui o meu amigo Capitão José.

Victor olhou para Jorge, muito admirado, e exclamou :

— Tio José!

— Ah! o Capitão ainda lhe não contou a



A propriedade do Snr. Jorge.

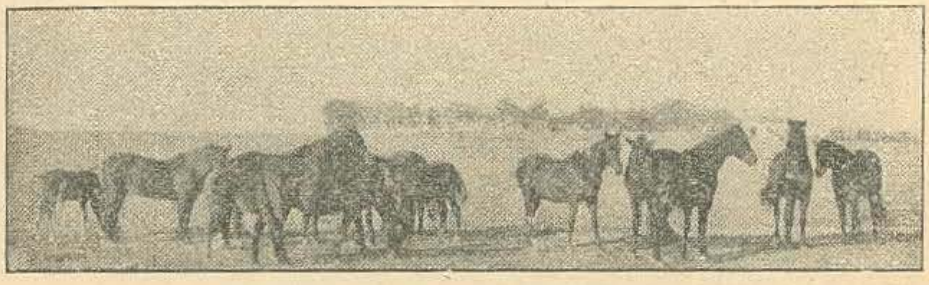
minha historia? Pois é pena, porque mais apreciariam o formoso coração do seu tio. Foi a modestia que lhe paralysou a lingua. Mas eu a contarei, hoje não, que temos de ir assistir a um casamento da filha do meu visinho, proprietario da fazenda *Esperança*. Terei muito gosto em narral-a, e si o esforço que empreguei para chegar ao ponto em que

Biblioteca Nacional de Maestros

estou, póde, como o senhor disse, servir de exemplo, ficarei summamente satisfeito, e terei em parte transmittido a outrem os beneficios que me prestou o Capitão José.

— Não exaggere, relativamente a mim, protestou o velho marinheiro; nada mais fiz do que lhe dar alguns conselhos...

— Mas, conselhos que foram verdadeira



O creação do gado cavallar.

bussola no caminho da minha felicidade e riqueza.

— Porque quem os pediu os seguiu com coragem e força de vontade. Estás ouvindo, Paulo? Os meus conselhos ao Jorge, como elle acaba de dizer, foram a verdadeira bussola no caminho da sua felicidade e riqueza, porque elle os seguiu com coragem e força de vontade.

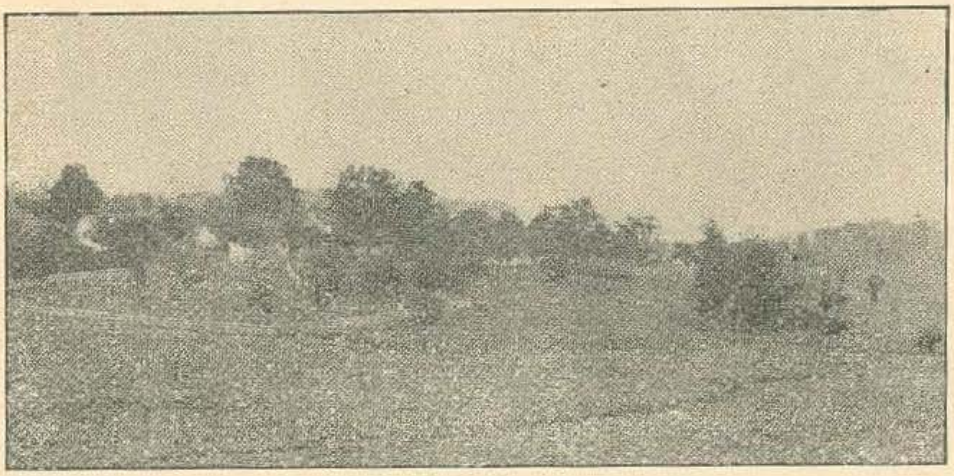
— Que eu tambem hei-de-ter, tio José, póde estar certo, principalmente agora que

Biblioteca Nacional de Maestros

eu vi, com os meus proprios olhos, os fructuosos effeitos!

— Querem vêr que o rapaz tambem quer ser fazendeiro?! exclamou o Sargento.

— Fazendeiro ou operario, artifice ou le-



A fazenda da Esperança.

trado, eu hei de ter força de vontade, prometto.

— Olhem como está inspirado! Qual! Não ha nada como a mudança de ares!

— Como eu lhes dizia, continuou Jorge, hoje não contarei a minha historia, porque temos de ir á fazenda *Esperança;* mas, amanhã, á hora do chá, e emquanto os colonos pretos se entregarem ao seu *semba* eu o farei. São traços ligeiros, mas delles se póde inferir que um bom conselho vale ás vezes muito mais do que o ouro!

Biblioteca Nacional de Maestros

HOLOCAUSTO

I

A fazenda da Esperança
fica na encosta do monte;
de seu pateo, a vista alcança
formoso e vasto horizonte.

De um grupo de serranias,
que, na distancia, se azulam,
nuvens brancas e erradias
as altas grimpas osculam.

O valle, que ha de permeio,
em verde o céu reproduz —
concha immensa, cujo seio
refrange, irisada, a luz.

Alli e além, das vizinhas
fazendas vêm-se os telhados,
e o fumo que, das cosinhas,
sóbe em novellos prateados.

Biblioteca Nacional de Maestros

De verde-gaio uma cinta
corta o verde mais sombrio,
e a espaços, com aurea tinta,
aguas lampejam : é o rio.

É o rio que serpenteia
sob a arcaria florente
da ramagem, que se alteia
das ribas, pomposamente.

Azues, sinuosas veias,
do corpo hirsuto das mattas
deslizam torrentes cheias
que vão jorrar em cascatas.

Das aves os varios trinos
reboam, nas verdes naves,
entrelaçados em hymnos
claros, festivos, suaves.

E ante essas pompas supremas.
em que freme a vida, a flux,
a alma soletra poemas
de sons, de aromas, de luz!

II

Ha festa na Esperança :
o fazendeiro casa a filha,
— Formosa dona de soberba trança,
e de um rosto, que a todos maravilha.
. . . . . .

Biblioteca Nacional de Maestros

... É' pomposa a bôda!
Da circumvisinhança
a melhor gente toda
chega em grupos ao pateo da Esperança.

Vem, da villa, o padre,
fazer, depois da missa, o casamento;
para que ao luxo do consorcio quadre,
escolheu o mai rico paramento.

A sala da capella
parece um céu aberto!
De mil flôres o altar está coberto,
e a propria Virgem hoje está mais bella!

Sons de instrumentos soam;
trincolejam as vozes hilariantes
dos convivas; lá fóra, o chão atroam
as patas dos cavallos espumantes.

Graves sobrecasacas
de venerando córte,
amarrotadas da prisão das macas;
gravatas brancas, rijas como facas;
camisas carregadas de anil forte;
vestidos pintalgados,
productos de uma moda immemorial;
largas fitas de tons disparatados;
grossos anneis, e brincos rendilhados;
grandes collares de ouro e de coral —
tudo, neste almo dia,
em pitoresca confusão, ostenta
do sertão a luzida fidalguia,
— gente rude, bondosa e barulhenta,
amante do bom prato e da folia!

. . . . . .

Biblioteca Nacional de Maestros

Chega ao pateo um cortejo...
Grande alvoroço! « É o noivo! » Commovido,
apeia do cavallo o sertanejo;
o seu labio sorri desvanecido,
e, em suas faces, ha o rubor do pejo.

Eis que a noiva apparece
toda de branco, a fronte engrinaldada;
qual diaphana cascata, o véu lhe desce
pelo dorso, e, no véu emmoldurada,
a sua rosea face resplandece
como radiante de uma luz sagrada.

O vigario se apresta para a missa;
vai-se enchendo a capella.
tambem a plebe, vem agora á liça,
— que a fé tudo nivela, —
e uma febril curiosidade atiça:
é ver a noiva... Deve estar tão bella!

Termina a missa; acerca-se o cortejo
do altar, á frente os noivos e os padrinhos;
enche a capella um forte rumorejo
de passos e de vozes... Unidinhos,
os dous dizem o *sim*.
. . . . . .

A noiva beija os pais, chorando e rindo,
pelas amigas vai longos abraços
e os cravos do *bouquet* distribuindo.
Mas, afinal, os pares dão-se os braços,
e, para a sala, em fila vão, medindo
o longo corredor a lentos passos.

Tudo respira vida alli! No emtanto,
perto, a morte os seus fóros reivindica

Biblioteca Nacional de Maestros

a cosinheira — archonte em furor santo,
seus golpes multiplica;
das victimas o acervo causa espanto
e das aras o sangue corre em bica!

Julgar-se-ia que um sopro de exterminio
passou pelo terreiro!
Vê-se um montão sanguineo
formado pelo escól do gallinheiro!
Succumbiram tambem no morticinio,
um leitão e um carneiro.

Mas tudoisso não basta para aquella
gente, cujo appetite é uma voragem,
nem a mesa seria digna della
sem se fazer uma matolotagem:
matou-se uma novilha — era a mais bella
daquelles campos de sertão selvagem!

III

Á noitinha, o fazendeiro
recommendára ao vaqueiro:
— « não me solte a *Jaçanan;*
ella é novinha e está gorda...
Bem cedo passe-lhe a corda:
vamos comel-a amanhan... »

Pudesse o velho camponio,
e teria, com o demonio!
burlado a condemnação.
A *Jaçanan*, coitadinha,
era linda e tão mansinha
que até comia na mão!

Biblioteca Nacional de Maestros

Pello negro, pincelado
de branco ; rabo cacheado
como um fóco de retroz ;
orelhas finas, pequenas ;
pontas de uma chave apenas ;
casco irrequieto e veloz :

Tal era a pobre novilha
que, em honra á nupcia da filha
do fazendeiro, caíu
da faca ao golpe certeiro,
debaixo de um cajueiro,
depois que o gado saíu.

Vendo-a ficar enjaulada,
a mugir angustiada
no vasto curral, a sós,
postou-se um touro á porteira,
saudoso da companheira ;
chamando-a com triste voz.

Foi o vaqueiro enxotal-o ;
mas, com pequeno intervallo,
elle voltou ao curral.
Emfim, de cães perseguido,
embrenhou-se combalido
no espesso do matagal.

IV

Vai delirante a esponsalicia festa...
Seguiu-se á missa o casamento, e emfim

Biblioteca Nacional de Maestros

segue-se o almoço, a que o prazer empresta
o rumor e a apparencia de um festim.

. . . . . .

Os bons ditos arrancam gargalhadas;
maliciosos cruzam-se os remoques:
cobrem os brindes palmas ou surriadas,
dos copos tinem crystalinos toques.

. . . . . .

Por fim de bons petiscos e de vinhos
repletos os estomagos valentes,
deixa-se a dança pelos torvellinhos
das danças requebradas e frementes.

Lá por fóra a canicula flammeja!
mas, das varzeas, de verde engalanadas,
vem a cheirosa brisa sertaneja
acariciar as frontes escaldadas.

. . . . . .

E o sol declina, desdobrando a sombra
das ramalhudas arvores do pateo...
já de regresso, vem batendo a alfombra
das ovelhinhas o cardume lacteo.

. . . . . .

V

Aurea e lenta caía a tarde...
De repente,
do lado do curral, um soluço estridente
se ouviu... Que peito herculeo exhalou esse grito
de colera, de horror, de pesar infinito?

Biblioteca Nacional de Maestros

Tudo, a um tempo, exprimia o lancinante brado,
que fez o casarão vibrar de lado a lado,
dominando o rumor dos festivaes descantes!
Subitanea mudez envolvem os dançantes...
Emtanto a extranha voz, fremente de agonia,
lá fóra soluçava, imprecava e gania.

O touro que, ao curral, regressára o primeiro,
lobrigara no chão, debaixo do cajueiro,
da sua pobre amiga os despojos sangrentos,

E ante elles prorompeu em sinistros lamentos.
Alli, no chão, jazia, a inditosa novilha,
alli sacrificada á ventura da filha
Do fazendeiro — a ingrata e inclemente donzella...
Trazia a *Jaçanan* no pello o ferro della,
E tanto se affizera á convivencia,
Que todas as manhãs, se dava á impertinencia
De entrar pela varanda, e ir até á cosinha
Reclamar-lhe a ração de milho ou de farinha,
A que, desde pequena, estava habituada.
E, no egoismo cruel da ventura sonhada,
Não quiz suster a moça o infando sacrificio!...
Cae a noite do céu...
Ao logar do supplicio
Todo o gado acorreu, e o seu soluço ingente
De atra desolação vai saturando o ambiente.
Tomados de emoção, vêm ao pateo os convivas
O concerto escutar das notas pungitivas
Daquelle cantochão, cujo ullular presago
Os faz estremecer de um terror frio e vago.

. . . . . .

ANTONIO SALLES.

Biblioteca Nacional de Maestros

A HISTORIA DE JORGE

I

Já de volta da fazenda *Esperança*, Jorge e seus hospedes, sentados em derredor da grande mesa da sala de jantar, estavam a discorrer sobre as impressões da festa, quando o Sargento lembrou a promessa feita pelo dono da Bella Vista, sobre a narração da sua vida.

Jorge acquiesceu immediatamente e começou assim :

— Não ha quem não tenha ouvido dizer, de alguem que nasceu de pais ricos, que esse alguem viu a luz do dia deitado sobre coxins de ouro.

Essa metaphora significa que a pessoa a quem se referem teve, desde o nascer, todas as commodidades que dá a riqueza.

Biblioteca Nacional de Maêstros

Este tambem foi o meu caso, pois até aos 15 annos, criei-me no seio do luxo e do conforto.

Até aos 15 annos, sim, porque, devido á morte de meu pai, tive de soffrer uma completa mudança no meu viver.

Eu e Helena, orphãos de mãe, concentravamos todo o amor em nosso pai; mas tão atarefados nos vimos, quando elle morreu, para attender aos novos deveres que nos cabiam, que nem pudémos chorar, nem avaliar com justeza a perda que haviamos soffrido, como certamente teria acontecido em outras circumstancias.

Mas, ha males que vêm para bem : naquella occasião foi talvez melhor que assim succedesse!

Emquanto eu ajudava o advogado da nossa familia a pôr em ordem todos os negocios e papeis de meu pai, Helena entregava-se aos affazeres domesticos, recebendo a primeira lição severa de responsabilidade, e reconhecendo, ao mesmo tempo, com dolorosa tristeza, a sua falta de pratica e inhabilidade para taes misteres!

Uma tarde, depois do jantar, tomei Helena pela mão, fil-a sentar-se ao meu lado, e aca-

Biblioteca Nacional de Maestros

rinhando os seus cabellos, perguntei-lhe si gostaria de ser pobre.

— Oh! isso seria horrivel! replicou-me ella, e julgo firmemente que nem tu o desejarias.

— Pois receio, querida irmãzinha, que serás forçada a soffrer a pobreza, porque nosso pai nada nos deixou!...

— Que exaggerado que és, tontinho! exclamou ella, rindo descuidosamente. Olha para esta casa e considera a riqueza que encerra! Só aqui já está uma fortuna, sem entrar no calculo a fazenda Bella-Vista!

— Terias razão, Helena, si pudessemos dizer — nosso — ao que te referes; mas, infelizmente já nada disto nos pertence. O nosso advogado, com quem trabalhei para ordenar os negocios de papai, disse-me hoje que, pagas todas as dividas, e satisfeitas todas as reclamações do testamento, mui pouca cousa nos restará...

— De modo que teremos de mendigar...

— Não, minha queridinha, não chegaremos a esse extremo. Provavelmente, caber-nos-ão os moveis desta casa e a Bella-Vista... Eu, de minha parte, vou procurar no que ganhar alguma cousa, e com o dinheiro que produzir

Biblioteca Nacional de Maestros

a venda do sitio, ainda teremos os recursos sufficientes para continuares no collegio mais algum tempo. Ora, vamos vêr; que tempo ainda te falta para terminares os estudos? Um anno, não é verdade?

— Faltasse um mez! Não aceito a tua proposta. Não voltarei ao collegio e tratarei de fazer alguma cousa para te ajudar! disse-me Helena resolutamente.

Foi então que desesperei. Não querendo sacrificar os estudos de minha irmã, e sem recursos para o evitar, porque o advogado me dissera que, na minha edade, era difficil encontrar collocação rendosa, lembrei-me de ir pedir conselhos ao Capitão José, que eu sabia ter sido um dos melhores amigos de meu pai. O Capitão aconselhou-me então que vendesse os móveis todos e fizesse sacrificio de todas as commodidades, e com minha irmã partisse para cultivar a fazenda Bella-Vista. A terra é tão boa mãe, — lembro-me muito bem destas suas palavras — que basta uma gotta de suor cahida no seu seio, para que ella nos offerte logo uma braçada de flores e um cabaz de fructos!

De volta á casa, relatei a Helena a con-

Biblioteca Nacional de Maestros

versa que tive com o Capitão, e ella, resoluta, propoz-me immediatamente :

— Pois vamos para a Bella-Vista!

— Sim, minha irmã, essa é tambem agora a minha opinião; não posso, porém, conformar-me em conduzir-te áquelle ermo, para o meio de gente rude, onde te irás consumindo pouco a pouco num trabalho pesado e exhaustivo.

És uma florinha delicada que murchará certamente em tal sertão, em contacto com uma visinhança nem sempre educada e attenciosa.

— Está bem, cavalheiro, eu me guiarei por minha conta e o desquitarei dessa responsabilidade! Mas, falando agora sério, ser-me-á de mais utilidade aperfeiçoar-me nos trabalhos domesticos, do que empanturrar o meu cerebro com declinações latinas e quejandas inutilidades, que só têm valor para adorno intellectual dos que frequentam a alta sociedade, a que, pelas nossas actuaes condições de fortuna, não mais poderemos pertencer.

Poucos dias depois, eu e Helena, inteiramente conformados com a nossa posição, partimos para aqui, para desbravar um futuro

Biblioteca Nacional de Maestros

mal definido então. Não podiamos retroceder : deviamos triumphar ou caír vencidos na lucta, que se nos antolhava.

Vinhamos embrenhar-nos no seio de florestas virgens, associar-nos á vida rustica de gente inculta, rude, quasi selvagem, como duas florinhas delicadas de cidade, que nunca tinham ouvido um — não — a quelquer capricho ou desejo qua manifestassem.

Sem embargo, porém, fortalecidos de uma nova fé, confiávamos na victoria, porque cada um de nós tinha a consciencia do sacrificio que ia fazer, e nada fortalece tanto o coração e lhe dá valor, como a convicção de uma batalha que deve ser ganha, principalmente quando ella é travada contra a indolencia, o orgulho e o egoismo.

Mas... por hoje basta. Noite de S. João, é preferivel que contemos historias proprias da noite, e accendamos fogos para solennisar o santo sympathico. Vamos vêr, da janella, o *samba*, que la vae forte no terreiro, e depois, Helena, tu recitarás aquelle conto da aia, que ha de distrahir estes meninos.

Biblioteca Nacional de Maestros

O SAMBA

Tinha anoitecido.

Não havia luar, mas a noute estava clara. Na transparencia escura do céu tropical, as estrellas empastavam-se em um amontoamento inverosimil, como punhados de farinha luminosa em uma tela muito negra.

No terreiro, varrido, em frente ás senzalas, uma fogueira crepitava alegre, espancando a escuridão, com seu brazido candente, com suas linguas de chammas multiformes, irrequietas.

Os negros haviam acabado uma carpa nesse dia, e tiveram permissão para folgar.

Ao som de instrumentos grosseiros dançavam : eram esses instrumentos dous atabaques e varios adufes.

Acocorados, segurando os atabaques entre

Biblioteca Nacional de Maestros

as pernas, encarapitados, debruçados nelles, dous africanos velhos, mas ainda robustos, faziam-nos resoar, batendo-lhes nos couros retezados, ás mãos ambas, com um rythmo sacudido, nervoso, feroz, infrene.

Negros e negras, formados em vasto circulo, agitavam-se, palmeavam compassadamente, rufavam adufes, aqui e alli. Um figurante, no meio, saltava, volteava, baixava-se, erguia-se, retorcia os braços, contorcia o pescoço, sapateava em um phrenesi indescriptivel, com uma tal prodigalidade de movimentos, com um tal desperdicio de acção nervosa e muscular, que teria estafado um homem branco em menos de cinco minutos.

E cantava :

Serena, pomba, serena ;
Não cança de serená !
O sereno desta pomba
Lumeia que nem metá !
Eh! pomba! eh!

E a turba repetia em côro :

Eh! pomba! eh!

A voz do cantor, fresca, modulada, de um timbre sombrio, coberto, tinha uma doçura infinita, um encanto inexprimivel.

Biblioteca Nacional de Maestros

Fechando-se os olhos, não se podia crer que sons tão puros sahissem da garganta de um preto sujo, desconforme, hediondo, repugnante.

A resposta coral, melopéia inharmonica, mas cadenciada em quebros de uma tristeza suavissima, repercutia pelas mattas no silencio da noite, com uma grandiosidade melancholica e extranha.

A letra nada dizia; a toada, o canto era tudo.

E os atabaques retumbavam, rufavam os adufes, desesperadamente.

O dançarino, sempre a cantar, sempre naquella agitação, naquella choreomania estupenda, percorria a roda sem sustar-se para tomar alento, sem dar mostras de cançado. Em sua testa baça não brilhava uma baga de suor.

De repente, vendo um tição inflammado na mão de um companheiro, asiu-o, entrou a descrever com elle, no ar, figuras caprichosas, circulos, ellipses, oitos de algarismo. Bateu-o no chão, espalhou na roda milhares de faúlas... O enthusiasmo ascendeu ao delirio.

O dançarino deitou fóra o tição arrojando-

Biblioteca Nacional de Maestros

o longe com impulso vigorosissimo. Depois afrouxou, moderou um pouco os movimentos. Entreparou ante um dos da roda, bamboando-se, fazendo-lhe gaifonas, como que reptando-o para que saísse a terreiro.

O desafiado acceitou a provocação, saíu-lhe ao encontro, dançando, saracoteando-se tambem.

Eh! pomba! eh!

gemia o côro.

Os figurantes, que eram então os dous, começaram de girar um em torno do outro, atacando-se, peseguindo-se, fugindo, como duas borboletas amorosas.

. . . . . .

Do solo batido pelo tripudiar de tanta gente erguia-se uma nuvem de pó, avermelhada pelo clarão da fogueira.

JULIO RIBEIRO.

Biblioteca Nacional de Maestros

A AIA

Helena, em obediencia ao pedido de seu irmão, e depois que os hospedes retomaram os seus logares no varanda, recitou o lindo conto *a Aia* e que era assim:

Era uma vez um rei, moço, bello e valente,
senhor de povos mil e seáras abundantes,
que, em sonhos de conquista, ideando fama ingente,
partiu a batalhar em terras mui distantes.

Do plenilunio á luz, e com as lanças em riste
de tropa colossal que, nos campos, se espraia,
deixou a linda esposa, inconsolavel, triste,
e um filho inda a vagir no regaço de uma aia.

A lua começava a minguar no céu, quando,
ao paço, um cavalleiro esfarrapado bate,
a nova dolorosa e lugubre annunciando
de que, entre os seus, caíra o rei, morto em combate.

Biblioteca Nacional de Maestros

O reino todo chora o soberano amado;
a rainha pranteia o infortunado esposo,
e deplora, inda mais, o ver desamparado,
de inimigos em meio, o filhinho inditoso.

Num castello, alli perto, aspirando á realeza,
com uma turba revél, — qual faminto javardo
das riquezas do throno a cobiçar a presa, —
do trespassado rei vivia o irmão bastardo.

E, para assenhorear todo o immenso thesouro,
força lhe era extinguir o débil rei de mamma,
que dormia, — na mão guardando um guiso de ouro, —
num berço de marfim, sob o olhar vigil da ama.

Noutro berço, de verga, alli tambem dormia
um ser da mesma edade, o filhinho da escrava,
a qual, fiel, pelos dois o seio repartia,
e o carinho que dava ao rei ao filho dava.

Quanta vez a rainha, antes de ir para o leito,
depois de acarinhar seu alvo e louro infante,
ao vel-o tão gordinho e calmo e satisfeito,
não beijava do escravo a escura tez brilhante!

A aia, — na casa real nascida, — como serva
leal, do seu rei chora a triste morte crua;
a avoenga tradição, porém, ella conserva
de que a vida terreal no céu se continúa.

Cria, pois, seu senhor reinando lá, qual fôra
em vida, e, junto delle, os pagens e cavallos
tombados na peleja, e que, por deante, agora,
se lhe iriam, morrendo, a esposa e os fiéis vassallos:

Biblioteca Nacional de Maestros

O reino todo, e o infante, e tambem seu filhinho...
Della, não longe, certo, era a chegar o dia;
e, das tunicas do amo a fiar de novo o linho,
na servidão ditosa, ao céu remontaria...

Do principe orphanado, a escrava, alvoroçada,
vivia a reflectir, sem cessar, no destino:
— quando é que attingiria a altura de uma espada
para reinar, si ainda era tão pequenino?!

E aconchegava ao cóllo o fragil ser, com medo,
ou do berço inda mais se approximava á borda,
ao pensar-lhe no tio, — açor, que, de um rochedo,
o espreitava, com a sua abominavel horda!

Si, porém, no outro berço, ao lado, alli, chalrava
o filhinho, por quem ella nada temia,
com mais ardor que ao rei, nos braços o tomava
e, num beijo voraz, a face lhe cobria.

Nada tinha a recear, na feliz indigencia.
Era a roupa do corpo o seu unico acervo...
Mais doce que a do rei lhe era, pois, a existencia,
que ninguem invejava ao humillimo servo!

Ia em grande pavor o paço. Do seu alto,
á planicie, descera o homem vil das rapinas,
E, através de casaes e aldêias, em assalto
Contínuo, andava a abrir largos sulcos de ruinas.

A uma fraca mulher estava, então, confiada
a direcção do reino. A válida nobreza
morrera quasi toda, ao longe, destroçada
do monarcha anterior na mallograda empreza.

Biblioteca Nacional de Maestros

Á cidade faltava um chefe, tendo o brilho,
a coragem viril. As precauções dispostas
valiam pouco. E a viuva, ao bercinho do filho,
só sabia correr, a chorar, de mãos postas...

Ligou-se a cada porta uma cadeia forte;
mais alto ergueu-se a luz no cimo da atalaia;
entretanto, do rei bem confiada na sorte
sómente alli se via a inabalavel aia.

Muita vez, ao nocturno estrépito dos passos,
as almas feminís o panico invadia;
mas a serva estreitava o principe nos braços
— qual muralha que audacia alguma transporia!

* * *

Ora, por uma noute escura, ás horas mortas,
ia ella a adormecer, quando onviu um rebate
não distante, e de ferro e trem, proximo ás portas,
annunciando a invasão inopína e o combate.

Depois, gritos, mais perto; e corpos, como um fardo,
caíndo... Ella o entendeu! O paço surprehendido
estava, e alli, com a joldra atroz o atroz bandido
certo vinha a matar-lhe o principe querido!

Em presto retirar do seu bercinho pobre
ao filho, — não vacilla a serva um só instante;
colloca-o no do rei, com brocados o cobre,
e no de verga põe o pequenino infante.

Era tempo. Surgiu na camara o vil bando,
e um dos vis, como quem rouba uma bolsa de ouro,
do berço de marfim foi a creança arrancando,
e, levando-o, abalou, abafando-lhe o chôro.

Biblioteca Nacional de Maestros

A caterva saiu. Immovel, num recanto,
ficára a ama. E, no seu novo berço, dormia
o principe, tranquillo. Entre os fios do pranto,
os labios a escaldar-lhe, a fiel aia sorria...

O paço repercute em guais, rompem alarmas.
das tochas do invasor inda se avista o brilho
no pateo, ao retintim do crebro embater de armas...
E a rainha no quarto entra, em busca do filho!

Ao berço de marfim se arroja, e o vê vazio,
com a roupagem tão rica a um lado, desmanchada...
solta um grito angustioso, e, em louco desvario,
sobre as lages descae, em lagrimas banhada.

Nisto, pallida e lenta, a ama, calada, avança
do seu canto, e descobre o bercinho de verga,
onde a rainha, a si voltando, a loura criança,
adormida e a sonhar entre risos, enxerga.

Eis que immenso clamor a galeria abala.
um dos fiéis capitães entra, com a sua gente,
da viuva, alegre já, na grande e régia sala,
e esta noticia dá, entre mesto e contente :

— O bastardo, com dez da corja que o seguira,
pelos archeiros reaes fôra a lança varado;
mas... ah! ao lado delle, o principe caira,
tambem, roxo dos mãos que o tinham esganado!

Desta nova, accedeu, plange a dôr nos espaços...
A rainha, entretanto, ouvindo-a, não chorara!
e, ante os homens em pasmo, ao berço vae : nos braços
toma, por lhes mostrar, o rei, que despertara.

Biblioteca Nacional de Maestros

Foi uma acclamação prolongada e ruidosa...
— quem o salvara? quem?... Pallida, hirta, alli estava,
Do eburneo berço ao pé, pobre mulher chorosa!
A que salvara o infante, a devotada escrava!

E, para que o salvasse, a que morte sombria
O filho não votara, a incomparavel ama!
sae a rainha, então, da extatica alegria,
e a abraça e beija e como irmã logo a proclama.

Celeuma de louvor levanta, alvorotada,
a multidão, que tal sublime scena observa,
em brados a pedir seja recompensada
magnificentemente a leal e nobre serva.

Mas, como? Poder-se-ia, acaso, a peso de ouro
sagar-lhe o filho? Então, um velho da nobreza
que a levassem, lembrou, á casa do thesouro,
onde ella, a seu talante, escolhesse a riqueza.

A rainha tomou-lhe a mão. Andar de morta
é o della. Ah! do seu rosto, outr'ora tão risonho,
a alegria fugira. Abriu-se a enorme porta,
ante a qual foi levada, assim como num sonho.

Damas e cortezãos e os homens de batalhas
a acompanharam num respeito commovido
e num silencio tal, que apenas das sandalias
pelo amplo corredor fôra o roçar ouvido.

* * *

As janellas destranca um servo. A luz do dia
pelas grades de ferro entra, maviosa e clara.
Que incendio a chammejar no ouro e na pedraria,
que, alli, longe legião de reis accumulara!

Biblioteca Nacional de Maestros

Armas de aurea tauxia, innumeros diamantes,
perolas aos montões e metal amoedado
repletam do radiar de brilhos coruscantes
desde o rochoso chão ao tecto abobadado.

Tão grande maravilha os animos conturba
e de todos arranca um ah! longo e pasmoso;
mas, de prompto, se aquieta a circumdante turba,
e o respeito a remette a um silenciar ancioso.

A ama, entretanto, alli, nem se move, inda agora,
em meio da sem par refulgencia preciosa;
olha apenas o céu, que, ao longe, se colora,
graças ao arrebol, de matizes de rosa.

— Naquelle céu longinquo, onde o sol se elevava
já, para illuminar este mundo imperfeito,
o filho seu vivia, e, por certo, chorava,
a pedir-lhe um carinho e a procurar-lhe o peito...

Então, ella, a sorrir, qual de um sonho desperta,
estende para deante a mão trémula e fria...
Todos, sem respirar, daquella mão aberta
seguem a direcção. — Que joia escolheria?

E a serva estende a mão... Perto, num escabello,
entre muitos, uma arma o seu olhar afaga :
de rubis marchetada, e como o punho é bello!
Bem vale uma provincia inteira — aquella adaga.

Presto, agarra-a com força, e, o céu indigitando,
onde o sol já desparze á flux todo o seu brilho,
grita : — « Alli está meu filho, e está por mim chorando!
Eu vou dar de mammar ao meu querido filho! »

Biblioteca Nacional de Maestros

A multidão escuta estupefacta a escrava,
e a rainha tambem a escuta como absorta,
quando no coração a aia a lamina crava,
e tomba, sem um ai, ensanguentada e morta...

BASILIO DE MAGALHÃES.

(De um conto com o mesmo titulo, de Eça de Queiroz.)

Exercicios de memoria.

Marquez de Tamandaré.

Biblioteca Nacional de Maestros

REFLEXÕES

Eram seis horas da manhã.

A aura matutina, um pouco aspera, fazia oscillar de leve os ramos mais altos das arvores.

O céu estava de uma limpidez diaphana.

Apoiado ao peitoril da grade da varanda, o Capitão José seguia com toda a attenção os vais-vens de uma mocinha que, em baixo, no terreiro, distribuia punhados de milho a uma centena de gallinhas que a cercavam.

Pela ternura com que o ancião a olhava, pelo sorriso carinhoso que lhe illuminava o rosto, percebia-se quão profunda era a sympathia que lhe elle dedicava.

— Helena, a sua veadinha não almoça hoje? Que é della, que não a vejo? Perguntou para puxar conversa, na sua voz affavel, cariciosa.

Helena voltou-se surprehendida. Tão entregue estava á sua occupação que não déra ainda com a presença do velho marinheiro.

Biblioteca Nacional de Maestros

— Ah! é o Capitão! Bom dia! saudou ella com um sorriso cheio de meiguice; e accrescentou, respondendo á pergunta : A veadinha

Distribuição do milho ás gallinhas.

está muito arisca desde hontem de tarde, de medo do Boyardo, que a andou perseguindo. A medrózinha não quiz vir hoje comer aqui no terreiro.

Dizendo isto, Helena continuou a tratar da sua creação de terreiro.

O Capitão José seguiu-a ainda com o olhar,

Biblioteca Nacional de Maestros

admirando a sua agilidade, a graça de seus movimentos, e o ar de saúde e alegria que de toda ella se desprendia.

Nesse instante chegava Paulo á varanda.

Tinha o rosto mais córado, e pelo seu olhar, cheio de novo brilho, adivinhava-se-lhe uma qualquer mudança no coração.

— Tio José, disse elle, depois de saudar o ancião, não sei o que sinto em mim; parece-me que seria capaz de praticar os actos mais heroicos, as acções mais difficeis, si m'o ordenasse. Esta vinda á fazenda do sr. Jorge buliume cá por dentro, tornando-me forte, corajoso, resoluto. Porque será?

— Ora! porque será! É simplesmente porque você tem, palpavel, deante dos olhos e por todos os recantos, aqui, o exemplo do trabalho! É porque, depois de ouvir um trecho da vida de Jorge, e imaginal-o qual elle era, quando lhe morreu o pai, e contemplar agora tanta riqueza, você percebe, ante a luz do raciocinio, a coragem, o trabalho e a força de vontade que foram precisos a Jorge para alcançar este resultado.

— É isso mesmo, tio José. Como o senhor adivinha! E quer saber agora como eu procedi, para poder descobrir o que o senhor

Biblioteca Nacional de Maestros

descobriu em um minuto? Depois que o sr. Jorge nos relatou aquella parte de sua vida, ao ficar na orphandade, eu fui para o meu quarto e puz-me a pensar o que elle teria feito, quando aqui chegou, para conseguir formar uma fazenda tão linda como é esta. Si trouxe algum dinheiro, raciocinei, elle logo contractou camaradas para fazer as primeiras plantações; colhidos os fructos destas, e vendidos, o saldo que ficou elle applicou na compra de animaes de primeira qualidade. Estes, por sua vez produziram. Elle foi vendendo e comprando, e trabalhando tambem com os camaradas, de modo que do terceiro anno em deante já poude edificar boas cocheiras, bons estábulos, comprar maquinas, etc. Seria assim?

— Pouco mais ou menos! respondeu, sorrindo, tio José. Em todo o caso poderás verificar a certeza do teu raciocinio, confrontando-o com o que Jorge nos contar mais para deante. Mas, vamos agora dar um passeio por alli, por aquelle trecho de matta virgem. A verdura está tão linda, que me sinto attrahido para ella!

Desceram e encaminharam-se para a matta. Ahi os surprehendeu um desses terriveis dra-

Biblioteca Nacional de Maestros

mas da floresta, da lucta pela existencia.

Elles tinham-se dirigido justamente para o lado onde Jorge havia feito uma céva.

Alli se achavam alguns animaes, a comer o milho espalhado. Mas, ao ouvirem os passos dos recemchegados, esmagando as folhas seccas do solo, fugiram rapidos.

Era evidente que tornariam a voltar, passado o susto. Paulo, curioso por ver quaes os animaes que alli estiveram, pediu a tio José que se demorassem alguns instantes, escondidos por detraz de um grosso tronco de perobeira, que elevava a sua copa ramalhuda para o céu.

Tio José, condescendente, acquiesceu.

O que viram foi pouco mais ou menos uma lucta semelhante á que Julio Ribeiro descreveu magistralmente e de cujas palavras nos serviremos para aproveitar o seu estylo incomparavel.

Biblioteca Nacional de Maestros

A LUCTA

A céva ficou deserta por muito tempo.

De subito, pequenino, atrevido mesmo pela sua insignificancia, surdiu um rato, chegou-se sem ceremonias, entrou a roer o milho, o germen sómente, o coração.

Depois veiu outro, e outro, um bando.

O sol, coando um raio por, entre a folhagem, ateava, no monte de milho solto e de espigas descascadas, um incendio de reflexos côr de ouro.

Rojando em ondulações, por entre as plantas rasteiras das mattas, entreparando em um logar, escutando em outro, veiu avançando para a céva uma cobra de grande talhe.

Tinha o dorso fusco, sem brilho, maculado de losangos escuros, quasi negros. A cabeça

Biblioteca Nacional de Maestros

era chata, o focinho tronco, como que aparado, com duas fóssazinhas tapadas, duas ventas falsas. De cada olho partia um traço escuro, que ia fenecer no pescoço.

A cauda terminava em um como rosario curto, de contas córneas, ôcas, achatadas, que, ao rastejar do animal, deixavam escapar um ruido leve, quasi imperceptivel, de pergaminho fuchicado.

Chegou, viu os ratos, parou, foi-se torcendo em espiral, formou um rôlo, donde emergia, attenta, vigilante, a pavorosa cabeça.

O olhar negro, luzente, gélido, tinha uma fixidez fascinadora. A lingua lúrida, comprida, fina, bífida, açoutava o ar em rapidas lambidellas.

Um dos roedores percebeu o reptil, fitou-o aterrado, encolheu-se, ennovelou-se, arripiou o pello, começou a chiar lastimosamente, miseravelmente. Os outros desappareceram.

Continuava a fascinação.

O desgraçado rato tremia. Começou de mover-se, ás guinadas, dando saltos irregulares, ataxicos.

Não fugia, avançava para a cobra. Chegou-se-lhe muito perto.

O rôlo hediondo distendeu-se rapidamente,

Biblioteca Nacional de Maestros

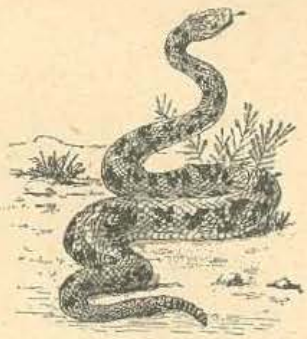
como uma mola de relogio que se escapa do tambor, deu um bote.

O animalzinho, ferido pelo dente fulmineo, virou de costas.

Dentro de um minuto estava morto.

A cobra desenrolou-se então de uma vez, estendeu-se ao comprido, abriu, escancarou uma boca enorme, começou a deglutir a presa, desarticulando as mandibulas para dar passagem ao corpo relativamente volumoso...

Depois, saciada, farta, com o repasto a formar um bolo, visivel exteriormente no abdomen dilatado, foi deslizando, lenta, preguiçosa, em busca de um abrigo.



Biblioteca Nacional de Maestros

OS BANDEIRANTES

Paulo, com os cabellos arripiados, logo que a cascavel desappareceu aos seus olhos, soltou um profundo suspiro de allivio, como si lhe tivessem tirado um grande peso de sobre o coração.

Nunca tinha assistido a um espectaculo tão empolgante como aquelle que, alli, á sua vista, se desenrolara.

Tio José olhou, sorrindo, para elle, adivinhando-lhe, pela leve pallidez do rosto, a commoção que sentira.

— Que achaste no que acabas de ver?

— Horrivel, tio José!

— Horrivel, sim. Entretanto, que bella comparação me suggere essa scena para te falar a respeito da fascinação que os vicios exercem sobre aquelles que não educam a

Biblioteca Nacional de Maestros

alma com a necessaria força de vontade! Imagina, Paulo, que a cascavel representa o Vicio, e que os ratos, por fracos, são a imagem dos homens indolentes moralmente. Pois bem; o desfecho da acção é exactamente egual. Com a mesma facilidade com que a cobra fasciïnou, attrahiu e matou o rato, o Vicio tambem fascina, attráe e mata o homem que não tem força nem animo para resistir-lhe.

Quantos homens vivem encerrados nas quatro paredes de uma cadêia! Quem são elles? São justamente os homens-ratos, isto é, aquelles que nunca, em sua infancia, quizeram fortalecer-se para, quando homens, poderem resistir a essa horrorosa trindade de tentação da carne : a Preguiça, o Jogo, o Alcool!

Desejarias um dia, levado pelo braço de um desses demonios, fazer um passeio até uma prisão? continuou gracejando o velho marinherio. Pois, nem eu!

Paulo conservou-se um instante silencioso. Reflectia sobre a justeza das observações de seu tio.

Depois, erguendo, resoluto, a cabeça, disse com accento de profunda convicção :

Biblioteca Nacional de Maestros

— Não, eu nunca serei um homem fraco, tio José, prometto-lhe.

— Agora, sim, meu descendente de bandeirantes; agora, sim, creio na tua affirmação, pela promessa sincera que acabas de fazer. Para te firmares bem na tua resolução, precisas de ler agora assumptos fortes, viris, sãos, onde a coragem, o altruismo, a heroicidade, a persistencia no trabalho sejam o thema principal.

Já é hora do almoço. Voltemos para casa, que esta manhã já foi grandemente aproveitada. Eu trouxe commigo um livro intitulado — *Poesias* — do nosso grande poeta Olavo Bilac, e lá ha a bella historia do *Caçador de esmeraldas*, que has de ler ainda hoje, como um exemplo de força de vontade, e do beneficio social que um homem trabalhador vai após si deixando, como um rastro de luz.

Biblioteca Nacional de Maestros

A HISTORIA DE JORGE

II

Sentados no alpendre, onde esperavam o café, depois do almoço, Jorge continuou a narrativa da sua vida.

— Foi bem penosa para nós, começou elle, a jornada, feita através de caminhos pedregosos, sob o calor de um sol senegalesco, e antes de chegarmos a esta fazenda estavamos quasi desalentados.

As ultimas tres leguas, que o troly, em que viemos, não pôde vencer, devido ás asperezas da estrada, tivemos de fazel-as a cavallo.

Helena não tinha nunca montado, e receiosa de ser cuspida do animal, a principio resistiu. Afinal submetteu-se, e, com grande surpreza nossa, mostrou-se boa cavalleira. Antes, porém, do termo da viagem, estava quasi

Biblioteca Nacional de Maestros

morta de cansaço, succedendo-me a mim o mesmo.

Não obstante haver decorrido pouco tempo da morte de nosso pai, adquirimos eu e ella um estoicismo spartano e uma poderosa força de vontade, e devido a isso, sentindo embora doridos todos os membros, fizemos de um folego toda a jornada.

Foi necessario ajudarmos Helena a apear da cavalgadura que montava. A pobrezinha, apezar da rigidez dorida de suas pernas e braços, logo que poz pé em terra, correu para casa e tomou posse della aos gritos : Viva a Bella-Vista! Viva a nossa riqueza!

— Pois eu receio que esta riqueza seja um ninho grande de mais para duas avezinhas implumes como nós! disse-lhe eu, gracejando, quando a alcancei.

A casa, por estragada, estava inhabitavel. Era um pardieiro, cheio de buracos, poeira e teias de aranha.

O visinho mais proximo era o dono da fazenda *Esperança*, de cuja filha fomos assistir ao casamento; e o armazem distava umas duas leguas.

Ao sermos disto informados, Helena sentiu o coração constringido.

Biblioteca Nacional de Maestros

Não obstante, sempre animosa, ajudou-me a mim e ao camarada, na abertura das malas das provisões, que ella dispoz cuidadosamente no armario da ampla cozinha.

Arrumado tudo, o camarada, deixando os animaes, que eram nossos, partiu silenciosamente.

Ficámos á porta, vendo-o retirar-se pelo aspero caminho, e sentindo, ao mesmo tempo, que com a sua ausencia, se rompia o ultimo laço que nos prendia á civilisação!

Á proporção que o vulto do caboclo diminuia na meia tinta do crepusculo, uma saudade immensa de nossa casa nos ia invadindo o coração, e pensavamos quando nos chegaria a vez de voltarmos tambem á nossa cidade, por aquelle mesmo caminho!

Com o isolamento, nos assaltou o medo.

Um estallido, de repente, vindo directamente da cozinha, poz um ponto final ás nossas divagações. Corremos para ver de que se tratava.

Fui eu quem primeiro chegou. Mal, porém, ia a cruzar a porta de entrada, quando um animal qualquer me saltou ao peito, com tal força, que me atirou ao chão.

Helena correu a acudir-me, e a sua chegada

Biblioteca Nacional de Maestros

embaraçou a fuga ao animal, que se refugiou a um canto.

Levantei-me logo, e lançando mão a uma acha de lenha, que por acaso encontrára, dei-lhe tão forte pancada, que o matei.

Tinha quasi o tamanho de um cão ordinario, com o qual muito se assemelhava.

— Que feio animal! exclamou Helena.

— Desconfio que é um cachorro do matto! disse eu.

E era effectivamente.

Para que outros não nos venham incommodar, continuei, precisamos conservar fechadas as portas. Agora, minha corajosa irmã, tratemos de comer qualquer cousa, que estou com muita fome.

Helena dirigiu-se então a um velho monte de gravetos, a um canto da cozinha, e trazendo um punhado delles, pôl-os no fogão, accendendo lume.

Depois, abrimos uma lata de ervilhas e com um pedaço de pão e algumas fatias de mortadella, formámos a nossa primeira refeição nesta fazenda.

Do fogão começou a espalhar-se um suave calor.

Sentámo-nos bem perto delle, fazendo pro-

Biblioteca Nacional de Maestros

jectos lindos, a ouvir o zumbido da mosca azul do poeta, para o aformoseamento da Bella-Vista.

Com o descanço e a alimentação, o futuro apresentava-se-nos todo ouro e rosas.

A escuridão em breve nos envolveu, chamando-nos á dura realidade, principalmente depois que Helena annunciou que se esquecera de trazer velas.

— Não nos amofine isso! exclamei conformado; por esta noute adoptaremos um recurso antigo. Dá-me um pouco de gordura e um farrapo de lã, que eu já arranjo uma illuminação electrica!

Derreti então a gordura, em que embebi a torcida, que fiz do trapo, e enfiei esta em uma garrafinha, deixando-lhe uma ponta sobresalente.

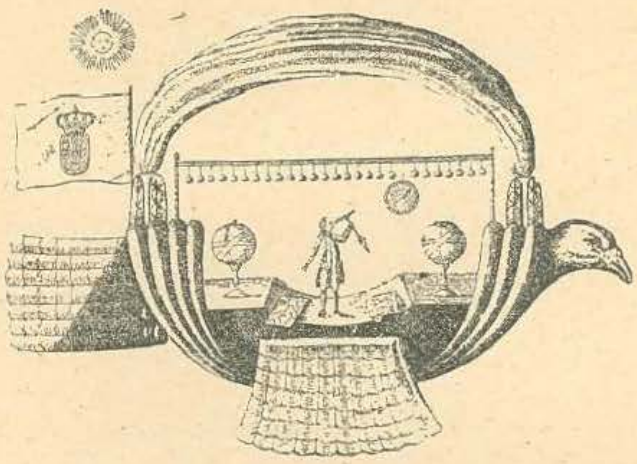
— Cá está o nosso lampeãozinho! disse alegremente, e chegando um phosphoro acceso á mecha, ella se inflammou immediatamente, dando uma luz clara e sufficiente, embora acompanhada de fumaça negra, de um cheiro insupportavel.

Depois disso, tirámos dos bahús alguns cobertores, e envolvidos nelles, deitámo-nos alli mesmo, no chão duro, para dormir.

Biblioteca Nacional de Maestros

Conversámos ainda algum tempo, alegres, já descuidosos, medindo os perigos e as vantagens da nossa nova residencia, e fazendo castellos brilhantes, até que o somno nos veiu surprehender.

Exercicios de memoria.



Barquinha do balão de Bartholomeu L. de Gusmão (segundo uma estampa de 1784).

Biblioteca Nacional de Maestros

O CAÇADOR DE ESMERALDAS

OLAVO BILAC

I

Foi em Março, ao findar das chuvas, quasi á entrada
do outono, quando a terra, em sêde requeimada,
bebêra longamente as aguas da estação,
— que, em BANDEIRA, buscando esmeraldas e prata,
á frente dos peões, filhos da rude matta,
Fernão Dias Paes Leme entrou pelo sertão.

II

Para o norte, inclinando a lombada brumosa,
entre os nateiros, jaz a serra mysteriosa;
a azul Vupabussú beija-lhe as verdes faldas,
e aguas crespas, galgando abysmos e barrancos,
atulhados de prata, humedecem-lhe os flancos,
em cujos socavões dormem as esmeraldas.

. . . . . .

E sete annos, de fio em fio destramando
o mysterio; de passo em passo penetrando

Biblioteca Nacional de Maestros

o verde arcano, foi o bandeirante audaz...
— Marcha horrenda! derrota implacavel e calma,
sem uma hora de amor, estrangulando na alma
toda a recordação do que ficava atraz!

. . . . . .

Sete annos! combatendo indios, febres, paludes,
féras, reptís, — contendo os sertanejos rudes,
dominando o furor da amotinada escolta...
Sete annos! E eil-o volta, emfim, com o seu thesouro!...
com que amor, contra o peito, a saccola de couro
aperta, a transbordar de pedras preciosas!... volta...

Mas, num desvão da matta, uma tarde, ao sol posto
pára. Um frio livor se lhe espalha no rosto...
É a febre! O Vencedor não passará dalli!
Na terra que venceu ha de caír vencido!
É a febre! é a morte!
E o Heroe, trôpego e envelhecido,
roto e sem forças, cáe junto do Guaycuhy...

III

Fernão Dias Paes Leme agonisa.
Um lamento
chora longo, a rolar na voz do vento.
Mugem soturnamente as aguas. O céu arde.
Transmonta fulvo o sol. E a natureza assiste,
na mesma solidão e na mesma hora triste,
á agonia do heróe e á agonia da tarde!

Piam perto, na sombra, as aves agoureiras,
silvam as cobras. Longe, as féras carniceiras
uivam nas lapas. Desce a noute, como um véu.

Biblioteca Nacional de Maestros

Pallido, no pallor da luz, o sertanejo
estorce-se no crébro e derradeiro arquejo.
— Fernão Dias Paes Leme agonisa e olha o céu!

. . . . . .

Adeus, astros da noute! Adeus, frescas ramagens,
que a aurora desmanchava em perfumes selvagens!
Ninhos cantando no ar! suspensos gynecêos,
resoantes de amor! Outonos bemfeitores!
Nuvens e aves, adeus! Adeus, féras e flôres!
Fernão Dias Paes Leme espera a morte... Adeus!

. . . . . .

E o delirio começa. A mão, que a febre agita,
ergue-se, treme no ar, sóbe, descamba afflicta,
crispa os dedos, e sonda a terra e escarva o chão :
sangra as unhas, revolve as raizes, acerta,
agarra o sacco, e apalpa-o, e contra o peito o aperta,
como para o enterrar dentro do coração.

Ah! misero demente! o teu thesouro é falso!
Tu caminhaste em vão, por sete annos, no encalço
de uma nuvem falaz, de um sonho malfazejo!
Enganou-te a ambição! Mais pobre que um mendigo,
agonisas, sem luz, sem amor, sem abrigo,
sem ter quem te conceda a extrema uncção de um beijo!

. . . . . .

IV

Adoça-se-lhe o olhar, num fulgor indeciso ;
leve, na boca afflante, esvoaça-lhe um sorriso...
E adelgaça-se o véo das sombras.
O luar
abre no horror da noite uma verde clareira...

Biblioteca Nacional de Maestros

Como para abraçar a natureza inteira
Fernão Dias Paes Leme estira os braços no ar...

Verdes, os astros no alto abrem-se em verdes chammas.
Verdes, na verde matta, embalançam-se as ramas,
e flôres verdes, no ar, brandamente se movem;
chispam verdes fuzis, riscando o céu sombrio;
em esmeraldas flúe a agua verde do rio,
e, do céu, todo verde, as esmeraldas chovem.

E é uma resurreição! O corpo se levanta:
nos olhos, já sem luz, a vida exsurge e canta!
E esse destroço humano, esse pouco de pó
contra a destruição se aferra á vida, e lucta,
e treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido e escuta
a voz, que, na soidão, só elle escuta, — só!

« Morre! morrem-te ás mãos as pedras desejadas,
desfeitas como um sonho, e em lodo desmanchadas...
Que importa? dorme em paz, que o teu labor é findo!
Nos campos, no pendor das montanhas fragosas,
como um grande collar de esmeraldas gloriosas,
as tuas povoações se estenderão fulgindo...

« Quando, do acampamento, o bando peregrino
sahia, ante manhã, ao sabor do destino,
em busca, ao norte o ao sul, de jazida melhor, —
no cômoro de terra, em que teu pé pisára,
os colmados de palha aprumavam-se, e clara
a luz de uma lareira espancava o arredor.

« Nesse louco vagar, nessa marcha perdida,
tu foste, como o sol, uma fonte de vida:
Cada passada tua era um caminho aberto!
Cada pouso mudado, uma nova conquista!

Biblioteca Nacional de Maestros

E em quanto ias sonhando o teu sonho egoista,
teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!
« Morre! tu viverás nas estradas que abriste!
Teu nome rolará no largo choro triste
da agua do Guaycuhy...
Morre, Conquistador!
Viverás quando, feito em seiva o sangue, aos ares
subires, e, nutrindo uma arvore, cantares
numa ramada verde, entre um ninho e uma flôr!

« Morre! germinarão as sagradas sementes
das gottas de suor, das lagrimas ardentes!
Hão de fructificar as fomes e as vigilias!
E, um dia, povoada a terra em que te deitas,
quando, aos beijos do amor, crescerem as familias,

Tu cantarás na voz dos sinos, das charrúas,
no ésto da multidão, no tumultuar das ruas,
no clamor do trabalho e nos hymnos da paz!
E, subjugando o olvido, através das edades, —
— violador de sertões! plantador de cidades! —
Dentro do coração da Patria viverás.

. . . . . .

Dissipa-se a visão.
Dorme de novo tudo.
Agora, a deslisar pelo arvoredo mudo,
como um choro de prata algente, o luar escorre.
E, sereno e feliz, no maternal regaço
da terra, sob a paz estrellada do espaço,
Fernão Dias Paes Leme os olhos cerra. E morre.

Biblioteca Nacional de Maestros

A HISTORIA DE JORGE

III

Póde-se dizer que, no dia seguinte, levantámo-nos com o sol.

Ao abrir a porta que dá para o pateo, encontrei um desconhecido, que disse ser nosso visinho, chamar-se Theodoro, e ser proprietario da fazenda Esperança.

Soubera da nossa chegada, e por isso, vinha offerecer-nos os seus serviços.

Mandei-o entrar, alegre por aquelle offerecimento de amizade.

Logo que lhe contei quem eramos e qual a resolução que nos trouxera á Bella Vista, o sr. Theodoro arregalou os olhos, num pasmo inenarravel, e passados alguns instantes, exclamou :

— Que peázinho destemido !

Foi elle o nosso braço forte. Desde esse dia mostrou-se um amigo dedicado. Com as

Biblioteca Nacional de Maestros

creanças da visinhança, umas trinta, mais ou menos, formou uma escola, que confiou á Helena, pagando-lhe 100$000 por mez; cedeu-me dous camaradas seus, de toda a confiança, que foram os primeiros que golpearam com a enxada este solo abençoado da Bella-Vista, fazendo-lhe brotar as primeiras moedas que eu ganhei na minha vida!

Para encurtar a historia : a nossa lucta não teve treguas durante os dous primeiros annos que aqui estivemos, mas, oh! abençoado trabalho! oh! terra abençoada! o carrascal, que era esta extensão immensa da descurada fazenda, transformou-se, como por encanto, e floriu sob os dedos de alguma fada mysteriosa e prodiga, e outonou em abundantes, fructos que me produziram um bom rendimento.

Augmentei, que digo, decupliquei o numero dos camaradas, concedendo, aos dous primeiros, o titulo de chefes de turmas, e as minhas colheitas foram sempre em augmento.

Comprei animaes da melhor raça, que, por sua vez, prosperaram em bellos productos.

Nunca adiei trabalhos; nunca, nem um só dia, deixei de fiscalisar a Bella-Vista toda, e

Biblioteca Nacional de Maestros

o resultado ahi tendes, meus amigos, é esta generosa fazenda que me enriquece de anno para anno, como si o pó do ouro das estrellas e o cobre do sol se fundissem em libras esterlinas, que entram em todos os fructos que aqui consigo colher!

Mas, não é essa riqueza material que me torna feliz, não; a minha maior felicidade é a que me provém da contemplação diaria de toda esta fecundidade que tenho ante os olhos, e que, dentro em meu coração, sinto que é o fructo do meu trabalho e do meu suór; a minha maior felicidade é que, com o orgulho que tudo isso me dá da minha validez, da minha utilidade como homem e como brazileiro, eu sinto tambem que sou bom e honrado e que o meu espirito se illumina com a luz que dimana dos bons livros, que nunca abandonei, que nunca deixei de ler, embora a fadiga de doze horas de trabalho physico muita vez exigisse que eu lhes désse um prolongado repouso!

Sim, Capitão José, eu sou feliz pela propria felicidade que existe dentro de mim, na paz da minha consciencia, e no amor que eu dedico a tudo que é nobre, justo e verdadeiro.

Biblioteca Nacional de Maestros

O REGRESSO

Dous dias depois, com o coração pleno da mais reconfortante alegria, regressavam da Bella-Vista o Capitão José e seus companheiros de viagem.

Paulo, mais communicativo, com o olhar limpido e puro, reflectindo a pureza e limpidez de sentimentos que sentia no coração, descobria, em tudo que o cercava, um novo aspecto, uma nova vida.

Dentro de si fazia promessas de triumpho. Tomaria Jorge como exemplo, e no trabalho, nos estudos, em todos os actos de sua vida, emfim, havia de imital-o, e, como elle, havia de vencer.

E porque não? Que tinha Jorge mais do que elle? Coragem? Força de vontade? Amor ao trabalho? Bondade? Tambem haveria de

Biblioteca Nacional de Maestros

adquiril-os porque *queria*, e sentia bem agora a força do seu *querer*.

Quando já instalados no trem que os reconduziria á cidade, tio José olhou para elle, e perguntou-lhe simplesmente :

— E então ?

A pergumta, apezar da sua obscuridade, comprehendeu-a elle immediatamente, porque ia surprehender o seu meditar, justamente no ponto em que se promettia ser forte, corajoso, e tenaz.

E por isso respondeu no mesmo instante :

— Hei de vencer.

— Vencerás, sim, meu filho, disso estou certo. É mister, porém, que estudes desde já, com afinco, com pertinacia, com amor. E sabes porque? Porque a tua, é a idade feliz e fecunda em que o engenho adquire a sua primeira forma, e em que mais facilmente tudo o que entra na intelligencia se estampa na alma por toda a vida; porque é o tempo intransferivel em que pódes determinar por ti mesmo o teu futuro, pois que a estrada do mundo nada mais é que o atalho alargado da escola, e o homem por elle se vai com o mesmo passo com que começou o caminho.

Quem me déra poder dizer aos ouvidos de

Biblioteca Nacional de Maestros

todas as creanças do Brazil : Estudai, meus compatriotazinhos, porque são os primeiros ensinamentos, de que ainda não podeis avaliar toda a importancia e sentir toda a efficacia; são as impressões da primeira leitura; a primeira bôa tendencia do pensamento; a primeira victoria da vontade, o que prepara na infancia os operarios exemplares, os empregados uteis, os grandes inventores, os industriaes fecundos, os pais educadores, os pensadores sabios, os cidadãos beneméritos; exactamente como aquellas pequenas sementes esparsas, e quasi perdidas no solo, que produzem com o tempo a seára de ouro que é o esplendor dos campos e a riqueza das nações.

Por isso, eu lhes diria : *Estudai*, e accrescentava, e *sêde bons*, — porque a cultura do espirito, desacompanhada da bondade, seria como um bello manto lançado sobre o egoismo e sobre o orgulho; seria uma cousa vasia e morta, como essas scintillantes armaduras dos museus, a que faltam o corpo e a alma do cavalleiro que as vestia.

A bondade é para as virtudes do coração e do espirito o que é o sol para os planetas : a luz, o calor, a vida; a bondade é força,

Biblioteca Nacional de Maestros

gentileza, piedade, consolação, perdão ; é mãe da rectidão, do altruismo e da coragem, não existindo coragem, no rigor do termo, que não derive da nobreza d'alma, como não ha nobreza sinão naquelle que é bom. A vossa bondade, meus patriciozinhos, é a dignidade e a graça da escola, a concordia e o sorriso do lar, a bençam da vida e da morte dos que trabalham e soffrem por vós.

Aconselho-vos o trabalho e a bondade, não sómente porque são os primeiros deveres humanos, como tambem serão uma fonte de felicidades para vós mesmos, para a vossa familia, para a vossa patria, para a sociedade emfim, em que viveis.

Sim, queremos que cresçais mais bondosos, mais cultos, mais rectos, mais magnanimos do que nós, e essa é a razão por que a vossa educação é o mais puro cuidado dos nossos esforços, e o vosso futuro a mais santa das nossas esperanças.

Levantou-se ha pouco a aurora do seculo XX. Esse é o vosso seculo, creanças. Nós outros, os velhos, que, com o coração commovido, vos fazemos os mais felizes angurios, não desejamos viver sinão o tempo necessario para guiar os vossos primeiros passos,

Biblioteca Nacional de Maestros

para confortar-vos nas primeiras dores, abençoar a vossa primeira victoria e saudar triumphantes a bandeira da Civilisação, que ora vos transmittimos, glorificada pelo genio e santificada pelo sangue de nossos pais.

Era isto que eu diria á infancia brazileira, si toda ella me pudesse ouvir.

Tio José calou-se, porque o trem, do alto da collina donde se descortinava um grande trecho da cidade, se poz a apitar como saudando as palavras do bondoso marinheiro.

Paulo approximou-se da janella do vagão.

Lá ao longe, illuminados pela luz cariciosa do sol, appareciam o telhado e as janellas do grupo escolar.

Paulo contemplou-o com um olhar inexprimivel, que era, ao mesmo tempo, uma caricia e uma promessa de victoria.

Biblioteca Nacional de Maestros

DAE LUZ

« A nossa consciencia
« Respeita simplesmente as leis da geometria.
GUERRA JUNQUEIRO.

A Biblia diz que Deus, em seu saber profundo,
um dia logo após haver creado o mundo,
em trevas envolvido, espessas, sepulcraes;
— primeiro que fizesse as plantas e animaes,
os passaros do ar, os peixes, os reptís,
as pantheras, e os leões, que vivem nos covís, —
creou a luz.
E a luz illuminou a terra.

A sciencia tambem diz, e a sciencia nunca erra,
que desde os vegetaes mais tenros — os arbustos —
aos robles da floresta, aos carvalhos robustos,
todos vivem de sol, todos vivem de luz.

A treva causa horror, mas o clarão seduz !
a treva significa a noite indefinida;
a luz significa alma e significa vida.
Uma é um céo esplendente, outra um escuro lago.
— A luz é como Ophelia, a treva é como Iago.

Biblioteca Nacional de Maestros

O cerebro tambem é um mundo... Um mundo occulto,
onde rebenta e medra, e cresce e toma vulto,
avassalando tudo em seu grande incremento,
um grande tronco — a idéa, um roble — o pensamento!
o pensamento crêa e o pensamento mata.

. . . . . .

É que a aza que elle tem, ninguem póde prendel-a;
em um minuto vae duma estrella a outra estrella.
E, alli, attento, indaga e soffrego perscruta
desde o mais alto monte á mais pequena gruta.

Mas esse pensamento, esse que vae aos céos,
e que atravessa o tempo, e que analysa Deus;
esse que rasga a treva, e luz como os pharóes;
que mede e determina o espaço entre dous sóes;
esse que só aceita aquillo que é geometrico;
que faz gravar o som, que prende o raio electrico:
e que não só destróe, mas crêa em abundancia;
que faz levar a voz a leguas de distancia;
esse que ha de curar a sociedade tisica,
e que inventou as leis da chimica e da physica —
é o pensamento livre e são por excellencia,
é aquelle que se apoia e se funda na sciencia,
natural, positiva. É aquelle que, em Jesus,
vê sô um Deus de Amor: — É o pensamento — Luz.

. . . . . .

A luz! A luz! A luz! Eis de que necessita
o cérebro da plebe — em cujo ninho habita
um corvo — a ignorancia, um negro abutre — o crime.
Dae luz! Nada mais bello e nada mais sublime.

Biblioteca Nacional de Maestros

Instrui e educae bem os cerebros franzinos
desses bons, e joviaes, e louros pequeninos.
Eu quero... eu quero ver esses filhos da aurora,
em cujos corações, em cujos peitos mora,
e canta noite e dia a ave da innocencia, —
morderem desde já o pomo da Sciencia.
Fazendo assim, fareis da Patria um paraiso.
Por isso, instruí, — á força, até, si fôr preciso.
Porque (já alguem o disse e eu digo-o neste instante)
ninguem direito tem de ficar ignorante.
Enchei-lhes a alma bem de affectos, de civismo.
Dai-lhes a lêr *Il Cuore* em vez do catechismo.
É bom que se lhes tire esse terror profundo
que têm de Belzebuth e de almas do outro mundo.
Arrancae-os do medo em que elles se consomem...

A educação da infancia é que prepara o homem.

P'ra longe Satanáz! Para longe o terror!
Educal-os deveis por meio disto : — O Amor.

René Barreto.

FIM

Biblioteca Nacional de Maestros

THESE

Da Revista de Ensino : — *Quaes os caracteristicos da leitura expressiva e quaes os meios de conseguil-a?*

Emquanto mão mais adestrada não segura da penna para dizer sobre cada uma das theses apresentadas pelo illustre companheiro e amigo, em boa hora investido das responsabilidades de redactor-chefe de nossa modesta *Revista*, tratarei eu de apresentar algumas observações a respeito da these acceita para epigraphe.

Não é exaggero affirmar que á leitura em vóz alta, á leitura expressiva, liga-se entre nós pouca importancia.

O eminente Dr. Abilio Borges disse, que desde que começára a tomar interesse pelo ensino da mocidade, não pôde deixar de sentir-se impressionado mui desagradavelmente por essa cantarola plangente, monotona e desentoada, caracteristica dos meninos de nossas escolas, descuidosos inteiramente, elles e seus mestres, das pausas e dos tons requeridos pelos diversos signaes da pontuação, e, portanto, do sentido do trecho lido.

Não nos tolhesse o receio de sermos tido na conta de exigentes e diriamos, que ainda agora, a leitura feita em grande numero de escolas, deixa muito a desejar.

Póde-se mesmo affirmar que a leitura não alcançou entre nós o logar distincto que lhe pertence no ensino primario.

No emtanto, já em 1879, dizia E. Legouvé, em seu notavel trabalho sobre leitura em voz alta, trabalho esse traduzido pelo benemerito Barão de Macahubas, e de que nos auxiliamos :

« Ha alguns annos, o talento da palavra era uma raridade, sendo o uso da palavra uma excepção.

« Hoje a voz se tem tornado o grande agente, o grande intermediario de todas as relações sociaes.

Biblioteca Nacional de Maestros

« Hoje, todo o mundo deve aprender a lêr e a falar, porque todo o mundo póde ser obrigado a falar e a lêr.»

Não será demais, pois, chamar a attenção do professorado para o cultivo da arte da leitura, tanto mais que ella serve de principal instrumento em nossas mais elevadas relações familiares e sociaes.

Os povos antigos ligavam á arte da leitura uma importancia tal, que, em suas festas, não deixava de figurar a recitação de bellas estrophes consagradas aos seus guerreiros, aos feitos mais notaveis de suas armas, á victoria de suas legiões.

Modernamente veio ella tornar-se uma necessidade para todos aquelles que aspiram fruir as vantagens desta civilisação, que faz de um lenhador — um Lincoln, de um modesto livreiro — um Evaristo da Veiga, de cada cidadão um membro solidario na grande responsabilidade dos destinos de uma patria livre.

Os paizes mais cultos, aquelles que apresentam resultados de um maior progresso intellectual, têm até leitores publicos.

Realizam reuniões publicas, em que o leitor apresenta a seu numeroso auditorio as mais ricas joias de literatura.

Não tratam só de que a totalidade dos habitantes saibam lêr; possuem tambem artistas da palavra, interpretes intelligentes de seus melhores prosadores e poetas, concorrendo assim para o desenvolvimento artistico do povo.

Nos Estados Unidos, a leitura em voz alta é contada entre os elementos mais importantes da instrucção publica — e uma das bases do seu ensino primario.

São os professores primarios, principalmente, que devem desde já promover uma geral e preveitosa reacção, combatendo os restos dessa rotina que tantos males causa, que tantas aptidões inutilisa.

E o exemplo é indiscutivelmente a primeira arma a empregar. Elle é dos mais salutares resultados.

Recordamos ainda com saudade o exemplo do incomparavel mestre, Silva Jardim.

Ao lêr, em aula, um trecho de um dos nossos prosadores ou poetas, o fazia elle com tal verdade e sentimento, que cada um de nós se sentia obrigado a repetidos exercicios de leitura, convencido da necessidade de aperfeiçoar-se para poder lêr em publico, si a opportunidade se apresentasse.

Esse exemplo patenteia a necessidade que ha em fazer ouvir a lição antes de a mandar lêr aos nossos alumnos, e a vantagem de de que essa leitura seja tal que lhes desperte o gosto e os incite a aperfeiçoar-se pela imitação.

Considerando, pois, a leitura em voz alta, a leitura expressiva, como parte importante da educação intellectual da mocidade, e como elemento de cultura e desenvolvimento social, trataremos de expôr em rapidos traços a série de preceitos ou regras sobre que ella assenta.

Essas regras, diz o autor a que nos temos referido, são de duas species : — materiaes e intellectuaes, porque a arte da leitura re-

Biblioteca Nacional de Maestros

pousa ao mesmo tempo sobre o exercicio de uma funcção physica — a voz — e de outra intellectual — o pensamento.

A voz, comparavel ao mais simples instrumento, precisa ser conhecida e estudada, de modo a tirarmos della todos os sons possiveis, que exprimam, com justeza, o sentimento que nos anima, quando falamos, ou aquelle que devia animar o autor do trecho escripto, quando lemos.

As tres especies de vozes, que por si mesmas se definem, são : voz baixa, voz média e voz alta, todas tres indispensaveis na arte da leitura; mas o uso dellas deve ser, e é differente, porque sua força é muito differente.

A mais solida, a mais flexivel, e a mais natural dessas tres vozes é a média.

De facto, a voz média sendo a voz ordinaria, é della que procede a expressão de todos os sentimentos os mais naturaes e mais verdadeiros.

As notas baixas são muitas vezes um poder, e as notas altas um brilhantismo; mas convém empregal-as a proposito, quasi excepcionalmente.

Portanto, o primeiro preceito da arte da leitura, é a supremacia dada á voz média.

As cordas altas são muito mais frageis e mais delicadas. Si as empregarmos demasiado, si as fizermos vibrar demasiado, ellas desafinarão e tornar-se-ão chiantes; daremos notas falsas, e o proprio orgam, o orgam da voz todo inteiro, se alterará.

Não é menos prejudicial o abuso das notas baixas. Traz monotonia, produz alguma cousa de triste, surdo, pesado.

Da mesma fórma que variam os tons de um instrumento, deve o orgam da voz produzir sons agudos e graves, rapidos e lentos, altos e baixos, segundo as paixões que têm de expressar.

A fala é uma especie de musica : toda a sua belleza consiste na variedade dos tons, ora agudos, ora baixos, conforme pedem os assumptos.

Mas a mistura de diversas vozes não constitue o unico trabalho, o unico segredo da leitura.

Faz-se mister ainda, e antes de tudo, completar a voz por um constante exercicio.

O exercicio fortifica as vozes fracas, abranda as duras, adoça as chiantes.

De passagem, e si me fosse concedido indicar o exercicio mais conveniente em nossas escolas, eu apontaria, a exemplo do que já se faz em algumas, estabelecer exercicios semanaes de declamação, onde os alumnos ouvem lêra seu mestre, e elles mesmo lêem um trecho de antemão escolhido e estudado.

Estes exercicios, além das vantagens apontadas, auxiliam efficazmente o desenvolvimento da memoria, concorrendo para um harmonico conjuncto, sem esquecer o que elles têm de attrahente e delicado.

Si, no ensino, já se abusou, querendo que a memoria fosse a unica faculdade a desenvolver, esquecendo a necessidade de formar o

Biblioteca Nacional de Maestros

raciocinio do educando, é certo que o exercicio da memoria é necessario, e a memoria, como todas as nossas faculdades, torna-se mais apta quanto mais a exercitamos.

A poesia descriptiva ou patriotica, especialmente, fornece campo vasto e ameno aos exercicios de recitação.

Nossa *Revista*, em sua parte — Literatura Infantil — tem por especial objecto auxiliar os professores nessa tarefa.

* * *

Um dos mais importantes preceitos da leitura, consiste em aprender a respirar.

Parecê que si ha no mundo um acto natural, em que nada tenha que vêr a arte, é o acto da respiração.

Respirar é viver, e nós respiramos insensivelmente, do mesmo modo que vivemos.

Entretanto, não se lê bem, si se não respira bem; e não se respira bem, sem que se aprenda a respirar. E nisto consiste um dos mais raros talentos do leitor.

Não esqueçamos que a respiração se compõe de dous actos: — aspirar e exspirar.

Aspirar é adquirir, é armazenar: — exspirar é gastar.

Ha ahi duas artes differentes: — aspirar é uma arte, e exspirar é outra arte.

A arte da aspiração consiste em tomal-a da base mesma do pulmão, — do diaphragma.

Si não aspirarmos sinão na parte superior dos pulmões, fazemos uma provisão de ar demasiadamente pequena: — não enchemos nosso armazem.

Estes preceitos, importantes quanto á leitura, o são ainda mais em relação á saúde e desenvolvimento physico do educando.

Na sua parte propriamente mecanica, a regularidade da respiração tem a vantagem de concorrer para o desenvolvimento da caixa thoraxica, auxiliando, pela bôa conformação, a maxima dilatação dos pulmões.

O primeiro dever do leitor, que tem de se aprovisionar para uma viagem longa, é, portanto, aspirar profundamente, de modo que tenha os pulmões bem providos.

Quem lê, especialmente quem lê em publico, deve ter o maximo cuidado que a sua provisão não se exgotte; para isso, além das aspirações feitas de accôrdo com os diversos signaes de pontuação, antes que o ar seja completamente exspirado, e com o fim de evitar a interrupção da phrase, póde-se, á semelhança de notavel artista, fazer aspiração no principio e no fim das palavras, quando estas começam ou terminam por *a*, por *e*, e por *o*, isto é, nos logares em que estando já aberta a bocca, pode-se aspirar rapidamente sem que o percebam os ouvintes.

Vae, na pratica desta regra, a mais completa segurança ao principio que todos devemos ter em vista — não cansar: leitor, que cansa, é mau leitor.

Biblioteca Nacional de Maestros

Na leitura ha um ponto que, bem applicado, arrasta comsigo a observancia, ao menos relativa, de todos os outros : — é a pontuação.

Aquelle que *pontúa lendo*, respira bem, pronuncia melhor, e articúla com mais facilidade.

Bem pontuar é medir e moderar sua recitação, é distinguir as diversas partes de uma phrase, é evitar a confusão que nasce do amontoamento das palavras umas sobre as outras, é interromper a todo momento a tendencia á psalmódia, e, por conseguinte, evital-a, é ser claro, e é, portanto, ajudar os outros a comprehenderem o leitor, e forçar este a comprehender-se a si mesmo.

A arte da pontuação é a metade da arte da leitura, porque pontuar lendo, não é só tornar-se claro, é tambem repousar.

Os pontos e as virgulas espaçados em um periodo longo, figuram esses pequenos bancos postados no alto das escadas um pouco ingremes : — quem sobe, nelles se assenta para tomar folego.

Além das pausas indicadas pela pontuação, além da respiração, isto é, da provisão de ar que podemos fazer antes das palavras começadas e terminadas em *a*, *e*, *o*, podemos tambem fazer pequena pausa menor do que na virgula, depois dos sujeitos das orações, das conjuncções, dos pronomes relativos, antes e depois das phrases circumstanciaes.

Não deve o leitor fazer pausa alguma, enunciando seguidamente, como si estivessem ligados entre si, os verbos e seu complemento, entre os artigos e as palavras por elles determinadas, entre os substantivos e seus complementos restrictivos, entre as preposições e as partes regidas pelas mesmas, entre os adverbios e os termos por elles modificados.

Si a série de pausas, a diversidade de entoações e a verdade da inflexão são importantes na leitura, não é menos necessaria a bôa pronuncia das consoantes.

Da bôa pronunciação depende principalmente a clareza do discurso, a correcção da elocução, a vida, mesmo, da palavra ; é, pois, importante conhecer suas regras.

A articulação, tem, portanto, uma dupla tarefa : — ella faz o officio do som, e é por conseguinte forçada a desenhar claramente as palavras, e a apoiar fortemente sobre cada syllaba para fazel-a entrar no espirito do nosso ouvinte.

Ha um meio infallivel de corrigir todos os desfallecimentos e todas as durezas da articulação; consiste em submetter se, por algum tempo, a exercicios constantes da leitura em voz alta.

Só esta gymnastica conseguirá tornar tão flexiveis e fortes os musculos articulares, que estes corresponderão, por sua elasticidade, a todos os movimentos do pensamento, e a todas as difficuldades da dicção.

Immenso é o papel que a articulação representa na leitura.

E a articulacão, e sómente a articulação, que dá alma, energia e vehemencia ás palavras.

Biblioteca Nacional de Maestros

Tal é o poder da articulação, que ella póde até supprir a fraqueza da voz, mesmo diante de um grande auditorio.

Lembro aqui a explicação que nos dava o notavel philologo e sabio mestre Julio Ribeiro, quando nos affirmava a facilidade com que aprendia a falar qualquer lingua : é diante do espelho que eu estudo a propria estructura de cada som, de cada consoante.

Não será demais accentuar este ponto. Quando o leitor, por uma série de circumstancias locaes, um ruido subito, por exemplo, se vê em difficuldades para ser ouvido pelos circumstantes, não é com maior força de voz que ha de conseguir o desejado resultado.

É na maior expressão dada á phrase, é na mais demorada articulação das consoantes, na maior pausa dada á sua leitura que está o segredo.

Esta série de considerações conduzem-nos a dar ao exercicio da leitura a maxima importancia, como meio de estudar a propria voz em sua inflexão e entoação, corrigindo-a, até que o proprio ouvido, juiz imparcial da nossa leitura, se declare satisfeito.

Si além do que tem de agradavel quizermos considerar o que a leitura expressiva tem de util, veremos que, em face do proprio alumno, essa importancia augmenta, ao consideral-a como um meio de adquirir conhecimentos, sendo, como ficou dito, um poderoso auxiliar da memoria.

De facto, decorar o alumno uma lição á força de repetil-a inconscientemente, aos poucos, sem comprehender o que lê, é tão contrario ao bom senso, tão falto de logica, que parece impossivel até, que um alumno por este processo chegue a decorar duas phrases.

Contrariamente, querendo decorar um trecho, o primeiro cuidado deve ser entendel-o, lendo-o correctamente, methodicamente, segundo as leis da pontuação, e segundo o movimento das phrases.

Lidas assim, essas phrases imprimir-se-ão mais promptamente na memoria, porque se desenharão mais claramente no espirito.

A fidelidade da lembrança depende tanto da intelligencia quanto da memoria : — a memoria recebe a impressão e guarda-a; a intelligencia burila-a.

Aprender a lêr é, pois, aprender a reter, porque é aprender a aprender.

E para o mestre, para aquelle que ensina, além da satisfacção pessoal que resulta do cumprimento de sua elevada missão, nobre e plenamente cumprida, ha tambem um interesse de primeira ordem, interesse de saude, talvez interesse de vida, em saber servir-se do seu unico e fragil instrumento de trabalho — a voz.

Pois bem ! Um dos resultados do exercicio da leitura é precisamente o de lêr e falar sem fadiga.

Ao querer, pois systematizar os preceitos mais indispensaveis para obter dos discipulos uma boa leitura corrente, não podemos esquecer que o alumno não deve lêr senão o que comprehende, o que sabe, o que sente.

Todo conhecimento como toda arte, basea-se no que ella tem de mais simples, de mais elementar.

Por isso deve-se começar dando ao alumno um trecho que en-

Biblioteca Nacional de Maestros

cerre assumpto na altura de sua edade, de seu desenvolvimento.

Queremos que os discipulos leiam bem um pedaço destacado? — Convém exigir delles imperiosamente que não recitem uma linha, não dêm uma resposta ou uma explicação, que não leiam um thema, sem observar as leis fundamentaes da leitura.

Simples narrações, trechos naturaes, factos e reflexões ao alcance dos meninos, taes devem ser os assumptos de seus exercicios.

Não devemos tambem esquecer a propria posição do alumno, do leitor; corpo levantado, sem affectação, não deixando que os pequenos leitores encostem os cotovellos aos lados do peito, o que impede a franca respiração, tendo o maximo cuidado que não curvem a cabeça para a frente ou para o lado, impedindo assim a livre passagem do som.

Deste modo evitaremos uma cousa que, á primeira vista, não se explica. Um menino pronuncia bem, fala com clareza quando conta ou expõe um facto, e pronuncia mal quando lê uma lição.

Outros males que se evitam, obrigando o alumno a conservar o livro a certa distancia, como se vê da estampa acima, são as molestias dos olhos, a respiração do ar envenenado que durante a leitura exspirou, e o abafamento da voz de encontro ás folhas do livro.

Convém lembrar que a conjuncção *e*, quando concorre com outra vogal, pronuncia-se *i*, facto este que muito auxilia a boa dicção, facilitando a leitura, como se vê pelo seguinte verso:

« O amor e o odio, a luz e a treva, o bem e o mal,

que se lê:

« O amor i o odio, a luz i a treva, o bem i o mal.

Quando a conjuncção *e* precede *é*, verbo, tambem sua leitura faz-se como *i*. Sirva de exemplo o verso seguinte:

« E é deste turbilhão de sciencias colossaes,

que deve ser lido:

« I é deste turbilhão de sciencias collossaes,

pronuncia mais euphonica, e que facilita notavelmente a leitura.

Os portuguezes até, instinctivamente, quando concorrem duas vogaes eguaes, costumam pronuncial-as collocando entre ellas um *i* euphonico. Elles dizem a *i*agua; é *i*essa, etc.

Antes de terminar, transcreverei aqui umas estrophes do grande Guerra Junqueiro, com o fim de indicar praticamente o emprego das regras ou meios praticos para que sua leitura possa ser feita

Biblioteca Nacional de Maestros

com toda a força de voz que ella requér, e sem perigo de cansaço, ponto principal a que, como dissemos, se deve attender.

Além das pausas marcadas pela pontuação, temos as que podemos chamar de *respiração* ou *inflexão*, que não quebram a cadencia nem o sentido do verso, antes o tornam mais claro e sonoro.

Essas pausas ou inflexões, em que a inspiração póde ser francamente feita, vão indicadas na poesia com dous parenthesis (*) assim como aquelles logares em que concorrendo as vozes indicadas anteriormente, a inspiração tambem póde ser feita, sem prejuizo da clareza e com o maximo descanço de quem lê e de quem escuta.

RAMON ROCA.

(EXCERPTO)

« Ha muito que fazer, muito que destruir.
(*)
Trabalhae, trabalhae nas forjas do porvir,
mineiros do futuro, artistas da verdade!
(*)
Ha seis mil annos já que o sol da liberdade
vae descrevendo a curva, a ecliptica gigante,
(*)
cujas constellações são Prometheu e Dante
(*)
e Christo, Galileu, Washington, Pascal
e Newton e Voltaire — zodiaco immortal
da consciencia humana. Hoje são necessarios
(*)
ainda outros heroes e ainda outros calvarios
(*)
para que o grande sol do amor e do direito,
como um raio, descreva um circulo perfeito
á volta do universo. Apostolos, marchae!
Rugi como trovões nas fragas do Sinai.
Sêde fortes, viris, energicos, serenos,
soberbos para os reis, mansos para os pequenos.
. . . . . .
« O amor e o odio, a luz e a treva, o bem e o mal,
eis a dupla questão.
O pensamento humano

Biblioteca Nacional de Maestros

mergulhou como um Deus nas grutas do oceano,
embebeu-se no azul, andou pelo infinito.
Interrogou a historia, os ventos, o granito,
todas as creações, todas as creaturas,
vermes, religiões, abysmos, sepulturas,
(*)
e disse-nos : — Jesus, Socrates, Platão
falaram a verdade. Existe uma razão,
uma idéa, uma lei mysteriosa, etherea,
(*)
que rege o movimento e as fórmas da materia
desde a bocca do tigre ao coração das flores,
(*)
desde a aza da pomba á aza dos condores,
(*)
desde o abysmo do céo aos pélagos profundos.
Os globulos do sangue e os globulos dos mundos,
as correntes do mar e as luctas das paixões,
o verme e a tempestade, os homens e o vulcões,
tudo, tudo obedece á mesma lei suprema.
« Definir essa lei — eis o immortal problema.
« Trabalha para isso a natureza inteira :
a consciencia, o ferro, a bussola, a caldeira,
o magnetismo, a luz, as prensas, o martello,
a voz da intuição e a lingua do escalpello,
a critica e a fé, os dogmas e os metaes.
E é deste turbilhão de sciencias colossaes,
dos livros, do vapor, das forjas, dos museus,
desta approximação immensa para Deus,
que hão de surgir em breve, athleticas, radiantes,
musas para inspirar theorbas de gigantes.

FIM

BIBLIOTECA NACIONAL DE MAESTROS

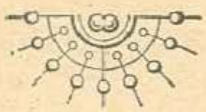
Biblioteca Nacional de Maestros

INDICE

Uma carta 1
Reflexões. 9
Um velho amigo 13
Conselhos 17
21 de Abril 24
Linha de conducta 30
Um rapaz corajoso. 34
Força e coragem 39
A festa das arvores 45
Amor ás arvores 49
Idylio 54
O Marquez de Tamandaré 61
Regresso 65
Fastos do Brazil — 3 de Maio 69
O Limoeiro de tio José 72
Boa peça. 79
A venda dos bois 84
Reflexões. 88
O Livro. 91
Fastos do Brasil — 13 de Maio 94
O Codigo 96
Trabalho e vontade 98
A reprehensão 102
A partida 106
A primeira visita. 110
Intimidade. 117
Holocausto. 121

Biblioteca Nacional de Maestros

A historia de Jorge 129
O Samba 135
A Aia 139
Reflexões 147
A lucta 152
Os bandeirantes 155
A historia de Jorge — II — 158
O caçador de esmeraldas 164
A historia de Jorge — III — 169
Regresso 172
Dae luz 177
These 180



BIBLIOTECA NACIONAL
DE MAESTROS

Biblioteca Nacional de Maestros

Typ. Aillaud & Cie.

Biblioteca Nacional de Maestros

FRANCISCO ALVES & C^ia, Editores

RIO DE JANEIRO — 166, RUA DO OUVIDOR, 166
RUA DA BAHIA — BELLO HORIZONTE
65, RUA DE S. BENTO, 65 — SÃO PAULO

Obras do Dr. JOÃO KÖPKE

Serie Rangel Pestana

Primeiro livro de Leituras moraes	1$500
Segundo » » » »	2$000
Terceiro » » » »	2$000
Quarto » » » »	3$000
Quinto » » » *(Florilegio)*	4$000
Leituras praticas e instructivas	1$500
Fabulas	1$500

Dr. ARTHUR THIRÉ

Geographia Elementar	2$000
Arithmetica dos principiantes	1$500
Cartilha Infantil	500

ARNALDO BARRETO

Primeiras leituras, edição colorida	2$000
Leituras Moraes	1$500
Cartilha das mães	1$000

MIGUEL ALVES FEITOSA

Grammatica das Escolas = Periodo Elementar	800
» » » = » Medio	1$500
» » » = » Superior	2$000

NOVISSIMO METHODO DE FRANCEZ

Por um Professor

Segunda edição cuidadosamente revista e melhorada, 1 grosso vol. cart. . . . . 2$500

GRAMMATICA PORTUGUEZA

Por JULIO RIBEIRO

Nova edição cuidadosamente revista	3$000
Holmes Brazileiro	1$000

Serie PUIGGARI-BARRETO

1.º Livro	1$500
2.º »	2$000
3.º »	2$500
4.º »	$

FRANCISCO VIANNA

Leituras Infantis	2$000

Biblioteca Nacional de Madrid